



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

VANESSA DA SILVA BELARMINO

**“UM DIA É DA CAÇA, OUTRO É DO CAÇADOR”: caracterização das
cenas de caça na área arqueológica do Parque Nacional Serra da
Capivara- PI**



SÃO RAIMUNDO NONATO- PI

2023

VANESSA DA SILVA BELARMINO

**“UM DIA É DA CAÇA, OUTRO É DO CAÇADOR”: caracterização das
cenas de caça na área arqueológica do Parque Nacional Serra da
Cativara- PI**

Dissertação apresentada a Universidade
Federal do Vale do São Francisco-
UNIVASF, Campus Serra da Capivara,
como requisito para obtenção do título de
Mestre em Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Alexandre
Farias Fontes.

SÃO RAIMUNDO NONATO- PI

2023

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca SIBI/UNIVASF
Bibliotecária: Kênia Leandra Ferreira Alves CRB/15: 886

Belarmino, Vanessa da Silva

B426d “Um dia é da caça, outro é do caçador”: caracterização das cenas de caça na área arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara / Vanessa da Silva Belarmino - São Raimundo Nonato - PI, 2023.

195 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Alexandre Farias Fontes.

1. Sítios arqueológicos. 2. Pinturas rupestres. I. Fontes, Mauro Alexandre Farias. II. Título. III. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 930.1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

VANESSA DA SILVA BELARMINO

**“UM DIA É DA CAÇA, OUTRO É DO CAÇADOR”: caracterização das
cenas de caça na área arqueológica do Parque Nacional Serra da
Capivara- PI**

Dissertação apresentada à Universidade
Federal do Vale do São Francisco-
UNIVASF, Campus Serra da Capivara,
como requisito para obtenção do título de
Mestre em Arqueologia.

Banca Examinadora

 Documento assinado digitalmente
MAURO ALEXANDRE FARIAS FONTES
Data: 03/02/2023 22:04:26-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Dr. Mauro Alexandre Farias Fontes. - Orientador
Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf)

 Documento assinado digitalmente
MARIA FATIMA RIBEIRO BARBOSA
Data: 06/02/2023 16:24:42-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Dra. Maria Fátima Ribeiro Barbosa - Avaliadora
Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf)

 Documento assinado digitalmente
MICHEL JUSTAMAND
Data: 04/02/2023 07:08:11-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Dr. Michel Justamand - Avaliador
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecer a fonte da inteligência infinita que nos mantém alinhados e conectados a tudo nesse universo.

Às pesquisadoras que marcaram época, abriram horizontes e revelaram a pré-história da região Nordeste do Brasil: Dra. Niède Guidon, Dra. Ane Marie Pessis e a Dra. Gabriela Martin.

Ao Dr. Mauro Alexandre Farias Fontes por fazer parte dessa trajetória como professor e orientador, tem todo meu carinho, admiração e respeito!

A banca examinadora: Dra. Fátima Barbosa e Dr. Michel Justamand pelo aceite, avaliação e contribuições nesta pesquisa.

A minha família por todo apoio em especial meus filhos Isaac Emanuel e Vitoria Eloá, amos vocês!

Ao meu companheiro Elton Ribeiro por compartilhar a vida comigo, te amo!

Ao meu grande amigo Leonel Brizola que mesmo distante, sempre está comigo.

E não posso deixar de agradecer a todos meus professores e amigos do curso de Arqueologia pelas experiências e aprendizados que compartilhamos juntos ao longo desses anos!

A todos, minha sincera gratidão!

RESUMO

Os grafismos rupestres fazem parte dos vestígios arqueológicos e imprimem marcas dos padrões motores dos indivíduos que permitem o reconhecimento dos atributos de identidade dos grupos humanos pré-históricos. Nos estudos dos grafismos rupestres quanto mais se aprofundam as pesquisas, novos questionamentos surgem sobre as relações dos padrões, similaridades e diferenças no interior das categorias de entrada das classificações preliminarmente estabelecidas. Essa dissertação integra às pesquisas sistemáticas no estudo dos registros rupestres, investigando novos elementos de identificação para caracterização dos grafismos rupestres. Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa foi caracterizar os integrantes reconhecíveis na representação dessa temática (antropomorfos zoomorfos e a cultura material). Identificando os tipos, os modos e as técnicas de caça, verificando se existe recorrência entre as cenas, considerando as contribuições do enfoque teórico- metodológico que trata as pinturas rupestres como um sistema de comunicação, assim como, da utilização de questões originadas das discussões atuais sobre o registro rupestre no Nordeste do Brasil. Foi constatada a recorrência dominante da representação da caça de tatu e cervídeo. Possivelmente a recorrência pode ter sido influenciada à disponibilidade de grupos de animais endêmicos na área, preferências alimentares, a medida da prolongada relação dos autores com a paisagem local, singularizando atributos gráficos a sua identidade.

Palavras-chave: Recorrência temática; cenas de caça; Parque Nacional Serra da Capivara.

ABSTRACT

The rupestrian graphics are part of the archaeological remains and print marks of the motor patterns of individuals that allow the recognition of the identity attributes of pre historic human groups. In studies of rock art, the deeper the research, new questions arise about the relationships of patterns, similarities and differences within the entry categories of preliminary established classifications. This dissertation is part of systematic research in the study of rock records, investigating new identification elements for the characterization of rock art. In this sense, the objective of this research was to characterize the recognizable members in the representation of this theme (anthropomorphs, zoomorphs and material culture). Identifying the types, modes and techniques of hunting, checking whether there is recurrence between the scenes, considering the contributions of the theoretical-methodological approach that treats cave paintings as a communication system, as well as the use of issues arising from current discussions on rock records in Northeast Brazil. A dominant recurrence of the representation of armadillo and deer hunting was observed. Possibly the recurrence may have been influenced by the availability of groups of endemic animals in the area, food preferences, the extent of the authors' prolonged relationship with the local landscape, singling out graphic attributes of their identity.

Keywords: thematic recurrence; hunting scenes; Serra da Capivara National Park.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Pintura rupestre na Grotte de Roufinac, França.	22
Figura 2- Pedra Furada- Parque Nacional Serra da Capivara-PI.	30
Figura 3- Mapa dos topônimos do Parque Nacional Serra da Capivara.	31
Figura 4- Mapa geológico do Parque Nacional Serra da Capivara e entorno.	32
Figura 5- Mapa geomorfológico do Parque Nacional Serra da Capivara.	34
Figura 6- Mapa da bacia hidrográfica do Rio Parnaíba.	36
Figura 7- Distribuição da vegetação no Parque Nacional Serra da Capivara.	37
Figura 8- Expedição rupestre na Serra da Capivara- PI.....	43
Figura 9- Modelo analítico do perfil gráfico.	44
Figura 10- Modelo analítico do perfil gráfico.....	45
Figura 11- Variáveis selecionadas para análise das cenas.....	47
Figura 12- Vetorização com software Inkscape.....	49
Figura 13- Segregação das imagens com software Lightroom.	50
Figura 14- Mapa de localização dos sítios com cenas de caça.....	51
Figura 15- Sítio Toca do Paraguaio.....	52
Figura 16- Cena 1: Sítio Toca do Paraguaio.	53
Figura 17- Cena 2: Sítio Toca do Paraguaio.	54
Figura 18- Cena 3: Sítio Toca do Paraguaio.	55
Figura 19- Cena 4: Sítio Toca do Paraguaio.	56
Figura 20- Cena 5: Sítio Toca do Paraguaio.	57
Figura 21- Cena 6: Sítio Toca do Paraguaio.	58
Figura 22- Cena 7: Sítio Toca do Paraguaio.	59
Figura 23- Cena 8: Sítio Toca do Paraguaio.	60
Figura 24- Toca da Entrada do Baixão da Vaca.....	61
Figura 25- Cena 1: Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca.	62
Figura 26- Cena 2: Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca.	63
Figura 27- Cena 3: Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca.	64
Figura 28- Cena 4: Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca.	65
Figura 29- Cena 5: Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca.	66
Figura 30- Cena 6: Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca.	67
Figura 31- Cena 7: Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca.	68
Figura 32- Sítio Toca do Barro.	69
Figura 33- Cena 1: Sítio Toca do Barro.....	70

Figura 34- Sítio Toca do Pajaú.....	71
Figura 35- Cena 1: Sítio Toca do Pajaú.	72
Figura 36- Cena 2: Sítio Toca do Pajaú.	73
Figura 37- Cena 4: Sítio Toca do Pajaú.	74
Figura 38- Cena 5: Sítio Toca do Pajaú.	75
Figura 39- Toca do Sítio do Meio.	76
Figura 40- Cena 1: Sítio do Meio.....	77
Figura 41- Cena 2: Sítio do Meio.....	78
Figura 42- Cena 3: Sítio do Meio.....	79
Figura 43- Cena 4: Sítio do Meio.....	80
Figura 44- Sítio Toca do Vento.....	81
Figura 45- Cena 1: Sítio Toca do Vento.	82
Figura 46- Cena 2: Sítio Toca do Vento.	83
Figura 47- Cena 3: Sítio Toca do Vento.	84
Figura 48- Cena 4: Sítio Toca do Vento.	85
Figura 49- Cena 5: Sítio Toca do Vento.	86
Figura 50- Sítio Toca da Extrema II.....	87
Figura 51- Cena 1: Sítio Toca da Extrema.	88
Figura 52- Sítio Toca da Ema do Sítio do Brás I.	89
Figura 53- Cena 1: Sítio Toca da Ema.	90
Figura 54- Cena 2: Sítio Toca da Ema.	91
Figura 55- Toca da Serrinha I ou Roça do Rosa I.	92
Figura 56- Cena 1: Sítio Toca da Serrinha I.....	93
Figura 57- Cena 2: Sítio Toca da Serrinha I.....	94
Figura 58- Sítio Toca do Caldeirão do Canoas I	95
Figura 59- Cena 1: Sítio Toca do Caldeirão do Canoas I.....	96
Figura 60- Cena 2: Sítio Toca do Caldeirão do Canoas I.....	97
Figura 61- Cena 3: Sítio Toca do Caldeirão do Canoas I.....	98
Figura 62- Sítio Toca do João Arsena.....	99
Figura 63- Cena 1: Sítio Toca do João Arsena.	100
Figura 64- Sítio Toca do Pinga do Boi.....	101
Figura 65- Cena 1: Sítio Toca do Pinga do Boi.	102
Figura 66- Cena 2: Sítio Toca do Pinga do Boi.	103
Figura 67- Cena 3: Sítio Toca do Pinga do Boi.	104
Figura 68- Cena 4: Sítio Toca do Pinga do Boi.	105

Figura 69- Cena 5: Sítio Toca do Pinga do Boi.	106
Figura 70- Sítio Toca do Sobradinho I.....	107
Figura 71- Cena 1: Sítio Toca do Sobradinho I.	108
Figura 72- Sítio Toca do Caldeirão dos Rodrigues I.....	109
Figura 73- Cena 1: Sítio Toca do Caldeirão dos Rodrigues I.	110
Figura 74- Cena 2: Sítio Toca do Caldeirão dos Rodrigues I.	111
Figura 75- Sítio Toca do Estevo II.	112
Figura 76- Cena 1: Sítio Toca do Estevo II.....	113
Figura 77- Sítio Toca do Estevo III ou da Onça.....	114
Figura 78- Cena 1: Sítio Toca do Estevo III ou da Onça.	115
Figura 79- Cena 2: Sítio Toca do Estevo III ou da Onça.	116
Figura 80- Cena 3: Sítio Toca do Estevo III ou da Onça.	117
Figura 81- Sítio Toca do Baixão do Perigoso.	118
Figura 82- Cena 1: Sítio Toca do Baixão do Perigoso.	119
Figura 83- Sítio Toca do Nilson do Boqueirão da Pedra Solta.	120
Figura 84- Cena 1: Sítio Toca do Nilson do Boqueirão da Pedra Solta.....	121
Figura 85- Sítio Toca das Figuras do Angical I.....	122
Figura 86- Cena 1: Sítio Toca das Figuras do Angical I.	123
Figura 87- Cena 2: Sítio Toca das Figuras do Angical I.	124
Figura 88- Cena 2: Sítio Toca das Figuras do Angical I.	125
Figura 89- Sítio Toca da Baixa das Cabaceiras.	126
Figura 90- Cena 1: Sítio Toca da Baixa das Cabaceiras.....	127
Figura 91- Cena 2: Sítio Toca da Baixa das Cabaceiras.....	128
Figura 92- Sítio Toca do Veredão VIII.	129
Figura 93- Cena 1: Sítio Toca do Veredão VIII.....	130
Figura 94- Cena 2: Sítio Toca do Veredão VIII.....	131
Figura 95- Cena 3: Sítio Toca do Veredão VIII.....	132
Figura 96- Sítio Toca do Veredão II.	133
Figura 97- Cena 1: Sítio Toca do Veredão II.....	134
Figura 98- Cena 2: Sítio Toca do Veredão II.....	135
Figura 99- Cena 3: Sítio Toca do Veredão II.....	136
Figura 100- Cena 4: Sítio Toca do Veredão II.....	137
Figura 101- Sítio Toca do Veredão IV ou Pau D'Arco.	138
Figura 102- Cena 1: Sítio Toca do Veredão IV ou Pau D'Arco.....	139
Figura 103- Sítio Toca do Veredão VII.	140

Figura 104- Cena 1: Sítio Toca do Veredão VII.....	141
Figura 105- Cena 2: Sítio Toca do Veredão VII.....	142
Figura 106- Sítio Toca do Visgueiro III.	143
Figura 107- Cena 1: Sítio Toca do Visgueiro III.....	144
Figura 108- Sítio Toca do Candu I.	145
Figura 109- Cena 1: Sítio Toca do Candu I.....	146
Figura 110- Sítio Toca da Fumaça I.	147
Figura 111- Cena 1: Sítio Toca da Fumaça I.....	148
Figura 112- Cena 2: Sítio Toca da Fumaça I.....	149
Figura 113- Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.....	150
Figura 114- Cena 1: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.	151
Figura 115- Cena 2: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.	152
Figura 116- Cena 3: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.	153
Figura 117- Cena 4: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.	154
Figura 118- Cena 5: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.	155
Figura 119- Cena 6: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.	156
Figura 120- Cena 7: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.	157
Figura 121- Cena 8: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.	158
Figura 122- Cena 9: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.	159
Figura 123- Cena 10: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.	160
Figura 124- Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada.	161
Figura 125- Cena 1: Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada.	162
Figura 126- Cena 2: Sítio Toca do BPF.	163
Figura 127- Cena 3: Sítio Toca do BPF.	164
Figura 128- Cena 4: Sítio Toca do BPF.	165
Figura 129- Cena 5: Sítio Toca do BPF.	166
Figura 130- Cena 6: Sítio Toca do BPF.	167
Figura 131- Cena 7: Sítio Toca do BPF.	168
Figura 132- Cena 8: Sítio Toca do BPF.	169
Figura 133- Sítio Toca da Pedra Una I.....	170
Figura 134- Cena 1: Sítio Toca da Pedra Una I.	171
Figura 135- Formulário de análise.....	172
Figura 136- Cena 3 vetorizada: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.....	176
Figura 137- Cena 1 vetorizada: Sítio Toca do Veredão VII	177
Figura 138- Cena 2 vetorizada: Sítio Toca da Baixa das Cabaceiras.	179

Figura 139- Cena 1 vetorizada: Sítio Toca do Veredão VIII.	180
Figura 140- Cena 2 vetorizada: Sítio Toca do Estevo III.	181
Figura 141- Cena 2 vetorizada: Sítio Toca do Veredão VIII.	182
Figura 142- Cena 8 vetorizada: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.....	183
Quadro1- Sítios com cenas de caça.....	41
Quadro 2- Figuras de antropomorfos.	45
Quadro 3- Figuras de zoomorfos.....	46
Quadro 4- Tipos de caça reconhecidos.....	173
Quadro 5- Tipos de técnicas de caça reconhecidos.....	174
Quadro 6- Tipos de cultura material reconhecidas.....	177
Gráfico 1- Recorrência dos tipos de caça.....	173
Gráfico 2- Recorrência das técnicas de caça.	175
Gráfico 3- Técnica de apresamento individual.	176
Gráfico 4- Recorrência de cultura material.	177

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	ABORDAGEM TEÓRICA	21
2.1	O REGISTRO RUPESTRE E SUAS INTERPRETAÇÕES	21
2.2	A CAÇA NA PRÉ-HISTÓRIA	26
3	CONTEXTO AMBIENTAL E ARQUEOLÓGICO	30
3.1	LOCALIZAÇÃO	30
3.2	GEOLOGIA	32
3.3	GEOMORFOLOGIA	33
3.4	CLIMA	35
3.5	HIDROGRAFIA	35
3.6	VEGETAÇÃO	36
3.7	FAUNA	38
3.8	CONTEXTO ARQUEOLÓGICO	38
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	41
4.1	CATEGORIAS ANALÍTICAS	43
4.2	COMPONENTES DA TEMÁTICA	44
4.3	COMPONENTES DA CENOGRAFIA	47
4.4	TRATAMENTOS DE IMAGENS	48
5	APRESENTAÇÃO DOS SÍTIOS E CARACTERIZAÇÃO DAS CENAS DE CAÇA	51
5.1	TOCA DO PARAGUAIO (cód. 01)	52
5.1.1	<i>Caracterização da cena 1</i>	53
5.1.2	<i>Caracterização da cena 2</i>	54
5.1.3	<i>Caracterização da cena 3</i>	55
5.1.4	<i>Caracterização da cena 4</i>	56
5.1.5	<i>Caracterização da cena 5</i>	57
5.1.6	<i>Caracterização da cena 6</i>	58
5.1.7	<i>Caracterização da cena 7</i>	59
5.1.8	<i>Caracterização da cena 8</i>	60
5.2	TOCA DA ENTRADA DO BAIXÃO DA VACA (cód. 02)	61
5.2.1	<i>Caracterização da cena 1</i>	62
5.2.2	<i>Caracterização da cena 2</i>	63

5.2.3	<i>Caracterização da cena 3</i>	64
5.2.4	<i>Caracterização da cena 4</i>	65
5.2.5	<i>Caracterização da cena 5</i>	66
5.2.6	<i>Caracterização da cena 6</i>	67
5.2.7	<i>Caracterização da cena 7</i>	68
5.3	TOCA DO BARRO (cód. 04)	69
5.3.1	<i>Caracterização da cena 1</i>	70
5.4	TOCA DA ENTRADA DO PAJAÚ (cód. 06)	71
5.4.1	<i>Caracterização da cena 1</i>	72
5.4.2	<i>Caracterização da cena 2</i>	73
5.4.3	<i>Caracterização da cena 3</i>	74
5.4.4	<i>Caracterização da cena 4</i>	75
5.5	TOCA DO SÍTIO DO MEIO (cód. 22)	76
5.5.1	<i>Caracterização da cena 1</i>	77
5.5.2	<i>Caracterização da cena 2</i>	78
5.5.3	<i>Caracterização da cena 3</i>	79
5.5.4	<i>Caracterização da cena 4</i>	80
5.6	TOCA DO VENTO (cód. 26).....	81
5.6.1	<i>Caracterização da cena 1</i>	82
5.6.2	<i>Caracterização da cena 2</i>	83
5.6.3	<i>Caracterização da cena 3</i>	84
5.6.4	<i>Caracterização da cena 4</i>	85
5.6.5	<i>Caracterização da cena 5</i>	86
5.7	TOCA DA EXTREMA II (cód. 33)	87
5.7.1	<i>Caracterização da cena 1</i>	88
5.8	TOCA DA EMA DO SÍTIO DO BRÁS I (cód. 42)	89
5.8.1	<i>Caracterização da cena 1</i>	90
5.8.2	<i>Caracterização da cena 2</i>	91
5.9	TOCA DA SERRINHA I OU ROÇA DO ROSA I (cód. 44).....	92
5.9.1	<i>Caracterização da cena 1</i>	93
5.9.2	<i>Caracterização da cena 2</i>	94
5.10	TOCA DO CALDEIRÃO CANOAS I (cód. 43)	95
5.10.1	<i>Caracterização da cena 1</i>	96
5.10.2	<i>Caracterização da cena 2</i>	97

5.10.3	Caracterização da cena 3.....	98
5.11	TOCA DO JOÃO ARSENA (cód. 51).....	99
5.11.1	Caracterização da cena 1.....	100
5.12	TOCA DO PINGA DO BOI (cód. 54)	101
5.12.1	Caracterização da cena 1.....	102
5.12.2	Caracterização da cena 2.....	103
5.12.3	Caracterização da cena 3.....	104
5.12.4	Caracterização da cena 4.....	105
5.12.5	Caracterização da cena 5.....	106
5.13	TOCA DO SOBRADINHO I (cód. 56)	107
5.13.1	Caracterização da cena 1.....	108
5.14	TOCA DO CALDEIRÃO DOS RODRIGUES I (cód. 72)	109
5.14.1	Caracterização da cena 1.....	110
5.14.2	Caracterização da cena 2.....	111
5.15	TOCA DO ESTEVO II (cód. 109).....	112
5.15.1	Caracterização da cena 1.....	113
5.16	TOCA DO ESTEVO III OU DA ONÇA (cód. 110)	114
5.16.1	Caracterização da cena 1.....	115
5.16.2	Caracterização da cena 2.....	116
5.16.3	Caracterização da cena 3.....	117
5.17	TOCA DO BAIXÃO DO PERIGOSO (cód. 121)	118
5.17.1	Caracterização da cena 1.....	119
5.18	TOCA DO NILSON DO BOQUEIRÃO DA PEDRA SOLTA (cód. 123) ...	120
5.18.1	Caracterização da cena 1.....	121
5.19	TOCA DAS FIGURAS DO ANGICAL I (cód. 130)	122
5.19.1	Caracterização da cena 1.....	123
5.19.2	Caracterização da cena 2.....	124
5.19.3	Caracterização da cena 3.....	125
5.20	TOCA DA BAIXA DAS CABACEIRAS (cód. 170).....	126
5.20.1	Caracterização da cena 1.....	127
5.20.2	Caracterização da cena 2.....	128
5.21	TOCA DO VEREDÃO VIII (cód. 225)	129
5.21.1	Caracterização da cena 1.....	130
5.21.2	Caracterização da cena 2.....	131

5.21.3	Caracterização da cena 3.....	132
5.22	TOCA DO VEREDÃO II (cód. 249).....	133
5.22.1	Caracterização da cena 1.....	134
5.22.2	Caracterização da cena 2.....	135
5.22.3	Caracterização da cena 3.....	136
5.22.4	Caracterização da cena 4.....	137
5.23	TOCA DO VEREDÃO IV OU PAU D'ARCO I (cód. 251)	138
5.23.1	Caracterização da cena 1.....	139
5.24	TOCA DO VEREDÃO VII (cód. 254)	140
5.24.1	Caracterização da cena 1.....	141
5.24.2	Caracterização da cena 2.....	142
5.25	TOCA DO VISGUEIRO III (cód. 276)	143
5.25.1	Caracterização da cena 1.....	144
5.26	TOCA DO CANDU I (cód. 359)	145
5.26.1	Caracterização da cena 1.....	146
5.27	TOCA DA FUMAÇA I (cód. 411)	147
5.27.1	Caracterização da cena 1.....	148
5.27.2	Caracterização da cena 2.....	149
5.28	TOCA DE CIMA DO FUNDO DO BPF (cód. 225)	150
5.28.1	Caracterização da cena 1.....	151
5.28.2	Caracterização da cena 2.....	152
5.28.3	Caracterização da cena 3.....	153
5.28.4	Caracterização da cena 4.....	154
5.28.5	Caracterização da cena 5.....	155
5.28.6	Caracterização da cena 6.....	156
5.28.7	Caracterização da cena 7.....	157
5.28.8	Caracterização da cena 8.....	158
5.28.9	Caracterização da cena 9.....	159
5.28.10	Caracterização da cena 10.....	160
5.29	TOCA DO BOQUEIRÃO DO SÍTIO DA PEDRA FURADA (cód. 516)....	161
5.29.1	Caracterização da cena 1.....	162
5.29.2	Caracterização da cena 2.....	163
5.29.3	Caracterização da cena 3.....	164
5.29.4	Caracterização da cena 4.....	165

5.29.5	<i>Caracterização da cena 5</i>	166
5.29.6	<i>Caracterização da cena 6</i>	167
5.29.7	<i>Caracterização da cena 7</i>	168
5.29.8	<i>Caracterização da cena 8</i>	169
5.30	TOCA DA PEDRA UNA I (cód. 703).....	170
5.30.1	<i>Caracterização da cena 1</i>	171
6	ANÁLISE DAS CENAS DE CAÇA	172
6.1	TIPOS DE CAÇA.....	172
6.2	TÉCNICAS DE CAÇA	174
6.3	CULTURA MATERIAL.....	176
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	184
	REFERÊNCIAS	187

1 INTRODUÇÃO

O estado do Piauí destacou-se cientificamente ao mundo, pela antiguidade de seus achados arqueológicos e pela concentração de pinturas rupestres que ornamentam os abrigos rochosos do Parque Nacional Serra da Capivara localizado no sudoeste do estado, declarado Patrimônio Cultural da Humanidade em pela UNESCO¹ em 1991.

Os grafismos rupestres são vestígios arqueológicos pintados ou gravados em suportes rochosos que expressam através da linguagem visual um sistema de comunicação das sociedades (PESSIS, 1993).

As particularidades dessas representações recebem influências ambientais e nos fornecem informações sobre a capacidade das sociedades antepassadas pensarem simbolicamente. O pensamento simbólico talvez seja uma das maiores marcas do comportamento humano (LEAKEY, 1981).

A análise dessas representações associadas aos estudos ambientais no qual elas pertencem, nos permitem abordar os aspectos do universo simbólico dos grupos que habitavam essa exuberante região (CISNEIROS, 2008).

O estudo sistemático dos grafismos rupestres na região da Serra da Capivara teve início na década de 1970. O primeiro momento das pesquisas resultou em um ordenamento onde a arqueóloga Niede Guidon propôs uma classificação preliminar hipotética para reconhecimento das identidades culturais e estabelecimento de cronologias para os registros rupestres (GUIDON, 1984).

Esses estudos nos permitiram a segregação de elementos reconhecíveis e não reconhecíveis e a integração dos grafismos dentro das dimensões analíticas do fenômeno gráfico: temática, técnica e cenografia (PESSIS, 1993).

De acordo com as pesquisas desenvolvidas na Área Arqueológica da Serra da Capivara², a cronologia dos registros rupestres pintados e gravados pelos grupos humanos possuem datações de aproximadamente entre 12.000 e 20.000 anos AP- Antes do Presente (PARENTI, 1996).

O Parque Nacional Serra da Capivara, abriga uma das maiores concentrações de pinturas rupestres já descobertas. São comuns nessa área,

¹ Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

² Área arqueológica é uma categoria de entrada para referenciar os limites geográficos flexíveis dentro de uma unidade ecológica e que participe das mesmas características geo-ambientais. O estudo dentro de uma área arqueológica visa conhecer os processos de ocupação, adaptação e aproveitamento dos recursos disponíveis, por grupos que habitaram a região em tempos pretéritos. (Martin, 2005).

pinturas compostas por antropomorfos e zoomorfos dispostas de forma que representam cenas de ação/movimento, tais como: cenas de caça, dança, sexo, rituais e conflitos. Do ponto de vista da riqueza da temática, essas pinturas são únicas.

Os grafismos rupestres fazem parte dos vestígios arqueológicos e imprimem marcas dos padrões motores dos indivíduos que permitem o reconhecimento dos atributos de identidade dos grupos humanos pré-históricos. De acordo com Kesting:

Reconhecem-se as identidades pelos atributos. Entende-se por atributos cada uma das propriedades qualitativas ou quantitativas que distingue um membro de um conjunto. É uma característica que permite o reconhecimento de uma entidade. Atributos que permitem o reconhecimento de identidades coletivas são peculiaridades comuns, perceptíveis nos padrões físicos, da cultura material ou imaterial de um grupo. Um conjunto de indivíduos com atributos comuns constitui, assim, uma identidade coletiva. Pode-se, por isso, reconhecer a identidade de grupos pré-históricos, nos atributos conservados na cultura material da qual fazem parte os grafismos rupestres (KESTERING, 2007, p. 31).

Verificam-se padrões de reconhecimento pela identificação dos grafismos reconhecíveis puros ou irreconhecíveis. Segundo Kesting (2007, p. 24) “as unidades de grafismos reconhecidos são facilmente identificadas porque representam os componentes essenciais de reconhecimento de elementos do mundo sensível”.

Para a identificação de grafismos puros, que não representam realidades conhecidas, considera-se unidade gráfica um signo ou todos os conjuntos de signos e espaços vazios de um painel, enquanto não são identificadas ocorrências de figuras tematicamente semelhantes em outros painéis. Eles são reconhecíveis nas recorrências.

Grafismos irreconhecíveis são aqueles que, pela distribuição informe da tinta ou pelo desgaste, não se consegue perceber os limites necessários para a sua classificação. Mesmo com fatores limitantes para a identificação como os desgastes provocados pela intemperes físicas, podemos classificá-los como quantitativos para aproxima- lós de identificação de recorrências (KESTERING, 2007).

Identificam-se padrões cenográficos, na recorrência de composição e distribuição de grafismo dos padrões temáticos nos suportes, nas vertentes e nas feições de relevo (KESTERING, 2007). Pelo critério da temática, identificam- se as

preferencias de forma que os autores de uma determinada sociedade utilizam para representar realidades.

As cenas de caça são estudadas nessa pesquisa em concordância com os componentes do sistema de comunicação dos grupos autores dos painéis pictóricos e como um meio de registro e transmissão de sua cultura.

Tal estudo pode abrir novos horizontes para as abordagens no universo dos grafismos rupestres de forma sistematizada e particularizada, a fim de fornecer novas hipóteses sobre o comportamento dos grupos humanos dessa região.

Diante do grande número de recorrências de cenas de caça na região arqueológica do PARNA, esta pesquisa partiu dos seguintes questionamentos:

1. Quais seriam os elementos caracterizadores suscetíveis de reconhecimento dessa temática?
2. Nas cenas de caça identificadas nos painéis rupestres do PARNA havia uma preferência em representar determinado grupo de animal?

Para tal, nosso objetivo geral é caracterizar os integrantes reconhecíveis na representação dessa temática (antropomorfos zoomorfos e cultura material).

Seguindo dos nossos objetivos específicos:

- Identificar os tipos de caça. Ex.: caça ao cervídeo,
- Identificar os modos de caça. Ex.: individual, coletiva;
- Identificar as técnicas de caça. Ex. encurralamento;
- Identificar a cultura material presente. Ex.: armas, armadilhas;
- Apresentar as recorrências dos tipos, modos e técnicas de caça bem como da cultura material presente;
- Verificar se existe uma recorrência maior em representar determinadas cenas de caça.

O capítulo I constitui a abordagem teórica que conduziu a perspectiva sobre o objeto de estudo. Nesse capítulo, será descrita a abordagem arqueológica dos grafismos rupestres relacionando-os com as principais vertentes interpretativas e dialogaremos com a temática da caça e a sua abordagem na arqueologia.

O capítulo II constitui na apresentação do contexto ambiental e arqueológico da região do Parque Nacional Serra da Capivara, englobando sua localização, as formas de relevo, o clima e a vegetação. Apresenta-se também neste capítulo, o contexto arqueológico estudado desde o início das pesquisas e como decorreram pesquisas sobre grafismos rupestres na região.

No capítulo III, são apresentados os Procedimentos Metodológicos de análise e as categorias analíticas especificadas para o estudo.

No capítulo IV, são apresentados os sítios, as cenas de caça e os dados extraídos deles contextualizados com seu ambiente.

No capítulo V, a análise das cenas de caça é realizada de acordo com as categorias pré-estabelecidas no capítulo III com o objetivo de verificar a existência de um perfil no padrão de apresentação das cenas de caça.

Nas Considerações Finais, são discutidos os resultados apresentados pela análise através dos parâmetros escolhidos a fim de propor uma reflexão sobre as caracterizações nessa temática.

2 ABORDAGEM TEÓRICA

2.1 O REGISTRO RUPESTRE E SUAS INTERPRETAÇÕES

Na pesquisa arqueológica o registro rupestre como objeto de estudo pode nos fornecer dados para compreendermos a dinâmica sociocultural dos grupos humanos do passado bem como o mundo simbólico e cognitivo dos mesmos.

Conforme Viana et al. (2016), nossos antepassados produziam o registro rupestre através de dois métodos: O gravado, também denominado como petroglifo, que corresponde a diversas técnicas de remoção ou abertura na superfície de rochas, a exemplo: técnica de raspagem, picotagem ou abrasão; e o pintado, que consiste em técnicas de adição de pigmentos secos, líquidos ou pastosos, de cores distintas, através de dedos, sopros, carimbos e pinceis.

Arte rupestre consiste em manifestações gráficas realizadas em abrigo, grutas, paredões, blocos e lajes feitas através da técnica de pintura e gravura. As gravuras podem ser elaboradas através de picoteamento ou incisão; já as pinturas foram realizadas por meio de diversas técnicas: algumas, com fricção de um bloco de pigmento seco e duro na pedra; outras, com o uso de um pincel feito de galhos de árvore; em outros casos, a pintura foi feita com o próprio dedo ou o pigmento foi transformado em pó e soprado na rocha (GASPAR, 2003, p.15).

Mithen (2003) considera o registro rupestre tenha surgido no seio de grupos humanos que dominavam o fogo e possuíam tecnologias diversificadas na produção de instrumentos de pedra lascada durante o período do Paleolítico Superior, entre 40.000 e 11.000 anos AP (Antes do Presente).

Em 1575, as primeiras menções sobre o registro rupestre ³ foram registradas por F. Belleforst em sua obra *Cosmogonie Universelle*, quando o autor historiava sobre a Rouffignac, uma grande caverna francesa (Figura 1). Nessa caverna possui três categorias temáticas diferentes: as figuras zoomórficas, as antropomórficas e os sinais abstratos. As primeiras, largamente majoritárias, integram um conjunto diversificado de espécies: mamute, bisonte, cavalo, cabra selvagem, rinoceronte lanudo e urso. Entre as representações antropomórficas a temática corresponde

³ Pesquisas recentes publicadas na Revista especializada *Science*, indicam que os Neandertais confeccionaram as pinturas rupestre mais antigas do mundo, localizadas em cavernas na Espanha, datadas aproximadamente em 65,5 mil anos A.P.

tanto a representações faciais e quanto a figuras de corpo inteiro (CISNEIROS, 2008).

Figura 1 - Pintura rupestre na Grotte de Roufinac, França.



Fonte: Banh (1988)

Em 1868, pela primeira vez o registro rupestre foi associado “aos povos antigos” com descoberta da Cueva de los Letreros localizada em Almería, Espanha, publicado no livro *Antigüidades pré-históricas de Andalucía* de M. (Góngora y Martínez, 1868). Essa descoberta foi considerada um marco fundamental para a historiografia do registro rupestre, embora não especifique essa antiguidade. Os principais motivos gráficos dessa caverna eram as figuras de animais, principalmente cervos e cabras (GÓNGORA Y MARTÍNEZ, 1868).

Em 1880, M Sautuola publicou a descoberta da Caverna de Altamira, onde autor atribui os achados arqueológicos em conjunto com os registros rupestres aos grupos humanos do período Paleolítico. Embora, suas análises fossem lúcidas, houve divergências no meio científico. Seus contemporâneos não adotaram esse pressuposto, pois duvidavam das capacidades técnicas e cognitivas dos grupos humanos no Pleistocênio. Anos depois, em 1902, o historiador pré-histórico francês E. Cartailhac juntamente outros arqueólogos, reconheceram a autenticidade da Caverna de Altamira no Congresso da Association Française pour l'avancement des sciences (PASCUA, 2006).

Entre o final do século XIX e o início do século XX, com a ampliação das descobertas de grutas pintadas em território europeu, foi constituída a chamada

“Arte Parietal do Paleolítico Europeu”, desdobravam-se os primeiros levantamentos e classificações das figuras rupestres, focados na análise de imagens isoladas em detrimento do conjunto das representações (BREUIL; WINDELS, 1952).

Tais estudos instituíam duas vertentes interpretativas, a primeira estabelecia uma autonomia artística de caráter meramente estético, desligando-a de razões funcionais, a perspectiva foi intitulada de “arte pela arte”. Nessa vertente, as figuras tecnicamente bem elaboradas eram representativas de “grupos civilizados”, ao passo que as demais eram interpretadas como “obras grosseiras” de uma civilização também “grosseira” (LAMINGEMPERAIRE, 1962; PESSIS, 1987).

A segunda vertente, sob os conceitos de “magia da caça” e “totemismo” publicada na obra *Evolução Humana* de Roger Lewin (1999), O arqueólogo francês Abbé Henri Breuil observou que a maioria dos animais (zoomorfos) representados nas grutas não faziam parte da dieta alimentar dos autores, como indicavam os ossos encontrados em sítios de habitação (LEWIN, 1999).

Atribuía-se então um conteúdo sagrado às manifestações rupestres que representariam, de forma materializada, as relações entre o homem e o sobrenatural. Esse viés interpretativo vai sacramentar a ideia da arte rupestre europeia como “santuários por excelência”. Segundo o antropólogo francês Claude Lévi- Strauss “certos animais são representados frequentemente, não porque são “bons para comer”, mas porque são “bons para pensar” (LEWIN, 1999).

A sistematização para o estudo dos registros rupestres do Paleolítico europeu começou a se delinear com a utilização de teorias estruturalistas desenvolvidas nos trabalhos de Laming-Emperaire (1962, 1972) e Leroi-Gourhan (1983, 1985, 1971). Essa nova teoria propõe que o significado das manifestações gráficas deveria ser compreendido com o mesmo rigor das escavações arqueológicas e fundamentado sobre o próprio documento arqueológico, utilizando a matemática para criar catálogo sistemático das representações, assegurando que as figuras pintadas nessas grutas formavam “composições” que, embora tratadas até então como meras acumulações casuais de imagens independentes, eram portadoras de significados complexos para as sociedades que as conceberam (PESSIS, 1987).

Novas propostas interpretativas foram desenvolvidas com os estudos de Ucko e Rosenfeld (1967), na Europa, e Pessis (1987), no Brasil, onde o registro rupestre passa a ser interpretado como um meio de comunicação de motivações variadas. Conforme Pessis (1987) as manifestações gráficas corresponderiam a

sistemas de apresentação gráfica que seriam a expressão dos sistemas de comunicação das sociedades.

Dentre outras vias interpretativas, destaca-se a que estabelece a relação da arte rupestre com um sistema xamânico de crenças, publicados na obra *The Mind in the Cave - the Cave in the Mind: Altered Consciousness in the Upper Paleolithic*. Clottes e Lewis-Williams (1998). Essa premissa parte do pressuposto que existem certas formas de xamanismo presente em todos os povos de diferentes partes do mundo, cuja origem remonta ao Paleolítico.

Para os autores, os grupos humanos do Paleolítico Superior experimentaram não apenas o estado de consciência, mas também o da consciência alterada que são partes intrínsecas do acervo neuropsicológico. Os autores acreditavam que as cavernas eram santuários através dos quais os grupos humanos do paleolítico se encontravam com o mundo dos espíritos. Esse pressuposto foi subsidiado através dos relatos etnográficos de grupos que praticavam o xamanismo.

Na década de 70, os estudos sistemáticos do registro rupestre no Brasil ganharam força enriquecida pelo nascimento da arqueologia profissional no país. Com influência da escola francesa, começaram as primeiras documentações através de levantamentos exaustivos em campo (por fotografia ou decalque) e de análises morfológicas do corpus gráfico. Ao contextualizar os dados obtidos nas escavações com os resultados dos estudos rupestres foi possível estabelecer as cronologias (VIANA, 2016).

O curso das análises proporcionou à identificação de similaridades e diferenças observáveis nas técnicas e temáticas, por conseguinte, segregando-se, conjuntos de imagens semelhantes que possuíam uma ampla dispersão territorial, denominando-os “Tradição”. Como parte das sistematizações, algumas tradições também foram subdivididas em subtradições, fases, fácies e estilos (PROUS, 1992, 1994; GUIDON 1984).

Os grafismos rupestres são objetos da pesquisa arqueológica. Eles são testemunhos dos comportamentos culturais de seus autores e servem, parece-nos, de base para compreensão da dinâmica sociocultural dos grupos, no âmbito de uma visão simbólica e cognitiva (BELARMINO, 2019). Eles imprimem marcas dos padrões motores dos indivíduos que permitem o reconhecimento dos atributos de identidade dos grupos humanos pré-históricos. O arqueólogo Celito Kesting elucida:

Reconhecem-se as identidades pelos atributos. Entende-se por atributos cada uma das propriedades qualitativas ou quantitativas que distingue um membro de um conjunto. Um conjunto de indivíduos com atributos comuns constitui, assim, uma identidade coletiva. Pode-se, por isso, reconhecer a identidade de grupos pré-históricos, nos atributos conservados na cultura material da qual fazem parte os grafismos rupestres (KESTERING, 2007, p. 31).

Os atributos de identidade nas pinturas rupestres podem ser segregados nos parâmetros de reconhecimento: cenografia, temática e técnica. “a opção pela realização de grafismos com padrões de reconhecimento e de cenografia é cultural” (PESSIS, 1992).

Considerando as contribuições do enfoque teórico que trata as pinturas rupestres como um sistema de comunicação e que se associa com a sobrevivência dos grupos, os padrões de reconhecimento são transmitidos de gerações em gerações durante milênios.

Os grafismos rupestres são uma parcela de um macro sistema de informação, isto é, de uma cultura que compreende muitos semelhantes. Nesse nível de análise, verificamos o quanto é complexo compreender o verdadeiro significado de uma representação gráfica.

Existem duas abordagens principais para a interpretação da arte Pré- - Histórica: a Idealista e a Materialista. A perspectiva idealista parte do princípio de que há a existência metafísica de uma realidade complexa e ideal. O que é ideal é aquilo que existe enquanto ideia, enquanto conceito, como algo descolado da matéria (KI-ZERBO, 2010).

O mundo das ideias x materialidade não perpassa por métodos de análise. Para entender a cultura, segundo Descartes, seria possível através do método hipotético dedutivo “Penso, logo existo”. O ato de pensar já é prova da existência humana.

O idealismo pensado por Hegel, segundo “O real é ideal”, o artefato é a junção da ideia com a matéria. Nesse sentido, o artefato age como a materialização de tudo, a ideia é que define o artefato e não a matéria e podemos compreender as sociedades através da materialização das suas ideias (OLIVEIRA, 2003).

De acordo com a explicação idealista, a Arte Pré-histórica expressava principalmente a visão de mundo das populações da época. Se partirmos da concepção que o pensamento é imutável, e que o artefato é fruto materializado do pensamento, podemos concluir que o artefato permanece na dialética entre o espaço- tempo.

No entanto, é evidente que o mito não explica tudo, pois, antes de produzir o mito, é necessário produzir e reproduzir a própria sociedade. Assim, o mito pode se tornar um meio privilegiado para melhorar ou deteriorar as forças produtivas e as relações de produção (KI-ZERBO, 2010).

A perspectiva Materialista se opõe totalmente a Idealista e a principal diferença entre ambas é que, enquanto para a primeira a realidade é material e conseqüentemente concreta, para a segunda ela é baseada em fatores como pensamentos e forças sobrenaturais, abstrata.

Os adeptos da abordagem materialista, afirmam que a arte pré-histórica, é o reflexo da existência concreta de um momento “ideológico” e um instrumento superestrutural que expressa certo equilíbrio ecológico e sociológico e permite ao indivíduo preservá-lo ou melhora-lo em seu favor (KI-ZERBO, 2010).

No que diz respeito ao Materialismo Histórico, aplicado aos estudos de arte rupestre, tem como pressuposto que toda a produção, simbólica ou de subsistência, não passa pela esfera individual, mas antes, todo o tecido social é dado pelos meios de produção. A arte neste caso é um produto que busca a resposta das pressões sociais, constituindo uma valorização estática, não funcional, a histórica, onde as expressões refletem o que não está explicitado nos padrões de conduta (AZEVEDO NETO, 1998).

Nesta abordagem, a arte, a religião, e, por conseguinte o mito, como é visto pelos primeiros filósofos, agregando-as a outras expressões simbólicas, não seriam instrumentos de regulação social, mas antes, mecanismos de ocultação de contradições sociais, dentro de contextos culturais.

A presente investigação alinha-se em concordância com o enfoque da Arqueologia Materialista Histórica como ponto de diálogo na dicotomia entre as correntes.

2.2 A CAÇA NA PRÉ-HISTÓRIA

A pré-história engloba mais de 2,5 milhões de anos de evolução das espécies do gênero. A caça foi uma atividade intrínseca à existência humana, constando no registro arqueológico numerosos vestígios desta prática pelos territórios onde os grupos ocuparam.

Um bom período de tempo para analisarmos a prática da caça é no Paleolítico Superior, cerca de 40.000 AP (antes do presente), neste período,

surgiram na Europa sociedades anatomicamente idênticas aos de hoje, produziram variadas ferramentas e sobreviviam basicamente das práticas de caça e coleta de alimentos silvestres (KIPNIS, 2011).

De acordo com arqueólogo Kipnis (2011), como a densidade populacional nessa época era baixa, os caçadores pré-históricos vagavam por um vasto território a procura da caça, provavelmente eles acompanhavam a migração de manadas de animais, procurando cercá-las em desfiladeiros na hora do ataque. Os grupos realizavam as caçadas com auxílio de arcos, flechas e lanças, atiradas às vezes com a ajuda de propulsores (uma espécie de estilingue rústico, que duplicava o alcance das lanças).

Segundo Borges (2017) a caça praticada por grupos humanos pode ser definida como o ato de perseguir, aprisionar ou matar um animal. Esta prática é constituída de um predador, o caçador, e de uma presa, o animal caçado. Ao analisar a emergência humana, Michel Serres elucida que sempre houve uma intensa luta para garantir a eternidade da própria existência:

desde a aurora dos tempos, os humanos e os animais instituíram entre si as táticas de aproximação, as estratégias das perseguições. O caçador conhece a caça tão bem como a presa, seu predador, e juntos, formam uma coletividade interligada por extraordinários sinais de ostentação, intimidação e camuflagem. As sociedades de caça não só agrupavam os humanos, mas associam-nos aos caçados (SERRES, 2003, p.106).

Segundo Wilson (2013), a inclusão de uma quantidade substancial de carne na dieta como fonte principal de proteínas, foi uma das causas que levaram o crescimento evolutivo do cérebro dos homínídeos. Essas transformações são evidenciadas por profundas modificações na anatomia craniana e dentária. Além disso, a cooperação por busca por carne estimulou a formação de grupos que se expandiram até uma população que pudesse ser sustentada pelo ambiente.

Precisamos mencionar aqui, que as qualidades humanas, não se atribuem exclusivamente as coisas vivas. Os caçadores-coletores, ao longo de suas andanças, não vivenciaram apenas uma paisagem de animais, plantas, colinas, cavernas. Suas paisagens foram socialmente construídas e cheias de significados.

Quando olhamos para os abrigos, cavernas pintadas, onde encontramos uma série de características topográficas, as quais os caçadores-coletores atribuem significados sociais e simbólicos, podemos ter certeza que eles viviam em uma passagem cheia de significados. Tim Ingold elucida:

para os caçadores-coletores modernos não existem dois mundos, o das pessoas (sociedade) e o das coisas (natureza), mas apenas um mundo, um ambiente, saturado de poderes pessoais e abrangendo tanto os seres humanos como os animais e plantas dos quais dependem, e a paisagem em que vivem e se movimentam” (INGOLD, 1996, p. 42).

De acordo com o arqueólogo Steven Mithen (2003), as imagens antropomórficas, as pinturas nas cavernas e abrigos em rochas que surgem depois de quarenta mil anos, sugerem que os primeiros caçadores do Paleolítico Superior mantinham uma atitude semelhante com o social e o natural: eles formavam um mesmo e único mundo. Segundo o autor, as pinturas rupestres poderiam ter funcionado como armazenamento de informações sobre o mundo natural, agindo como mapa mental do meio circundante, facilitando a busca de informações sobre o ambiente e comportamento animal.

Existe uma nítida formação de padrões nos arranjos de figuras de animais nas pinturas rupestres do paleolítico Superior. Michael e Anne Eastham (1991) sugeriram que as pinturas e gravações das cavernas da região de Arèche, na França, serviram como modelos ou mapas de terrenos específicos ao redor da caverna.

Desde o período do paleolítico o homem precisou de organização para caçar, especialmente os animais de grande porte. Nas cavernas e abrigos esses animais foram representados de forma individual ou coletiva em cenas que remetem à caça. Para os grupos de caçadores era necessária a união, para proporcionar trabalhos coletivos, como caçar, coletar e pescar (JUSTAMAND, 2009). A caça desafiava a capacidade decisória do indivíduo, que precisava agir depressa e, em muitos casos, trabalhar coletivamente.

Em seus estudos Edgar Morin (1999) procurou aliar natureza e cultura. Segundo o autor, os indivíduos buscam conhecer seus muitos “nascimentos”, o processo de elaboração da sua linguagem, sua cultura e seus mitos. Ele considera que a caçada, por meio de sinais, das indicações e das mensagens, trouxe para o cérebro habilidades para reconhecer e interpretar estímulos sensoriais, o que permitiu ao humano tornar-se “conhecedor”.

O arqueólogo Lewis Binford (1985) contestou a ideia de que os primeiros homínídeos e os primeiros humanos seriam “nobres caçadores”. Fundamentou sua hipótese na análise de marcas de retirada de carne em vestígios ósseos de animais consumidos, concluindo que os primeiros humanos eram “carniceiros” e não caçadores. O autor menciona Robert Blumenshine que propôs a ideia de

eliminação de confronto, segundo sua hipótese, o principal método de obtenção de carne por seres humanos primitivos afugentava outros predadores após um abate para se apropriar da presa.

Segundo Panter-Brick e Layton (2001), na Europa durante esse período, o estudo sobre a vida dos grupos caçadores e coletores foram fortemente influenciados pelo viés político, os autores dão como exemplo Hobbes que em 1651 definiu os grupos de caçadores-coletores como um estado primitivo da humanidade, descrevendo suas vidas como “solitária, pobre, suja, bruta e curta”. Em discordância, os autores citam John Dryden que em 1670 delineia-os como se vivessem em um estado de graça onde os resto da humanidade não mais se encontra, chamando-os de “o bom selvagem”. Infelizmente, muitos humanos encastelam-se em sistemas religiosos e políticos, enrudecem-se e tratam os outros como instintivos, primitivos e/ou irracionais (KESTERING, 2007).

A presente investigação se justifica pelo avanço das diretrizes do enfoque teórico e metodológico que trata as pinturas rupestres como um sistema de comunicação Pessis (1992) de forma sistematizada e particularizada. Pela busca em fornecer novas hipóteses sobre padrões comportamentais dos grupos humanos autóctones e dos animais que compunham e/ou compõem a fauna local, propondo que se identifiquem e situem-se cronologicamente os animais representados nos painéis de pintura rupestres.

3 CONTEXTO AMBIENTAL E ARQUEOLÓGICO

Este capítulo tem como objetivo apresentar o contexto físico da área arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara, onde estão inseridos os sítios com pinturas rupestres da temática de caça. Conhecer o contexto ambiental é de fundamental importância para a pesquisa arqueológica, permite a compreensão dos processos que atuaram durante a formação do registro arqueológico e a interação homem-ambiente da área de estudo.

3.1 LOCALIZAÇÃO

O Parque Nacional Serra da Capivara (Figura 2) localiza-se no nordeste do Brasil e sudoeste do estado do Piauí entre as coordenadas 8° 26' 50" e 8° 54' 23" de latitude sul e 42° 19' 47" e 42° 45' 51" de longitude oeste, ocupa as áreas de São Raimundo Nonato, Coronel José Dias, João Costa e Brejo do Piauí. O Parque possui uma extensa área de preservação que abrange aproximadamente 129. 953 hectares e seu perímetro são de 214,23 km. As altitudes variam entre 630 a 600m a sudoeste e entre 520 a 500m a noroeste.

Figura 2- Pedra Furada- Parque Nacional Serra da Capivara-PI.



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

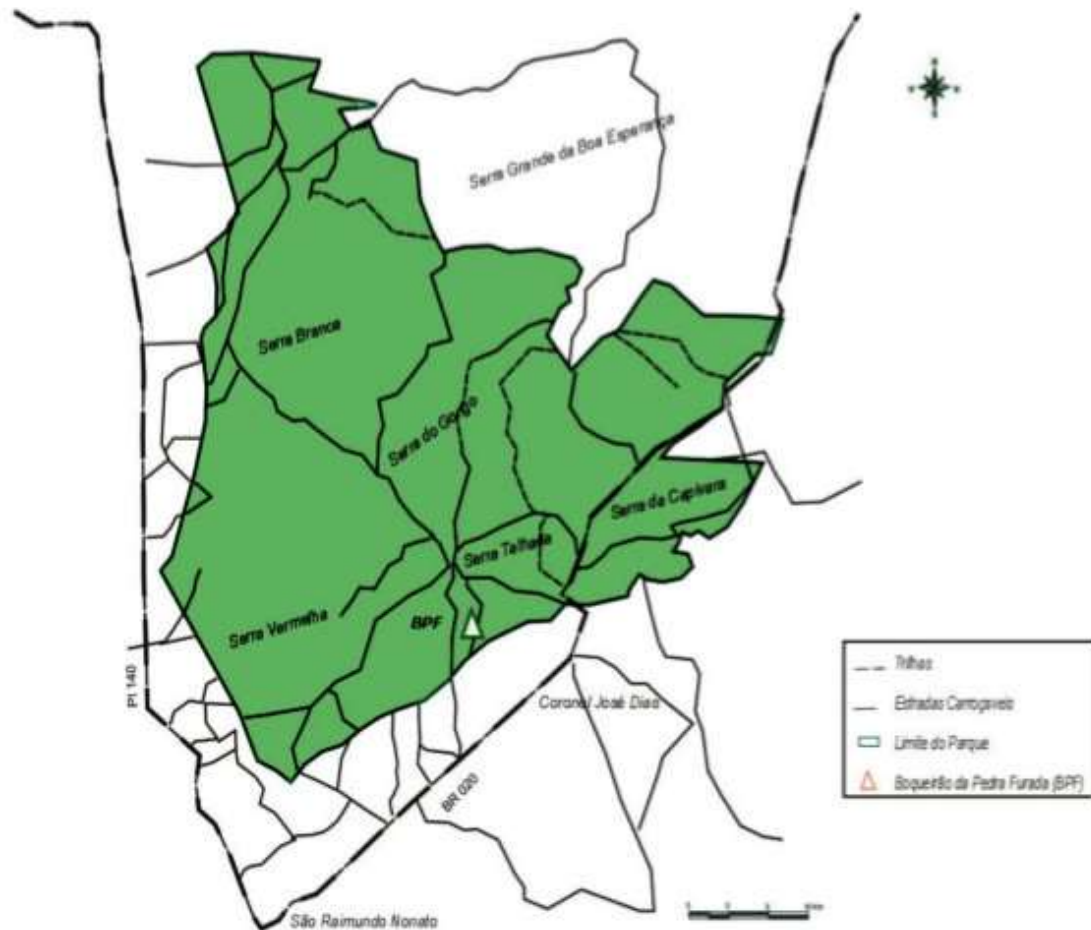
A grande concentração de sítios arqueológicos nos fornece informações diversificadas sobre as primeiras ocupações humanas no continente americano (PESSIS, 2003). Pelo seu valor histórico e cultural, o Parque Nacional da Serra da

Capivara foi declarado Patrimônio Cultural da Humanidade, em 1991, pela Organização das Nações Unidas pela Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

O Parque Nacional Serra da Capivara foi dividido nos seguintes topônimos (Figura 3):

- Serra Vermelha
- Serra Talhada
- Serra da Capivara
- Serra Branca e Serra do Gongo

Figura 3- Mapa dos topônimos do Parque Nacional Serra da Capivara.



Fonte: Adaptado de Souza (2009).

ocasionado por episódios tectônicos, magmáticos e termais de idade Neoproterozóica. A Faixa de Dobramentos Riacho do Pontal está delimitada entre a divisa dos estados do Piauí, Pernambuco e Bahia. Esse sistema de dobramentos dentro da Província da Borborema foi estruturado durante o Ciclo Brasileiro.

Segundo Santos (2007) existem poucas pesquisas sobre os depósitos sedimentares da paisagem do Parque Nacional Serra da Capivara tanto da ótica geológica como da geomorfológica. Essas formações geológicas são muito antigas e foram formadas por diferentes tipos de rochas e minerais, que foram erodindo, principalmente nas suas bordas, criando irregularidades no relevo.

Na superfície mais interna do planalto aparecem às áreas planas que são as chapadas e nas bordas do planalto aparecem as cuestras e canyons (SANTOS, 2007). A área mais baixa da região é a formação geológica da Depressão Periférica do Médio São Francisco, conhecida também como Escudo Metamórfico Pré-cambriano, pois nela aparecem as primeiras rochas geológicas da terra: as rochas pré-cambrianas, que chamamos de rochas cristalinas.

3.3 GEOMORFOLOGIA

Na região do Parque Nacional Serra da Capivara, encontramos uma variedade de ambientes propícios à ocupação humana pré-histórica. A forma do relevo gerou abrigos naturais e há uma boa oferta de fontes de matéria-prima. A diversidade da paisagem do Parque resulta do encontro de duas estruturas geológicas diferentes: uma planície e uma série de planaltos, cujo contato gerou uma imensa linha de paredões verticais de grande beleza, chamada cuestra.

Segundo o mapeamento levantado por Pellerin (1984), o relevo do Parque Nacional Serra da Capivara se classifica em três unidades geomorfológicas: Cuesta, Planaltos Areníticos e Pedimentos (Figura 5). Esse foi o ambiente que os grupos humanos ocuparam na Pré-história.

Nessa região, as unidades geomorfológicas se apresentam como um relevo acidentado, variando com serras, cuestra, vales, canyons, morros, planícies, planaltos ou chapadas, serrotes, boqueirões, inselbergs de granito e morros residuais de meta-calcário que formam a área cárstica inserida no cinturão de proteção que circunda a porção sudeste do Parque Nacional Serra da Capivara.

concentração de sítios com registros rupestres da Área Arqueológica Serra da Capivara (SANTOS 2007).

Segundo Pellerin (1984, apud Cisneiros, 2003) a porção noroeste do Parque Nacional Serra da Capivara é caracterizada por planaltos areníticos modelados no reverso da cuesta, irregulares e constantes, com altitudes que variam de 630 a 600 metros a sudoeste, e 520 a 500 metros a noroeste, constituindo chapadas do reverso da cuesta caracterizadas por relevo irregular, com topos tabuliformes de baixa declividade e dissecação.

Esses planaltos areníticos são cortados por alguns vales profundamente encaixados e por cornijas de arenitos sub-verticais em relevos ruiformes arredondados. O pedimento se formou no sopé da cuesta formando uma grande área de erosão, em um espaço plano, que é testemunho de uma longa evolução em regime de dissecação abrangendo uma área de aproximadamente 80 km de largura.

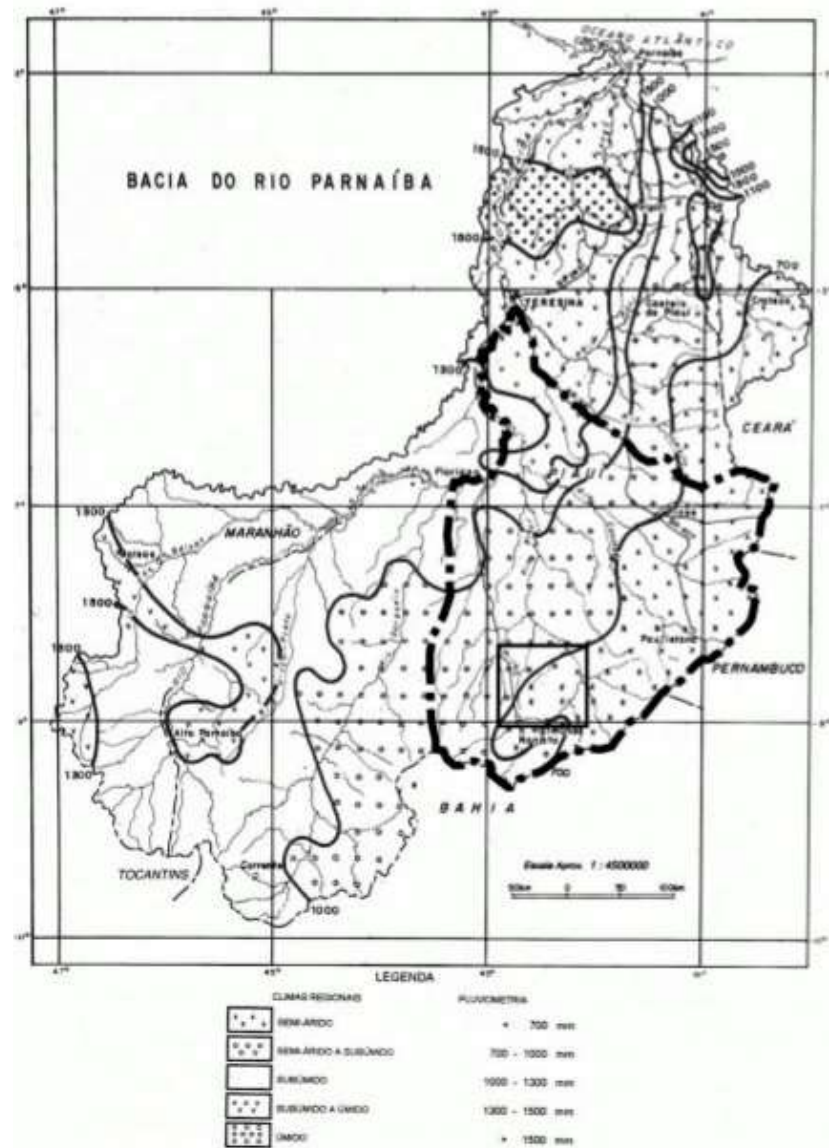
3.4 CLIMA

Segundo a classificação de Köppen, o clima atual da região é classificado semiárido e chuvas de verão. Segundo Emperaire (1980), a temperatura média anual é de 28°C. O mês mais frio é junho, com temperatura média de 25°C, máxima de 35°C, e mínima de 10°C. A precipitação pluviométrica anual é definida no Regime Equatorial Continental, em torno de 500 mm anuais e tendo os meses de dezembro, janeiro, fevereiro e março como período mais chuvoso. Segundo Reis (1976) apud Leal (2003), as caatingas semiáridas, apresentam muitas características meteorológicas determinantes, baixa nebulosidade, alta radiação solar, taxas de umidade relativas baixas, evapotranspiração potencial mais elevada, e, sobretudo, precipitações mais baixas e irregulares, limitadas a um período muito curto no ano.

3.5 HIDROGRAFIA

A área de pesquisa situa-se na Bacia Sedimentar do Parnaíba (Figura 6). Conforme Brasil (2016, p. 23), o Parnaíba caracteriza uma das regiões hidrográficas mais importantes do Nordeste do Brasil, estendendo-se pelos estados do Ceará, Piauí e Maranhão, com uma extensão de aproximadamente 1.400 km. Seus principais afluentes alimentam-se por águas superficiais e subterrâneas, como, os rios Balsas, Gurguéia, Piauí, Canindé, Poti e Longá.

Figura 6- Mapa da bacia hidrográfica do Rio Parnaíba.



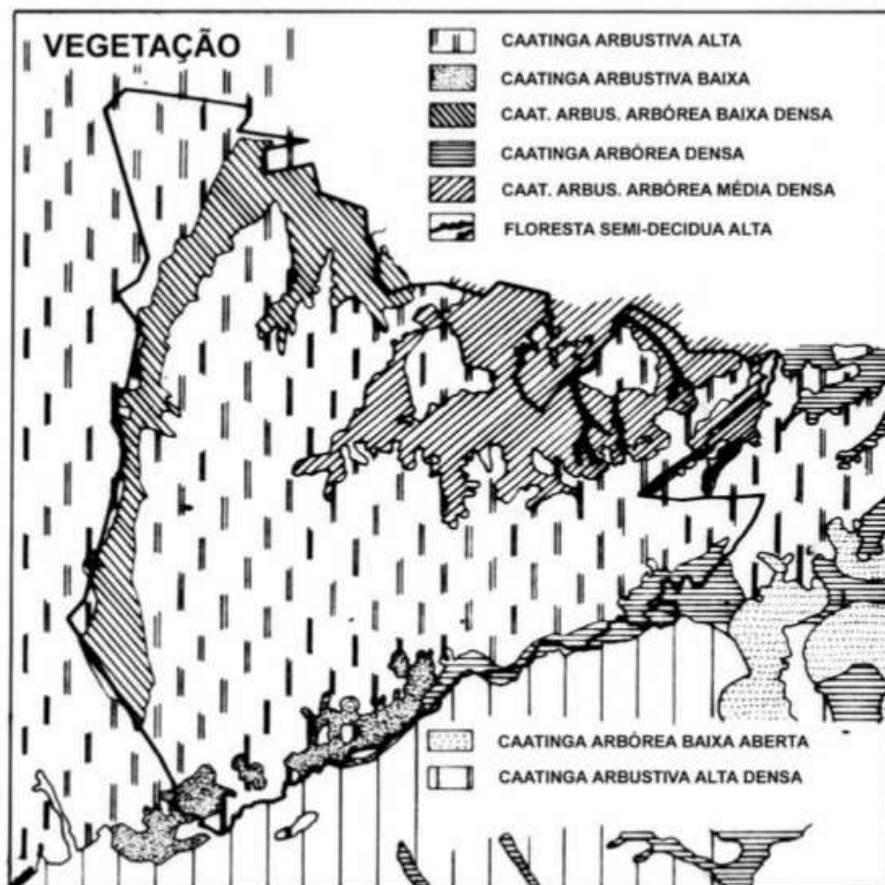
Fonte: Brasil (2016).

Assim, segundo Brasil (2016, p. 32) As nascentes do rio Piauí estão definidas na região sudeste do Piauí, na divisa com a Bahia, no sopé do Parque Nacional Serra das Confusões e Bom Jesus do Gurgueia, no município de Caracol e municípios de Anísio de Abreu e São Raimundo Nonato, e segue para sentido noroeste, desembocando no Rio Canindé, próximo ao rio Parnaíba.

3.6 VEGETAÇÃO

Na área do Parque Nacional Serra da Capivara a cobertura vegetal é predominantemente a caatinga, palavra de origem tupi que significa floresta branca, por seu aspecto acinzentado durante o período de seca. Emperaire (1980) identificou cinco categorias de vegetação no Parque Nacional Serra da Capivara (Figura 7):

Figura 7- Distribuição da vegetação no Parque Nacional Serra da Capivara.



Fonte: Emperaire (1989).

- Caatinga arbustiva alta e densa, situada no reverso da cuesta;
- Formações arbóreas, encontradas nas ravinas frente à cuesta e nos vales internos das chapadas;
- Caatinga arbórea média densa limita-se às ravinas do front da cuesta;
- Caatinga arbustiva baixa, encontrada nas bordas das chapadas e nos bolsões de areia ao longo dos vales;
- Caatinga arbustiva arbórea dos vales é variável conforme o substrato.

3.7 FAUNA

A região do Parque Nacional Serra da Capivara possui uma grande diversidade de espécies de animais que demonstram a importância da preservação e conservação dessa unidade de conservação integral para o ecossistema da Caatinga. O inventário das espécies realizado contabilizou o seguinte quadro de espécimes: 17 de jias e sapos; 19 de lagartos, 236 de aves; 56 de mamíferos sendo que 24 são de morcegos (ARAÚJO *et al.*, 1998; OLMOS; BARBOSA; ANDRADE, 2014). As espécies endêmicas da Caatinga presentes no PNSC são: mocó e a lagartixa do lajedo (PESSIS, 2003).

O principal problema enfrentado pela fauna no Parque Nacional Serra da Capivara é da caça ilegal dos animais silvestres por caçadores da região, que entram de forma clandestina, visando a predação de espécimes como tatus canastra e onças quase extintas na região, esse fato é agravado devido à extensão da unidade de conservação e ausência de recursos federais suficientes para a realização de uma fiscalização mais ostensiva no local (GUIDON, 2007).

3.8 CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

O Parque Nacional Serra da Capivara- PI foi inscrito na lista de Patrimônio Mundial pela importância de seus sítios arqueológicos. Até o ano de 2018, foram catalogados mais de mil sítios com pinturas e gravuras rupestres pré-coloniais, indicando umas das maiores concentrações de sítios pré-coloniais do mundo por quilometro quadrado. Mais precisamente, são 1.223 sítios rupestres cadastrados, sendo 922 sítios compostos por pinturas, 218 com pinturas e gravuras e 83 somente com gravuras. Dentro dos limites do Parque, são 680 sítios, dos quais 600 são de pinturas e/ou gravuras rupestres. Estes números não são definitivos, pois continuamente são descobertos novos sítios no Parque Nacional e seu entorno (CASTRO, 2010).

Segundo Martin (2008), a área arqueológica é uma categoria de entrada para referenciar a pesquisa em relação a limites geográficos flexíveis dentro de uma unidade ecológica e que participe das mesmas características geo-ambientais. Assim, o estudo dentro de uma área arqueológica visa conhecer os processos de ocupação, adaptação e aproveitamento dos recursos disponíveis, por grupos humanos que habitaram a região em tempos pretéritos.

O conjunto de pesquisas dentro uma área arqueológica tem como objetivo integrar dados e vestígios arqueológicos desvendados sucessivamente em etapas de coletas in situ com averiguação e datações dos vestígios podem situar as culturas no tempo e no espaço e, assim, estabelecer uma sequência cronológica regional.

Na década de 70, iniciaram as pesquisas arqueológicas na área do Parque Nacional Serra da Capivara, localizada no sudeste do estado do Piauí. Os primeiros trabalhos da área tiveram como objetivo a identificação do contexto arqueológico dos sítios com pinturas e gravuras rupestres.

O primeiro momento das pesquisas nessa área arqueológica resultou em um ordenamento onde Guidon (1984) propôs uma classificação preliminar hipotética para reconhecimento das identidades culturais e estabelecimento de cronologias relativas tanto para as pinturas quanto para as gravuras.

A classificação de referência utilizada foi a Tradição, cuja definição parte das semelhanças tipológicas encontradas entre unidades de grafismos. As tradições rupestres podem ser consideradas categorias de entrada para os estudos dos grafismos, elas apresentam classes distintas de reconhecimento de padrões, assinalando certas semelhanças e diferenças nos grafismos (PESSIS, 1992).

A classificação em tradições e outras divisões para Martin (2013) “é a forma operacional que os arqueólogos usam para separar e identificar as formas de apresentação gráfica utilizadas pelos diversos grupos étnicos pré-históricos o tempo e no espaço” (MARTIN, 2013, p.238).

A utilização dessa ferramenta conceitual nas pesquisas arqueológicas realizadas no Parque Nacional Serra da Capivara nos revela que os grafismos rupestres operavam principalmente como um código de linguagem, e um meio de comunicação entre o passado e o presente. Pessis argumenta:

As pinturas podem ser consideradas a manifestação de um modo de comunicação, um processo de relacionamento permanente entre os membros de um grupo cultural. Esse relacionamento ocorre como comportamento organizado, que fornece informação ao sistema de comunicação global. Cada comunidade tem um único e próprio procedimento de comunicação (PESSIS, 2003, p. 69).

Todo indivíduo é dependente do seu meio, e revela nas expressões culturais, a experiência do seu grupo (BINFORD, 1983). Dessa forma, o ser humano se relaciona com os objetos e fenômenos que os rodeiam e utiliza-se da linguagem

para compreender o mundo real ou imaginário na representação gráfica. Estudando e compreendendo os grafismos como parte de um sistema de comunicação social, resgatamos uma fração das informações de transformações culturais desses grupos.

Além dos grafismos rupestres, foram encontrados na região importantes vestígios arqueológicos, como fogueiras e pedras lascadas com datações que recuam a 50.000 AP (Antes do Presente) revelando que o povoamento da América é mais antigo do que se pensava.

As pesquisas sistemáticas na área arqueológica de São Raimundo Nonato iniciaram na década de 1970, direcionadas ao estudo dos registros rupestres. A partir de 1978 a equipe da Missão Franco-Brasileira, trabalha na região estabelecendo um quadro de referência para inserir a reconstituição da evolução do meio ambiente e das sociedades humanas que se sucederam nesta parte do Nordeste desde há 50.000 anos (GUIDON, 1989).

Os três sítios que apresentam as datações mais antigas na Serra da Capivara são: Sítio Toca do Boqueirão da Pedra Furada, Sítio Toca do Sítio do Meio e o Sítio Toca do Caldeirão do Rodrigues I. Parenti (1996) obteve no sítio Toca do Boqueirão da Pedra Furada as datações pleistocênicas de aproximadamente 50.000 anos de vestígios da cultura material, os quais foram evidenciados em escavações realizadas no período de 1978 a 1988.

As camadas arqueológicas do sítio Boqueirão da Pedra Furada se formaram no mínimo, 60.000 anos AP. Em 1978, iniciaram as pesquisas nesse sítio e as escavações revelaram um dos mais antigos vestígios, até hoje conhecidos, da presença humana nas Américas: fogueiras estruturadas e uma grande quantidade de artefatos de pedra lascada.

Em 1978, iniciaram as escavações no Sítio do Meio revelando artefatos que possibilitaram uma datação de 13.900 +/- 300 anos AP. Martin (2008) explana que as indústrias líticas identificadas no Sítio do Meio, nas quais se utilizou o siltito, o quartzo, quartzito e a calcedônia, são compostas de numerosas lascas trabalhadas, vários tipos de raspadores, choppers e lesmas, estas últimas especialmente abundantes nos níveis holocênicos. A presença de pigmentos (ocre) em níveis datados em torno de 9.000 anos AP pode ser relacionada com as pinturas rupestres. A toca do Caldeirão dos Rodrigues I é um sítio pleistocênico situado em um abrigo sob rocha de composição arenítica. As pesquisas realizadas nesse sítio dataram carvões um nível estratigráfico em 18 mil anos.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Propomos nesta dissertação fazer uma caracterização sistematizada das pinturas rupestres com temática de caça na área arqueológica da Serra da Capivara- PI. As cenas de caça que compõe essa pesquisa foram identificadas através de revisão bibliográfica, levantamento fotográfico realizado através de visitas guiadas nos sítios de rupestres do PARNA no ano de 2018.

Para identificar as cenas de caça, estabelecemos traços essenciais de reconhecimento: a interação de antropomorfos, zoomorfos e cultura material de modo a sugerir uma atividade de caça. Essa interação foi identificada, de maneira cognitiva, a partir da gestualidade dos elementos em cena. Identifica-se a recorrência dessa temática de 90 cenas distribuídas em (30) sítios do Parque Nacional Serra da Capivara apresentados no quadro abaixo através do critério cronológico de descoberta dos sítios, registrado pelo código de cadastro (Quadro 1).

Quadro 1- Sítios com cenas de caça.

CÓDIGO DE CADASTRO	NOME DOS SÍTIOS	QUANTIDADES DE CENAS
001	TOCA DO PARAGUAIO	8
002	TOCA DA ENTRADA DO BAIXÃO DA VACA	9
004	TOCA DO BARRO	1
006	TOCA DA ENTRADA DO PAJAÚ	4
022	TOCA DO SÍTIO DO MEIO	5
026	TOCA DO VENTO	5
033	TOCA DA EXTREMA II	1
042	TOCA DA EMA DO SÍTIO DO BRÁS I	3
044	TOCA DA SERRINHA I	2
043	TOCA DO CALDEIRÃO DO CANOAS I	3
051	TOCA DO JOÃO ARSENA	1
054	PINGA DO BOI	5
056	TOCA DO SOBRADINHO I	1
072	TOCA DO CALDEIRÃO DO RODRIGUES I	2
109	TOCA DO ESTEVO II	1
110	TOCA DO ESTEVO III OU DA ONÇA	2
121	TOCA DO BAIXÃO DO PERIGOGO	1
123	TOCA DO NILSON DO BOQ. DA PEDRA SOLTA	1
130	TOCA DAS FIGURAS DO ANGICAL I	2
170	TOCA DA BAIXA DAS CABACEIRAS	2
225	TOCA DO VEREDÃO VIII	3

249	TOCA DO VEREDÃO II	3
251	TOCA DO VEREDÃO IV OU DO PAU D'ARCO I	1
254	TOCA DO VEREDÃO VII	2
276	TOCA DO VISQUEIRO III	1
359	TOCA DO CANDU I	1
411	TOCA DA FUMAÇA I	2
515	TOCA DE CIMA DO FUNDO DO BPF	10
516	TOCA DO BOQUEIRÃO DA PEDRA FURADA	8
702	TOCA DA PEDRA UNA I	1

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Para a fundamentação dessa pesquisa fizemos em um primeiro momento o levantamento bibliográfico, com o intuito de obtermos um embasamento metodológico sobre a temática. Entre as bibliografias consultadas destacamos Borges (2017), “Sincronia e Diacronia nas cenas de caça do Parque Nacional Serra da Capivara – PI”. O autor analisou 45 cenas buscando diferenças de realizações nas cenas de caça a fim de investigar se há evidências ou não de apropriação cultural na concepção desse tipo de representação. O resultado obtido na pesquisa de Borges (2017) confirma a hipótese de que a correlação das características pode apontar para realizações de modo sincrônico ou diacrônico indicando que cenas foram realizadas em momentos distintos.

O levantamento imagético obtido por Borges contribui nesta pesquisa para a segregação dos sítios com essa temática. Entretanto, destacamos que trabalhamos uma amostra maior (26 sítios e 48 cenas). Independente dos resultados obtidos pelo autor apontando que grupos sucessores aproveitaram dos painéis pictóricos para elaboração de cenas de caça, isso não influencia nos objetivos que propomos com essa pesquisa pois, independente das cenas serem produzidas em momentos distintos, não deixam de ser uma representação de caça.

Dentro da pesquisa foi fundamental o levantamento de campo nos sítios arqueológicos delimitados com cenas de caça. Realizamos uma expedição guiada pelo especialista em conservação de pinturas rupestre Mario Filho em parceria com os pesquisadores Dr. Michel Justamand, o Dr. Leandro Colling, o mestre Antoniel Filho, com interesses afins, o estudo das temáticas rupestres (Figura 8).

Figura 8- Expedição rupestre na Serra da Capivara- PI.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

O levantamento imagético em campo (nesses sítios arqueológicos e nos painéis gráficos escolhidos) seguiram as seguintes etapas: 1. Foto geral da inserção do sítio arqueológico no contexto ambiental; 2. Foto do painel rupestre escolhido; e 3. Foto da apresentação cenográfica de caça.

Os dados obtidos no trabalho de campo possibilitaram entender as variáveis ambientais, como: localização, unidade de relevo, topográfica em relação à vertente, morfologia, tipo de rocha suporte, dimensão da área abrigada e os tipos de grafismos inseridos no contexto de cada sítio. Essas variáveis nos possibilitam reconhecer as escolhas das apresentações cenográficas. As escolhas por determinados suportes rochosos podem estar relacionadas à percepção do espaço e à condição de visibilidade dos grafismos.

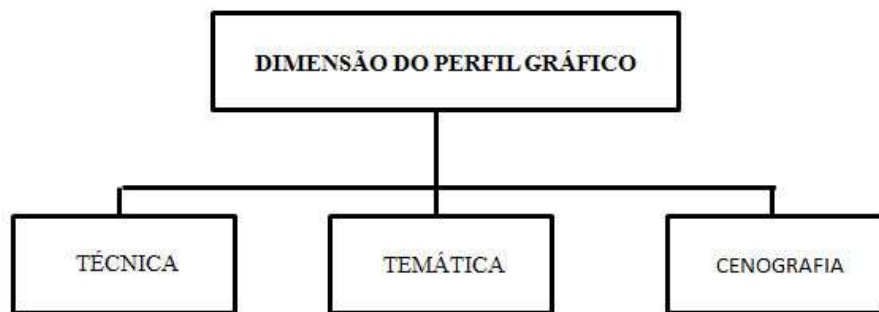
4.1 CATEGORIAS ANALÍTICAS

Frente à problemática desta pesquisa, propõe-se aqui, como forma de responder a estas questões, um conjunto hierarquizado de categorias analíticas, definidas especificamente para essa pesquisa.

Foi utilizado o método de microanálise das unidades gráficas segregadas, proposto por Pessis (1984), que contribui para a identificação de características a determinados grafismos que apresentam as mesmas características a uma mesma autoria social.

Para estabelecer classificações no registro rupestre é necessário considerar como fonte de informação e fornecimento de parâmetros as três dimensões do fenômeno gráfico: técnica, temática e cenografia (PESSIS, 1992). A partir dessa proposta sugerida na classificação do registro rupestre, criamos modelos analíticos adaptados para essa pesquisa (Figura 9).

Figura 9- Modelo analítico do perfil gráfico.



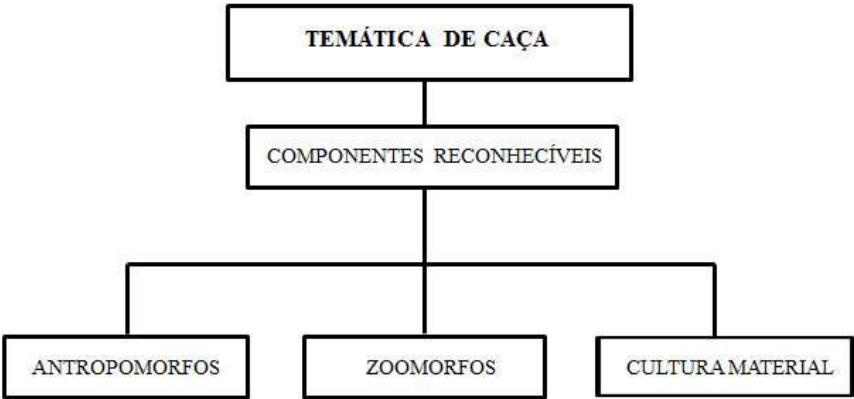
Fonte: Pessis (1992).

4.2 COMPONENTES DA TEMÁTICA

A Temática é o núcleo pelo qual os indivíduos representam suas diferentes realidades, realidades essas que pertencem ao mundo simbólico do indivíduo ou mundo sensível (material). Pelo critério da temática, identificam-se as preferências de forma que os autores de uma determinada sociedade utilizam para representar realidades (PESSIS, 1992).

Em nosso critério analítico, dentro do fenômeno da dimensão do perfil gráfico, estabelecemos a variável da temática para identificar os elementos reconhecíveis constituintes das cenas de caça: antropomorfos, zoomorfos e cultura material (Figura 10).

Figura 10- Modelo analítico do perfil gráfico



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

No reconhecimento de representações antropomorfas (humanos), MONZON (1984) estabeleceu parâmetros de identificação. Essa classe de figuras representa uma grande diversidade morfológica (Quadro 02). Nem sempre todos os componentes dessa classe de figuras estarão representados. O sexo masculino, nem sempre é presente. O sexo feminino é indicado por um semicírculo, que aparece somente nas figuras relacionadas a cenas de sexo (MONZON, 1984).

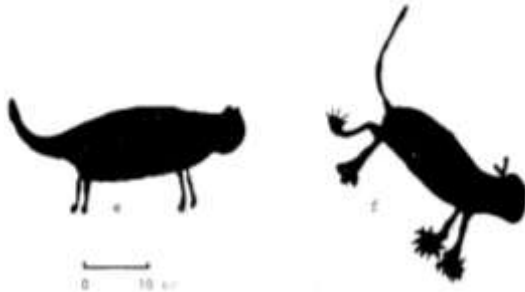
Quadro 2- Figuras de antropomorfos.

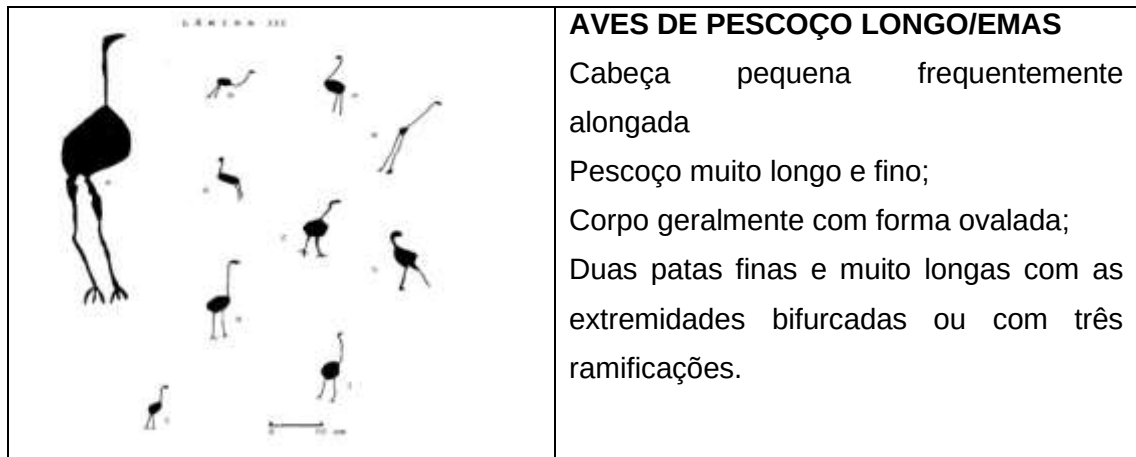
	A forma do corpo pode ser: • Redonda; • Oval; • Retangular ou filiforme. A mesma variedade das formas pode se constatar no que se refere a cabeça assim como os membros são finos, longos ou curtos.
--	--

Fonte: Monzon (1984, p. 75).

No reconhecimento de figuras zoomórficas (animais), tentamos destacar os traços morfológicos pertinentes para a identificação. MONZON (1984) estabeleceu traços morfológicos que permitem identificar quatro grupos: o dos cervídeos, dos tatus, dos felinos e das emas (Quadro 03).

Quadro 3- Figuras de zoomorfos.

CERVÍDEO Cabeça com apêndices frontais: chifres ou orelhas são geralmente de forma triangular; Pescoço longo e fino; Patas longas e finas com extremidades bifurcadas; Cauda curta e geralmente levantada.	
	TATU Cabeça pequena, geralmente em forma triangular, com o focinho pontudo; Pescoço curto e grosso; Corpo grande e pesado; Patas curtas e finas com as extremidades bifurcadas ou com três ramificações; Cauda longa e esticada quase na vertical. Às vezes a cauda e as patas são mais grossas.
FELINOS Cabeça redonda; Orelhas pequenas e divergentes; Pescoço curto e grosso; Corpo geralmente fino, alongado e não muito espesso; Patas com extremidades arredondadas (com ou sem garras); Cauda longa e esticada.	

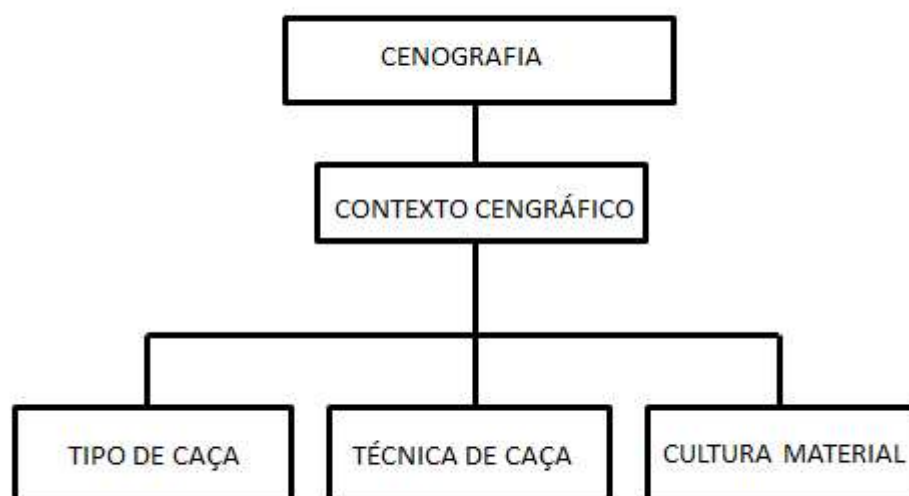


Fonte: Monzon (1984, p. 72-74).

4.3 COMPONENTES DA CENOGRAFIA

No conjunto dos procedimentos metodológicos, destacam-se as variáveis do contexto cenográfico selecionadas para análise: tipo de caça, técnica de caça e cultura material (Figura 11). Para análise do contexto cenográfico com temática de caça, Borges (2017) estabeleceu algumas variáveis que serão utilizadas nessa pesquisa:

Figura 11- Variáveis selecionadas para análise das cenas.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

O tipo de caça é caracterizado pela identificação mais próxima do grupo de animal caçado. Exemplo: caça ao felino. A identificação do animal nos permite analisar se há uma padronização na técnica de caça para determinado grupo.

A técnica de caça refere-se ao modo como a caça é realizada na representação. Exemplo: apresamento⁴, abatimento⁵, encurralamento⁶ perseguição⁷ ou aproximação⁸ das figuras animais pelas figuras humanas. Em relação à participação humana na caça representada, também é observado se a técnica é executada de modo individual ou coletivo.

A cultura material refere-se aos artefatos utilizados como instrumento durante a caça, representados nas cenas (armas, adornos, armadilhas, balaies, fogueiras...).

4.4 TRATAMENTOS DE IMAGENS

5

Para o reconhecimento e identificação dos detalhes da composição de cada cena, além da utilização das fotografias, foram utilizadas na etapa de análise de laboratório ferramentas de software para o tratamento de imagem das cenas com pouca visibilidade. O tratamento de imagens é realizado com ferramenta de softwares para segregação dos elementos representativos, permitindo selecionar os pixels e identificar figura por figura que formam a composição da cena na mancha gráfica (VILLA VERDE, 2002).

Para Montalvo (2010), a necessidade de buscar detalhes nas análises morfológicas e espacial dos grafismos e a procura da eliminação de parte da subjetividade da cena, através da automatização dos procedimentos de captação de imagem, garante maior aproximação da realidade concreta ideativa do grafismo, no processo de distinção entre os pigmentos do suporte, deixando mais clara à visualização da imagem. As etapas de tratamento de imagem utilizadas foram:

- Identificação da cena dentro da mancha gráfica;

⁴Consiste na técnica de capturar; aprisionar, tornar preso ou cativo o animal.

⁵Consiste na técnica de abater, de derrubar, deitar abaixo.

⁶Consiste na técnica de encerrar, acuar ou cercar a caça num círculo de caçadores que se vai apertando cada vez mais.

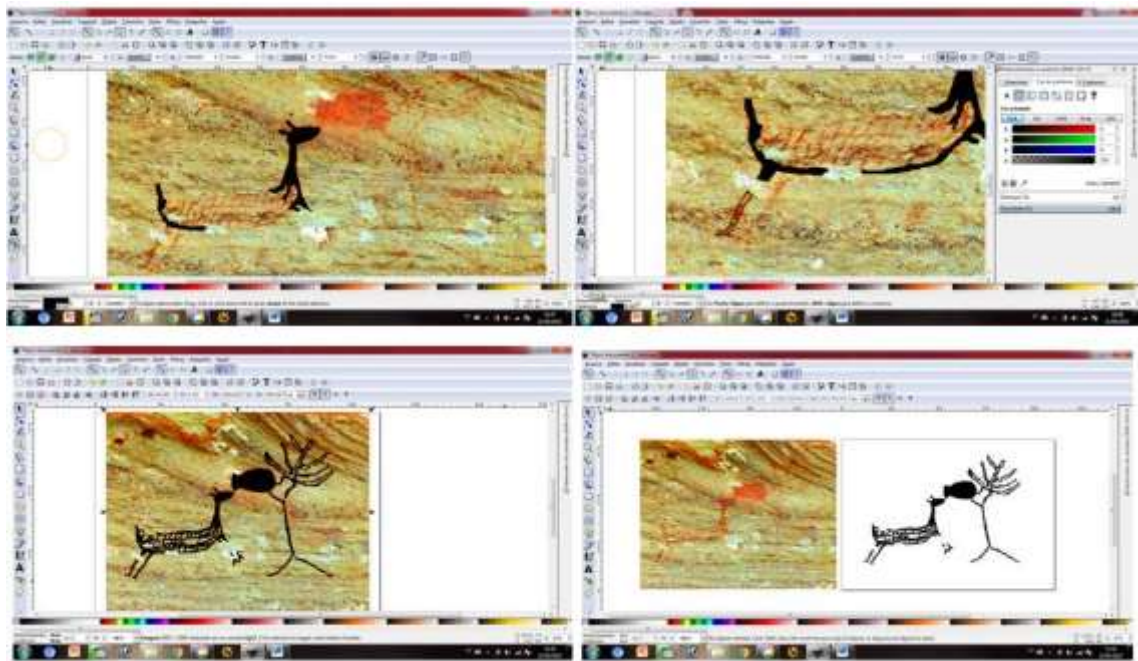
⁷Consiste na técnica de perseguir, correr ou ir atrás de um animal.

⁸Consiste na técnica de aproximar o animal sem uso de armas, utilizando às vezes de alguma armadilha.

- Enquadramento a partir de imagens fotográficas, para visualizar os detalhes de cada cena;
- Segregação da imagem com programa e com uso de ferramentas específicas.
- Vetorização das cenas com grau de conservação baixo

Para identificação dos elementos constituintes das cenas com grau de conservação baixa, foi utilizada a ferramenta do software Inkscape para criação de nova camada, vetorização e preenchimento das pinturas (Figura 12).

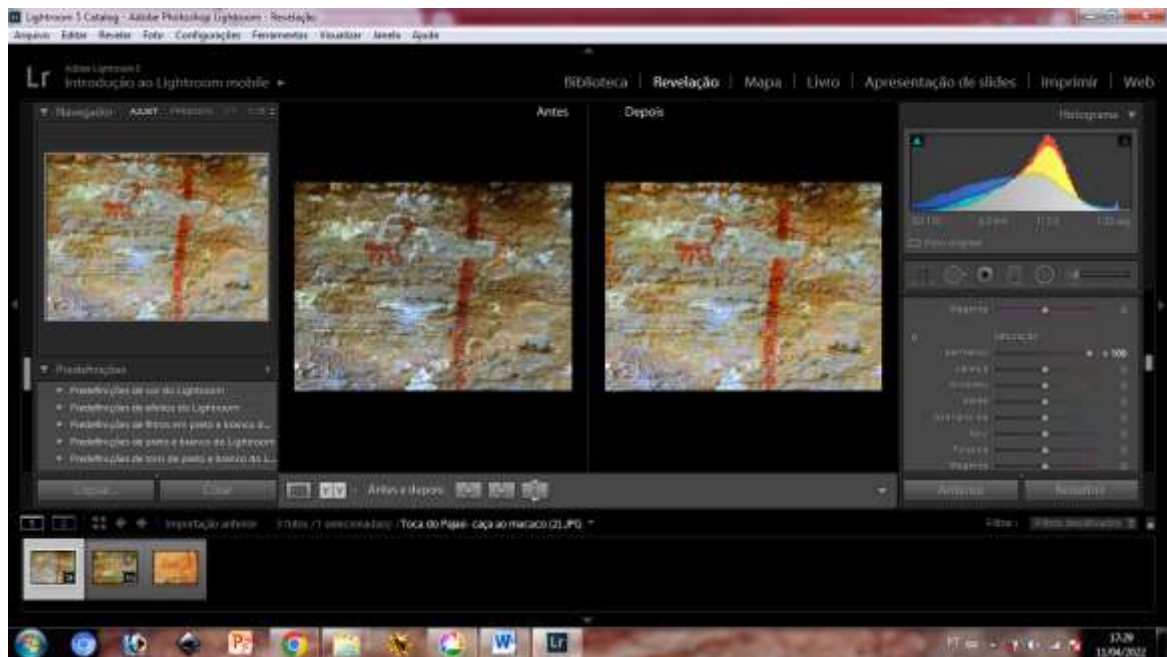
Figura 12- Vetorização com software Inkscap.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Para a segregação de imagens realiza-se a distinção entre pigmento, suporte e possíveis sobreposições, utilizando o software Lightroom (Figura 13).

Figura 13- Segregação das imagens com software Lightroom.



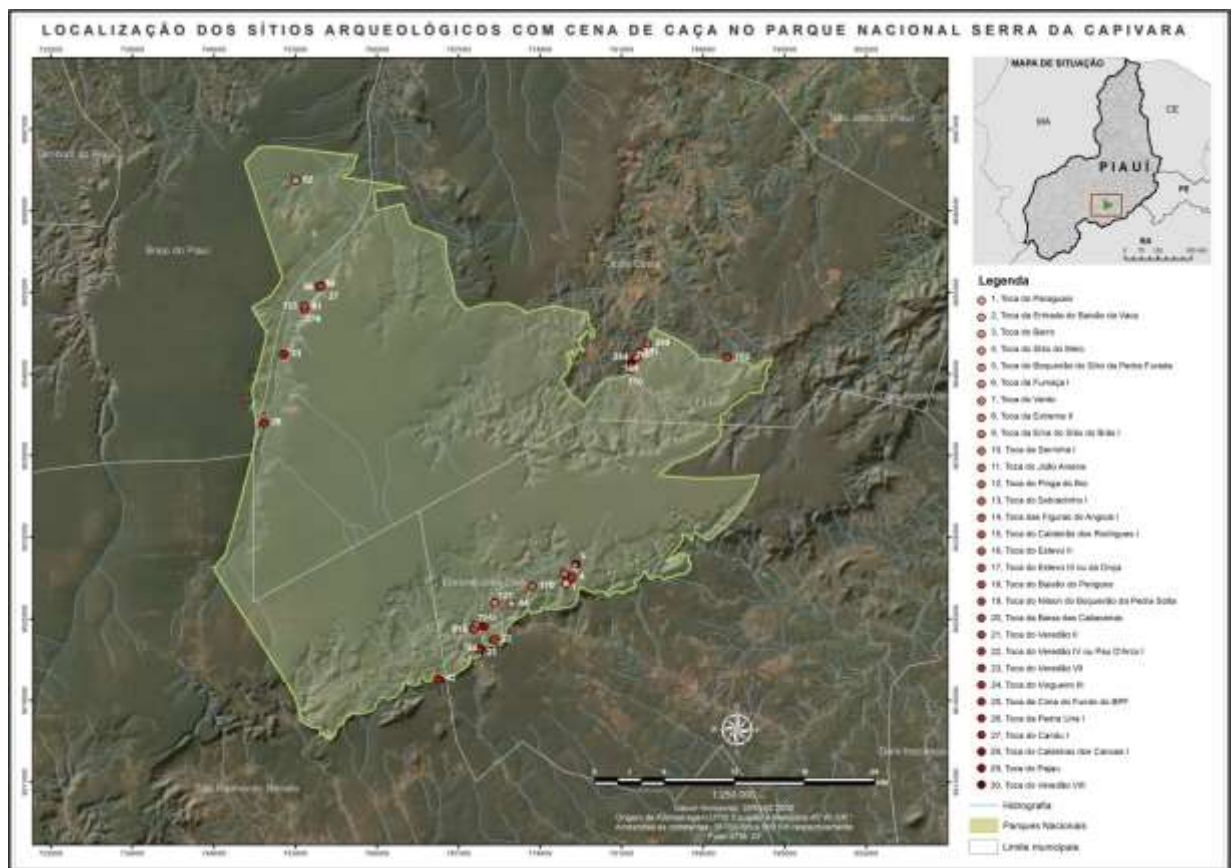
Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Seguindo os seguintes procedimentos: correção ou realce automático ou manual das cores (brilho, contraste, saturação, ajuste de níveis por cores).

6 APRESENTAÇÃO DOS SÍTIOS E CARACTERIZAÇÃO DAS CENAS DE CAÇA

Neste capítulo, apresentaremos os 30 sítios que compõe essa pesquisa e caracterização das 90 cenas de caça reconhecidas entre eles e sua distribuição na área arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara- PI (Figura 14). Foi utilizado o critério cronológico de descoberta dos sítios, através do código de cadastro para fazer a apresentação.

Figura 14- Mapa de localização dos sítios com cenas de caça.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.1 TOCA DO PARAGUAIO (cód. 01)

O sítio Toca do Paraguaio (Figura 15) está localizado no município de Coronel José Dias entre as coordenadas UTM E: 0776229 e N: 9028032 é constituído por um abrigo, a rocha suporte é um arenito de fino a média, coloração clara, intercalado com camadas de conglomerados. Em relação à sua inserção topográfica está posicionado em média vertente e possui abertura para leste a uma altitude aproximada de 451m. No suporte do sítio foi reconhecida oito cenas de caça.

Figura 15- Sítio Toca do Paraguaio.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.1.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 16) é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 16- Cena 1: Sítio Toca do Paraguaio.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apresamento e individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A-** Antropomorfo. **B-** Zoomorfo

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.1.2 Caracterização da cena 2

A cena 2 (Figura 17) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao felino, onde três antropomorfos abatem o zoomorfo com uso de cultura material (armas). A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 17- Cena 2: Sítio Toca do Paraguai.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao felino. Técnica de caça: Abatimento e coletivo. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfo. **C:** Armas.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.1.3 Caracterização da cena 3

A cena 3 (Figura 18) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao tatu, onde dois antropomorfos abatem os zoomorfos sem uso de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 18- Cena 3: Sítio Toca do Paraguaio.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: abatimento e coletivo. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A**: Antropomorfos. **B**: Zoomorfos.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.1.4 Caracterização da cena 4

A cena 4 (Figura 19) é caracterizada pela representação de caça individual ao cervídeo, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo apressa o zoomorfo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 19- Cena 4: Sítio Toca do Paraguaio.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: apresamento individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.1.5 Caracterização da cena 5

A cena 4 (Figura 20) é caracterizada pela representação de caça individual ao cervídeo, o antropomorfo encontra-se agachado e o zoomorfo deitado sugerindo caça bem-sucedida, animal abatido. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 20- Cena 5: Sítio Toca do Paraguaio.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: abatimento individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A**: Antropomorfo. **B**: Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.1.6 Caracterização da cena 6

A cena 6 (Figura 21) é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 21- Cena 6: Sítio Toca do Paraguaio.



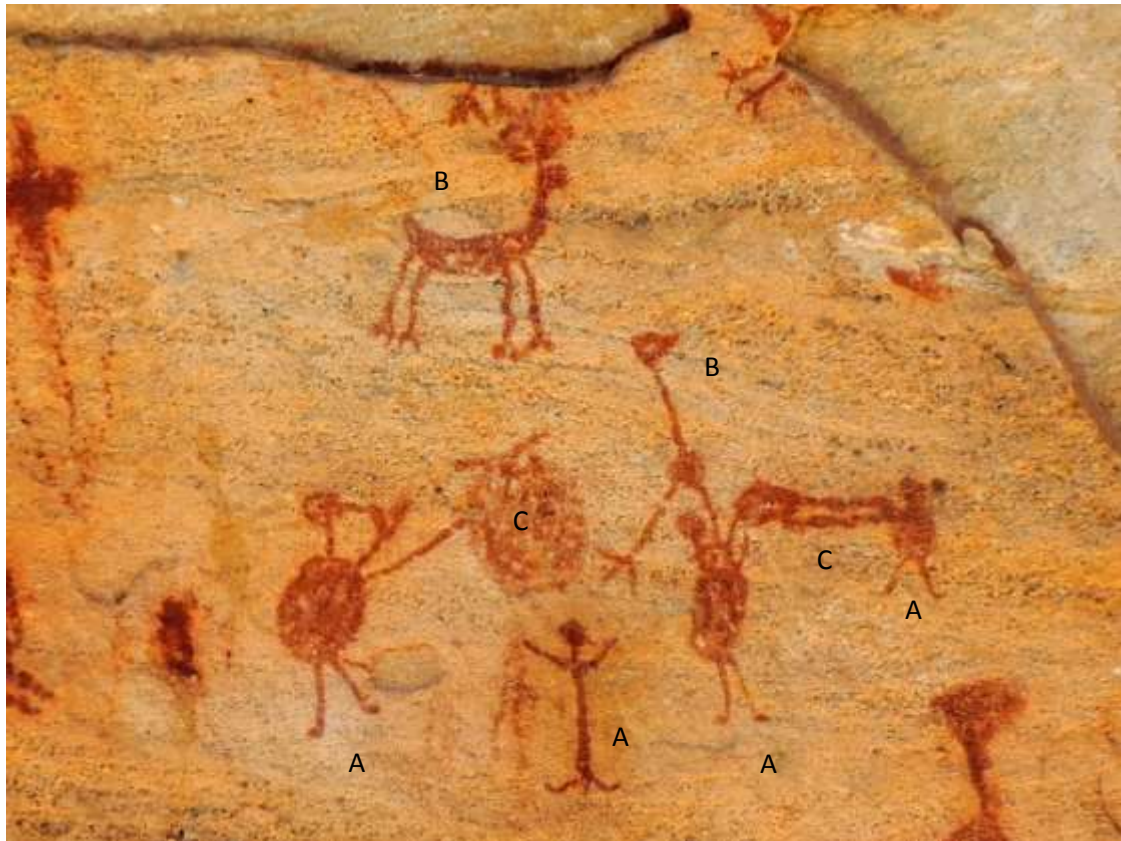
Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: abatimento individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.1.7 Caracterização da cena 7

A cena 7 (Figura 22) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao cervídeo e ema, onde quatro antropomorfos encurralam os zoomorfos com uso de cultura material (balaio, armadilha). A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 22- Cena 7: Sítio Toca do Paraguaio.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça a ema/cervídeo. Técnica de caça: Encurralamento e coletiva. Cultura material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfos. **C:** Balaio, armadilha.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.1.8 Caracterização da cena 8

A cena 8 (Figura 23) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao tatu, onde dois antropomorfos encurralam os zoomorfos com uso de cultura material (armas e armadilha). A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 23- Cena 8: Sítio Toca do Paraguaio.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Encurralamento e coletiva. Cultura material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfos. **C:** armas, armadilha.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.2 TOCA DA ENTRADA DO BAIXÃO DA VACA (cód. 02)

O sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca (figura 24) está localizado no município de Coronel José Dias, entre as coordenadas UTM E: 0776095 e N: 9028871. É constituído por um extenso abrigo composto por arenito fino de coloração clara. Em relação a sua inserção topográfica está posicionado em alta vertente e possui abertura para leste a uma altitude de 430 m. No suporte desse sítio reconhecemos três cenas de caça.

Figura 24- Toca da Entrada do Baixão da Vaca.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.2.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 25) é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material enquanto o outro foge. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 25- Cena 1: Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apresamento e individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A**: Antropomorfo. **B**: Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.2.2 Caracterização da cena 2

A cena 2 (Figura 26) é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 26- Cena 2: Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apresamento e individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.2.3 Caracterização da cena 3

A cena 3 (Figura 27), é caracterizada pela representação de caça coletiva ao tatu. Um antropomorfo o zoomorfo segurando-o pelo rabo, enquanto outro, o abate com presença de cultura material (arma). A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 27- Cena 3: Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Abatimento e coletiva. Cultura material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfo. **C:** arma.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.2.4 Caracterização da cena 4

A cena 4 (Figura 28) é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material, enquanto o outro zoomorfo corre. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 28- Cena 4: Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apresamento e individual. Cultura material: Ausente. Legenda: **A**: Antropomorfo. **B**: Zoomorfos.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.2.5 Caracterização da cena 5

A cena 5 (Figura 29) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao tatu gigante, através da técnica de apresamento onde um antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material, enquanto o outro antropomorfo está em cima do animal. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 29- Cena 5: Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca.



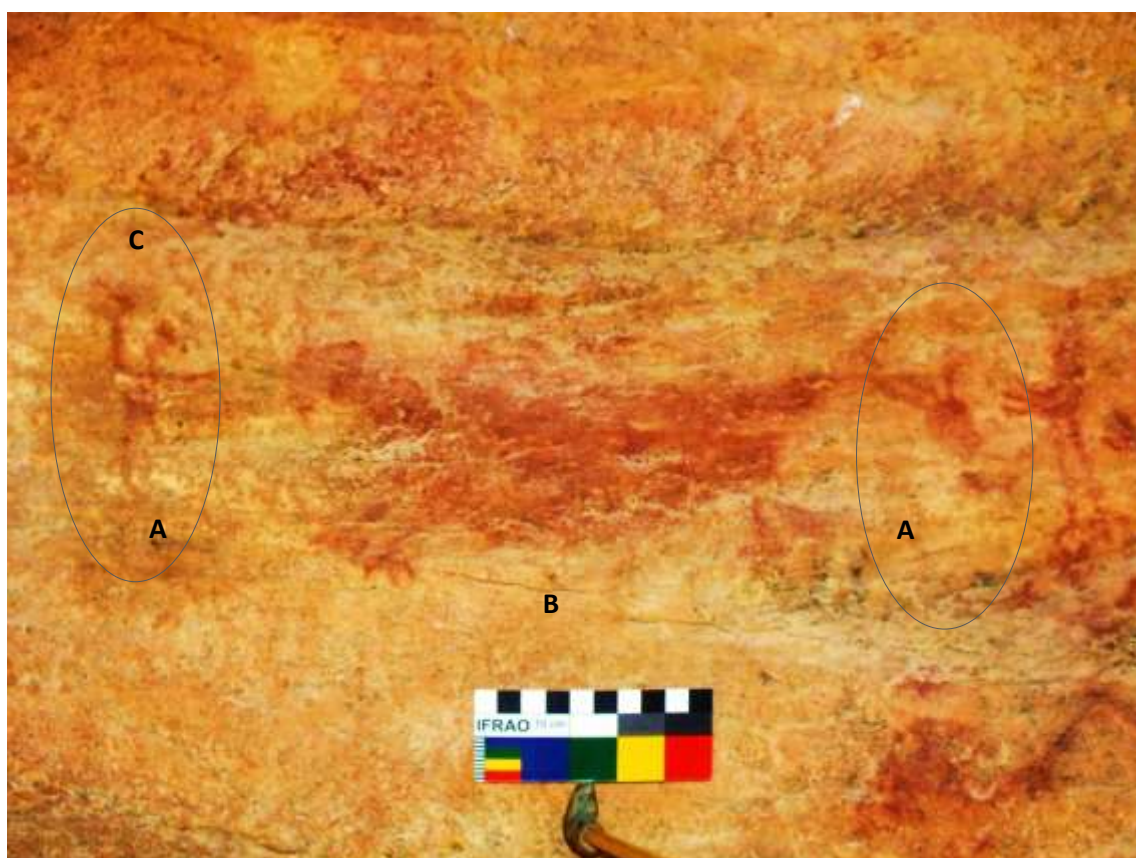
Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apressamento e coletiva. Cultura material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.2.6 Caracterização da cena 6

A cena 6 (Figura 30) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao felino, onde dois antropomorfos abatem o zoomorfo. Um antropomorfo segura o felino pelo rabo, enquanto o outro, está em movimento de ataque na direção da cabeça com uso de cultura material (armas). A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 30- Cena 6: Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao felino. Técnica de caça: Abatimento e coletiva. Cultura material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfo. **C:** arma.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.2.7 Caracterização da cena 7

A cena 7 (Figura 31) é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo, enquanto o outro zoomorfo está sem movimento e aparentemente deitado. O antropomorfo está com a mão direita erguida, possivelmente em agradecimento da caça bem-sucedida. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 31- Cena 7: Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Abatimento e individual. Cultura material: Ausente. Legenda: **A**: Antropomorfo. **B**: Zoomorfos.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.3 TOCA DO BARRO (cód. 04)

O sítio Toca do barro (Figura 32) está localizado no município de Coronel José Dias, entre as coordenadas UTM E: 0 776749 e N: 9028534. O sítio é composto por um extenso abrigo composto por conglomerados e arenitos de coloração clara, sua inserção topográfica está posicionada em média vertente e possui abertura para leste a uma altitude de 430 m. No suporte desse sítio reconhecemos uma cena de caça.

Figura 32- Sítio Toca do Barro.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.3.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 33) é caracterizada pela representação de caça individual ao cervídeo, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 33- Cena 1: Sítio Toca do Barro.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Apressamento e individual. Cultura material: Ausente. Legenda: **A**: Antropomorfo. **B**: Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.4 TOCA DA ENTRADA DO PAJAÚ (cód. 06)

O Sítio Toca da Entrada do Pajaú (Figura 34) está localizado no município de Coronel José Dias, entre as coordenadas UTM E: 777249 e N: 902953. O sítio é composto por um abrigo sob-rocha de arenito e conglomerado, sua abertura direciona-se ao norte e orienta-se para leste e oeste, situado no alto de vertente da Serra da Capivara, em uma altitude de 532 metros. No suporte desse sítio reconhecemos quatro cenas de cena de caça.

Figura 34- Sítio Toca do Pajaú.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.4.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 35) destaca-se pelo tipo de caça peculiar em relação as outras. Uma caça ao cervídeo por aproximação, onde o antropomorfo que está usando um adorno o que pode representar uma hierarquia social no grupo toca a pata do animal com a mão direita. Essa técnica de caça também é chamada de “caça limpa”.

Figura 35- Cena 1: Sítio Toca do Pajaú.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Aproximação individual. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo. **C:** Adorno

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.4.2 Caracterização da cena 2

A cena 2 (Figura 36) também é destaque pela sua representação. O tipo de caça foi caracterizado como caça de peixe. Reconhecemos dois antropomorfos preparando a rede de pesca, abrindo-a com o auxílio das mãos e pés, um deles usa uma capanga nas costas, demonstrando estarem se preparando para a pescaria.

Figura 36- Cena 2: Sítio Toca do Pajaú.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao peixe. Técnica de caça: Apressamento coletivo. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **C:** Armadilha (rede), capanga/ balaio.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.4.3 Caracterização da cena 3

A cena 3 (Figura 37) é caracterizada pela representação de caça individual ao macaco, o antropomorfo encontra-se com os braços abertos aparentemente celebrando a caça bem-sucedida, animal abatido. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 37- Cena 4: Sítio Toca do Pajaú.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao macaco. Técnica de caça: Abatimento individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.4.4 Caracterização da cena 4

A cena 4 (Figura 38) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao cervídeo. Dois antropomorfos perseguem o zoomorfo, um deles com uma capanga no braço. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 38- Cena 5: Sítio Toca do Pajaú.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Perseguição coletiva. Cultura Material: Presente. Legenda: A: Antropomorfos. C: capanga/ balaio.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.5 TOCA DO SÍTIO DO MEIO (cód. 22)

A Toca do Sítio do Meio (Figura 39) está localizada no município de Coronel José Dias entre as coordenadas UTM E: 0770050 e N: 9023206. O sítio é constituído por um abrigo, sua rocha suporte é um arenito de fino a média, coloração clara, intercalado com camadas de siltito, sua inserção topográfica está posicionada em baixa vertente, possui orientação nordeste-sudoeste a uma altitude de 454 m. No suporte do sítio foram reconhecidas quatro cenas de caça.

Figura 39- Toca do Sítio do Meio.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.5.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 40) é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 40- Cena 1: Sítio do Meio.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apresamento e individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.5.2 Caracterização da cena 2

A cena 2 (Figura 41) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao cervídeo, composta por 7 antropomorfos encurralando 4 zoomorfos com presença de cultura material (1 arma, 1 armadilha, destacadas em círculos). Nessa representação de caça, podemos observar 2 cervídeos tentando fugir, enquanto os outros dois, um vai em direção a uma armadilha e o outro é capturado pelo pescoço por uma figura humana (destaque em círculo).

Figura 41- Cena 2: Sítio do Meio.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Encurralamento e coletivo. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfos. **C:** Cultura material (arma e armadilha)

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.5.3 Caracterização da cena 3

A cena 3 (Figura 42) é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 42- Cena 3: Sítio do Meio.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apresamento e individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A**: Antropomorfo. **B**: Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.5.4 Caracterização da cena 4

A cena 4 (Figura 43) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao cervídeo, composta por 2 antropomorfos encurralando 1 zoomorfo com presença de cultura material (armas, armadilha, destacadas em círculos). Nessa representação de caça, podemos observar o cervídeo caindo na armadilha, enquanto os antropomorfos erguem as mãos celebrando a caça bem-sucedida.

Figura 43- Cena 4: Sítio do Meio.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Encurralamento e coletivo. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfo. **C:** Armas e armadilha.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.6 TOCA DO VENTO (cód. 26)

O sítio Toca do Vento (Figura 44) está localizado no município de São Raimundo Nonato entre as coordenadas UTM E: 0750291 e N: 9041810. É constituído por um abrigo, a rocha suporte é um arenito de granulometria de intervalo fino a médio, alternando com camadas de siltitos, sua inserção topográfica está posicionada baixa vertente, possui orientação sudeste-noroeste e abertura para o sudoeste a uma altitude de 425m. No suporte do sítio foram reconhecidas cinco cenas de caça.

Figura 44- Sítio Toca do Vento.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.6.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 45) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao felino, constituída por onde 11 antropomorfos usando adornos que abatem um zoomorfo com uso de arma (cultura material destacada em círculo). Foi observado que dois antropomorfos estão em gestualidade como zoomorfo, um segurando a cauda do felino e o outro arremessando uma arma contra a pata dianteira do animal, os demais erguem as mãos celebrando a caça bem-sucedida.

Figura 45- Cena 1: Sítio Toca do Vento.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao felino. Técnica de caça: Abatimento e coletivo. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfo. **C:** Armas e adornos.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.6.2 Caracterização da cena 2

A cena 2 (Figura 46) é caracterizada pela representação de caça individual ao cervídeo, onde o antropomorfo persegue o zoomorfo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 46- Cena 2: Sítio Toca do Vento.



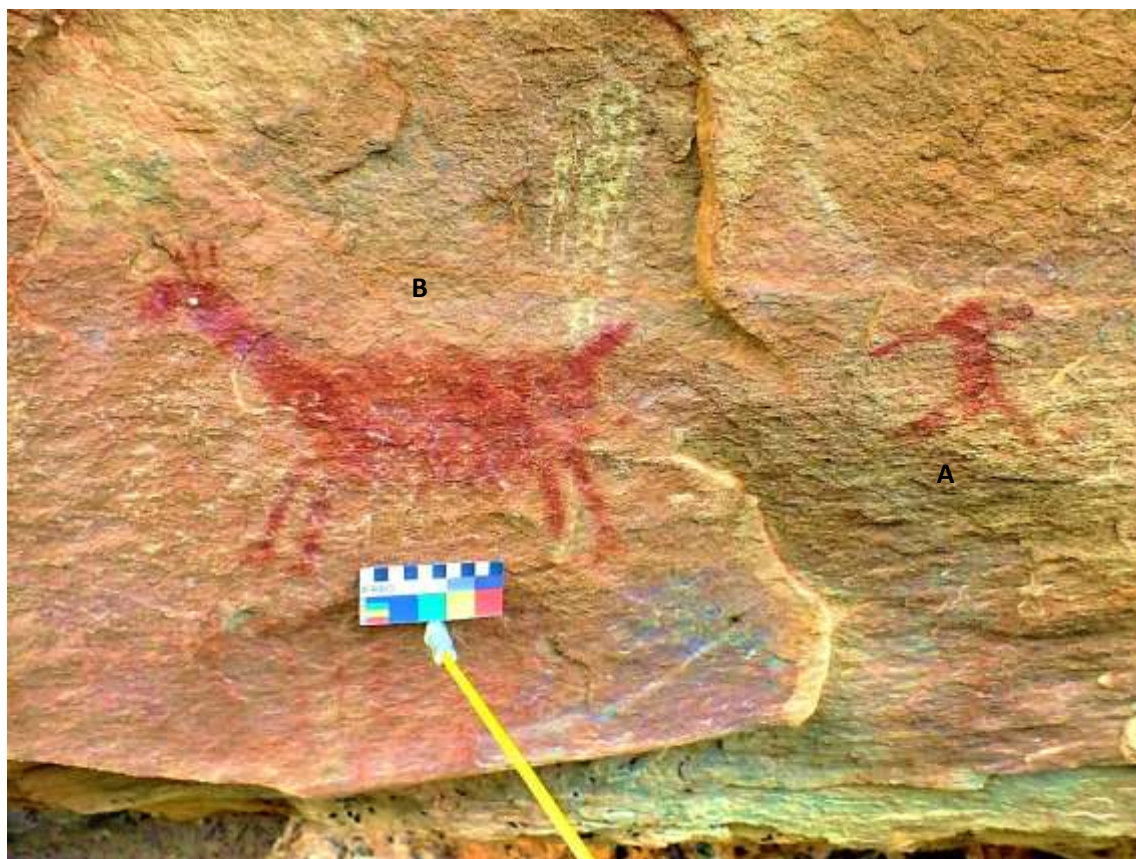
Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Perseguição e individual. Cultura material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Fundação do Homem Americano (2018).

6.6.3 Caracterização da cena 3

A cena 3 (Figura 47) também é caracterizada pela representação de caça individual ao cervídeo, onde o antropomorfo persegue o zoomorfo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 47- Cena 3: Sítio Toca do Vento.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Perseguição e individual. Cultura material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Fundação Museu do Homem Americano- FUMDHAM (2018).

6.6.4 Caracterização da cena 4

A cena 4 (Figura 48) é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, onde o antropomorfo persegue o zoomorfo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 48- Cena 4: Sítio Toca do Vento.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Perseguição e individual. Cultura material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.6.5 Caracterização da cena 5

A cena 5 (Figura 49) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao cervídeo, composta por 3 antropomorfos que abatem 1 zoomorfo com presença de cultura material (armas, destacadas em círculos). Nessa representação de caça, podemos observar 1 antropomorfo atingindo o animal pelas costas, enquanto os antropomorfos erguem as mãos celebrando a caça bem-sucedida.

Figura 49- Cena 5: Sítio Toca do Vento.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Abatimento e coletivo. Cultura material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfo. **C:** Armas.

Fonte Fundação Museu do Homem Americano- FUMDHAM (2018).

6.7 TOCA DA EXTREMA II (cód. 33)

O sítio Toca da Extrema II (Figura 50) está localizado município de João Costa entre as coordenadas UTM E: 0752016 e N: 9047673. É constituído por um abrigo, sua rocha suporte é um arenito de intervalo de granulometria média, com laminas de siltito, sua inserção topográfica está posicionada em baixa vertente e possui abertura voltada para noroeste a uma altitude de 393 m. No suporte do sítio foi reconhecida uma cena de caça.

Figura 50- Sítio Toca da Extrema II.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.7.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 51) é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 51- Cena 1: Sítio Toca da Extrema.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apresamento e individual. Cultura material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.8 TOCA DA EMA DO SÍTIO DO BRÁS I (cód. 42)

O sítio Toca da Ema do Sítio do Brás I (Figura 52) é constituído por um extenso abrigo formado por arenito de intervalo granulométrico fino a média, coloração avermelhada, intercalado com camadas de siltitos. Está situado entre as coordenadas UTM E: 0765284 e N: 9019821 no município de São Raimundo Nonato. Em relação a sua inserção topográfica está posicionada em média vertente, abertura está voltada para o oeste a uma altitude de 449 m. No Sítio Toca da Ema do Sítio do Brás I foram reconhecidas duas cenas de caça.

Figura 52- Sítio Toca da Ema do Sítio do Brás I.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.8.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 53) é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 53- Cena 1: Sítio Toca da Ema.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apresamento e individual. Cultura material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.8.2 Caracterização da cena 2

A cena 2 (Figura 54) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao tatu, através da técnica de apresamento onde dois antropomorfos capturam dois zoomorfos segurando-os pelo rabo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 54- Cena 2: Sítio Toca da Ema.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apresamento e coletivo. Cultura material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfos.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.9 TOCA DA SERRINHA I OU ROÇA DO ROSA I (cód. 44)

O sítio Toca da Serrinha I ou Roça do Rosa I (Figura 55) está localizado no município de Coronel José Dias entre as coordenadas UTM E: 0771534 e N: 9026270. É constituído por um abrigo de arenito, granulometria médio a fino, de coloração avermelhada, intercalado com camadas de siltitos, sua inserção topográfica está posicionada em média vertente e sua abertura está voltada para sul a uma altitude de 524 m. No suporte do sítio foram reconhecidas duas cenas de caça.

Figura 55- Toca da Serrinha I ou Roça do Rosa I.

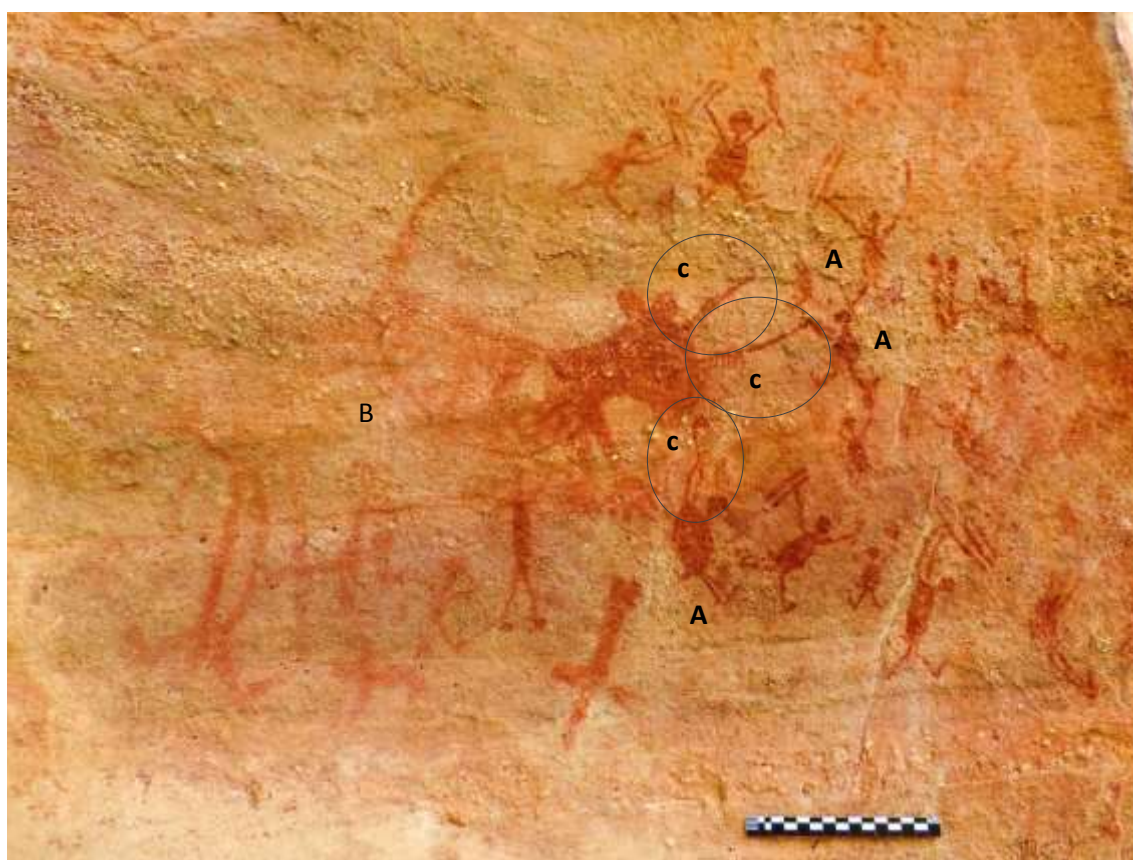


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.9.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 56) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao felino, onde três antropomorfos abatem o zoomorfo com uso de cultura material (armas, destacadas em círculos). A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 56- Cena 1: Sítio Toca da Serrinha I.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao felino. Técnica de caça: Abatimento e coletiva. Cultura material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfo. **C:** Armas.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.9.2 Caracterização da cena 2

A cena 1 (Figura 57) é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 57- Cena 2: Sítio Toca da Serrinha I



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apresamento e individual. Cultura material: Ausente. Legenda: **A**: Antropomorfo. **B**: Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.10 TOCA DO CALDEIRÃO CANOAS I (cód. 43)

O sítio Toca do Caldeirão Canoas (Figura 58) está localizado no município de Coronel José Dias entre as coordenadas UTM E: 769109 e N: 9024366. É constituído por um abrigo, a rocha suporte é um arenito de granulometria de intervalo fino a médio, alternando com camadas de siltitos, sua inserção topográfica está posicionada em alta vertente e sua abertura está voltada para sul a uma altitude de 523 m. No suporte do sítio foram reconhecidas três cenas de caça.

Figura 58- Sítio Toca do Caldeirão do Canoas I



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.10.1 Caracterização da cena 1

“Um dia da caça, outro do caçador”

A cena 1 (Figura 59), é caracterizada pela representação de caça coletiva ao felino, constituída por 5 antropomorfos que tentam encurralar o zoomorfo com presença de cultura material (adorno). A cena destaca-se por representar uma “caça não bem-sucedida”, observe que o felino ataca a figura humana, que está em movimento de queda, enquanto os demais erguem os braços aparentemente assustados. É importante destacar que apenas uma figura humana usa adorno e é justamente a que está frente à caça podendo representar uma hierarquia social em relação aos demais.

Figura 59- Cena 1: Sítio Toca do Caldeirão do Canoas I.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao felino. Técnica de caça: Encurralamento e coletiva. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfo. **C:** Adorno.

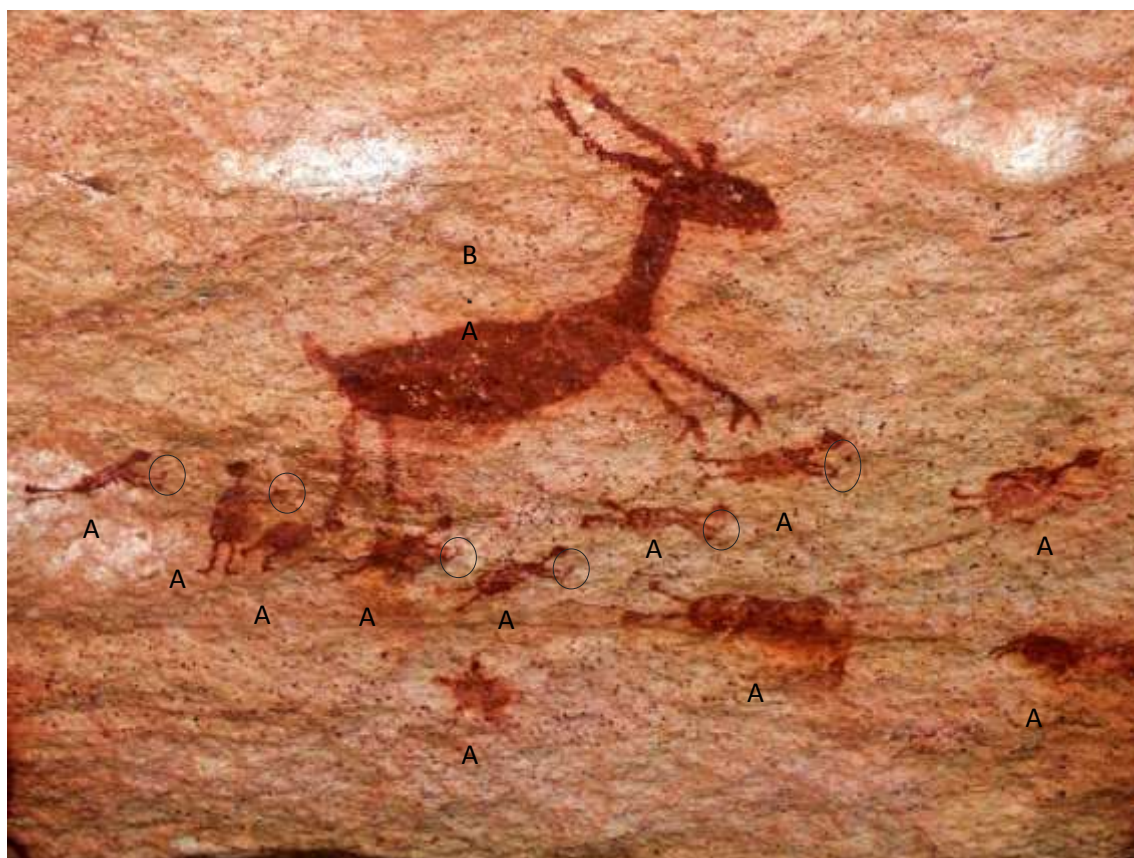
Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.10.2 Caracterização da cena 2

“Um dia da caça, outro do caçador”

A cena 2 (Figura 60), é caracterizada pela representação de caça coletiva ao cervídeo. A cena é composta por 11 antropomorfos encurralando o zoomorfo com presença de cultura material (06 armas destacadas em círculos). A cena destaca-se por representar uma “caça não bem-sucedida”. Observe que as patas dianteiras do cervídeo estão erguidas, assustando as figuras humanas, algumas caídas no chão, enquanto outras correm.

Figura 60- Cena 2: Sítio Toca do Caldeirão do Canoas I.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Encurralamento e coletivo. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfos. **Círculo:** Armas.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.10.3 Caracterização da cena 3

A cena 3 (Figura 61), é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu. A cena é constituída por 1 antropomorfo e 4 zoomorfos, podemos observar a figura humana com as mãos erguidas celebrando a caça bem-sucedida. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 61- Cena 3: Sítio Toca do Caldeirão do Canoas I.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Abatimento individual. Cultura Material: Ausente. **A**: Antropomorfo. **B**: Zoomorfos.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.11 TOCA DO JOÃO ARSENA (cód. 51)

O sítio Toca do João Arsená (Figura 62) está localizado no município de João Costa entre as coordenadas UTM E: 0753811 e N: 9051702. É constituído por um abrigo, a rocha suporte é um arenito de granulometria média, de coloração clara, sua inserção topográfica está posicionada em baixa vertente, possui abertura voltada para leste a uma altitude de 386 m. No suporte do sítio foi reconhecida uma cena de caça.

Figura 62- Sítio Toca do João Arsená.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.11.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 63) é caracterizada pela caça coletiva ao felino, constituída por um movimento de abatimento onde um antropomorfo lança armas (cultura material destacada em círculo) sobre o zoomorfo, enquanto dois antropomorfos seguram-no pelo rabo. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 63- Cena 1: Sítio Toca do João Arsená.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao felino. Técnica de caça: Abatimento e coletiva. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfo. **C:** Armas.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.12 TOCA DO PINGA DO BOI (cód. 54)

O sítio Toca do Pinga do Boi (Figura 64) está localizado município de João Costa entre as coordenadas UTM E: 0755300 e N: 9053576. É constituído por um abrigo, a rocha suporte é um arenito, intercalado com lâminas de siltito, de coloração avermelhada, sua inserção topográfica está posicionada em baixa vertente e possui abertura voltada para sudoeste a uma altitude de 370 m. No suporte do sítio foram reconhecidas cinco cenas de caça.

Figura 64- Sítio Toca do Pinga do Boi.

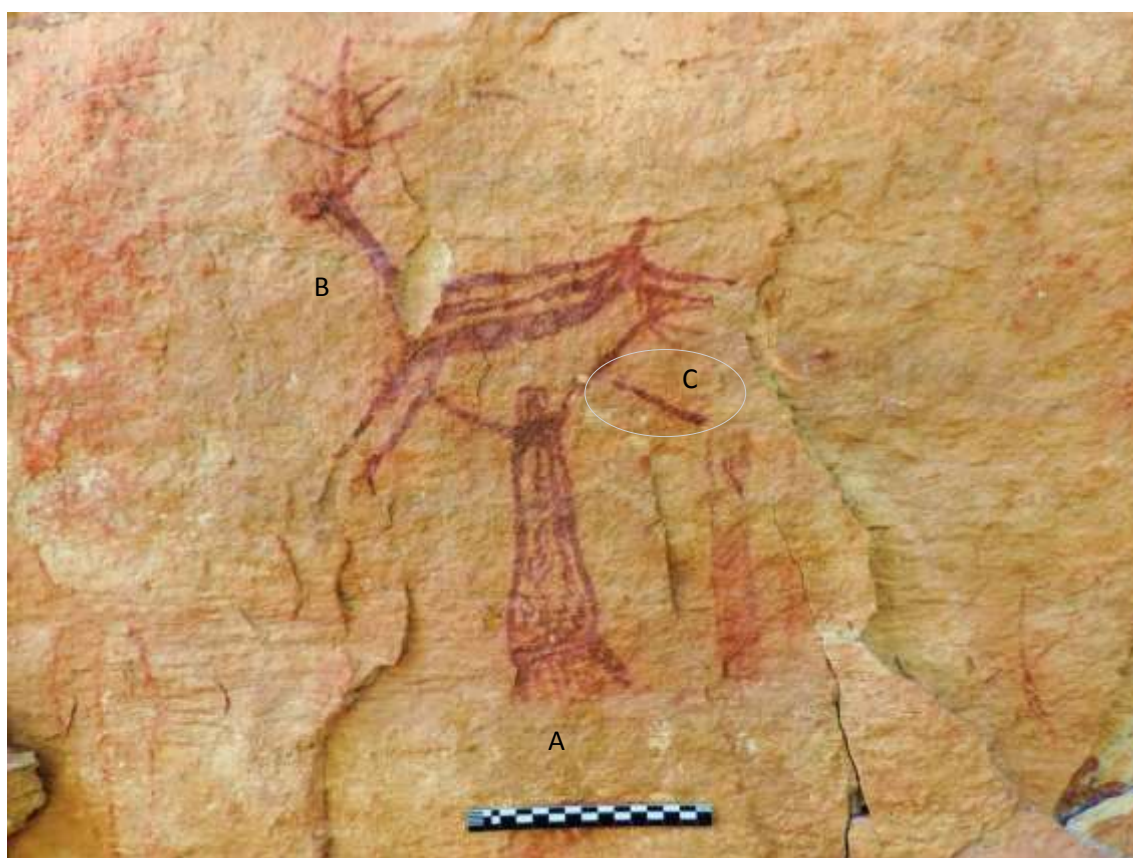


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.12.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 65), é caracterizada pela representação de caça individual ao cervídeo, foi observado que o antropomorfo ergue o zoomorfo sugerindo caça bem-sucedida, animal abatido. Também foi observado o uso de arma na cenografia (destacada em círculo). A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 65- Cena 1: Sítio Toca do Pinga do Boi.



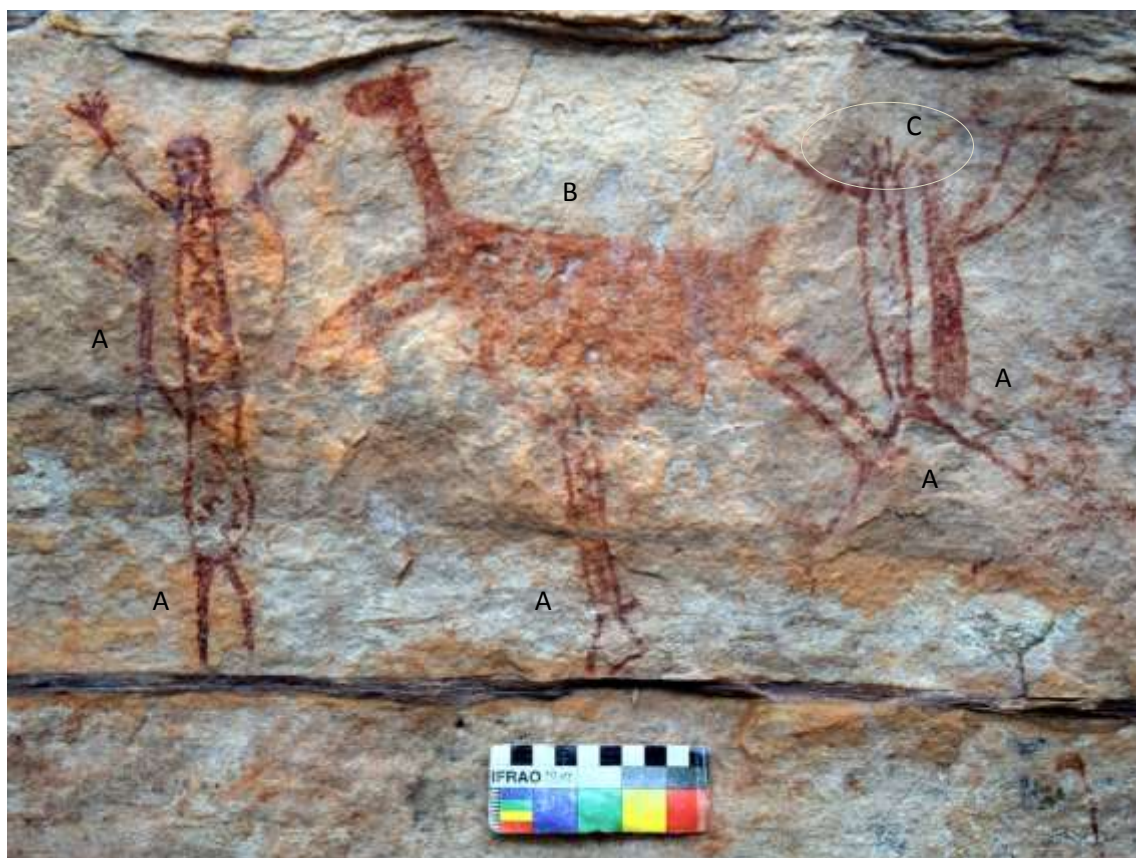
Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Abatimento e individual. Cultura material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo. **C:** Armas.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.12.2 Caracterização da cena 2

A cena 2 (Figura 66), é caracterizada pela representação de caça coletiva ao cervídeo, foi observado que um antropomorfo ergue o zoomorfo, enquanto os outros quatro erguem os braços sugerindo caça bem-sucedida, animal abatido. Também foi observado o uso de adorno (destacada em círculo) A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 66- Cena 2: Sítio Toca do Pinga do Boi.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Abatimento e Coletivo. Cultura material: Presente. Cultura material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfo. **C:** Adorno.

Fonte Fundação Museu do Homem Americano- FUMDHAM (2018).

6.12.3 Caracterização da cena 3

A cena 3 (Figura 67), é caracterizada pela representação de caça coletiva ao cervídeo, observamos que um antropomorfo movimenta os braços e o cervídeo se aproxima, sem uso de armas. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 67- Cena 3: Sítio Toca do Pinga do Boi.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Aproximação e coletiva. Cultura material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Fundação Museu do Homem Americano- FUMDHAM (2018).

6.12.4 Caracterização da cena 4

A cena 4 (Figura 68), é caracterizada pela representação de caça coletiva ao cervídeo, observamos os antropomorfos perseguem o cervídeo sem uso de armas. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 68- Cena 4: Sítio Toca do Pinga do Boi.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Perseguição e coletiva. Cultura material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Fundação Museu do Homem Americano- FUMDHAM (2018).

6.12.5 Caracterização da cena 5

A cena 5 (Figura 69), é caracterizada pela representação de caça coletiva ao cervídeo, observamos os antropomorfos perseguem o cervídeo sem uso de armas, um deles usa adorno (destacado em círculo). A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 69- Cena 5: Sítio Toca do Pinga do Boi.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Perseguição e coletiva. Cultura material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfo. **C:** Adorno.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.13 TOCA DO SOBRADINHO I (cód. 56)

O Sítio Sobradinho I (Figura 70) está localizado no município de João Costa entre as coordenadas UTM E: 0755044 e N: 9053484. É constituído por um abrigo, a rocha suporte é um arenito de fino a médio, intercalado com lâminas de siltito, de coloração avermelhada. Em relação à sua inserção topográfica está posicionado em média vertente e possui abertura voltada para oeste a uma altitude de 373m. No suporte do sítio foi reconhecida uma cena de caça.

Figura 70- Sítio Toca do Sobradinho I.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.13.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 71), é caracterizada pela representação de caça individual ao cervídeo, o antropomorfo atinge o zoomorfo com uso de cultura material (arma), caça bem-sucedida, animal abatido. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 71- Cena 1: Sítio Toca do Sobradinho I.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Abatimento e individual. Cultura material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo. **C:** Arma.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.14 TOCA DO CALDEIRÃO DOS RODRIGUES I (cód. 72)

O Sítio Toca do Caldeirão dos Rodrigues I (figura 72) está localizado no município de Coronel José Dias entre as coordenadas UTM E: 768501 e N: 9024403. É constituído por um abrigo, a rocha suporte é um arenito de fino a média, coloração clara. Em relação à sua inserção topográfica está posicionado em alta vertente e possui abertura para oeste a uma altitude aproximada de 395m. No suporte do sítio foram reconhecidas duas cenas de caça.

Figura 72- Sítio Toca do Caldeirão dos Rodrigues I.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.14.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 73), é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, o antropomorfo faz uso de cultura material (arma), caça bem-sucedida, animal abatido. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 73- Cena 1: Sítio Toca do Caldeirão dos Rodrigues I.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Abatimento e individual. Cultura material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo. **C:** Arma.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.14.2 Caracterização da cena 2

A cena 2 (Figura 74), é caracterizada pela representação de caça coletiva ao tatu. Um antropomorfo o zoomorfo segurando-o pelo rabo, enquanto o outro abate-o com presença de cultura material (arma). A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 74- Cena 2: Sítio Toca do Caldeirão dos Rodrigues I.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Abatimento e coletiva. Cultura material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo. **C:** Arma.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.15 TOCA DO ESTEVO II (cód. 109)

O sítio Toca do Estevo II (figura 75) está localizado no município de João Costa entre as coordenadas UTM E: 781759 e N: 9046390. É constituído por um abrigo, a rocha suporte é um arenito de granulação fina a média, apresentando-se em coloração clara, com presença de camadas de siltitos. Em relação à sua inserção topográfica está posicionado em média vertente e possui abertura voltada para leste a uma altitude aproximada de 321m. No suporte do sítio foi reconhecida uma cena de caça.

Figura 75- Sítio Toca do Estevo II.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.15.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 76), é caracterizada pela representação de caça individual ao lagarto, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 76- Cena 1: Sítio Toca do Estevo II.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao lagarto. Técnica caça: Apresamento e individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.16 TOCA DO ESTEVO III OU DA ONÇA (cód. 110)

O Sítio Toca do Estevo III ou da Onça (Figura 77) está localizado no município de João Costa entre as coordenadas UTM E: 0781805 e N: 9046400. É constituído por um extenso abrigo formado por arenito fino e de coloração clara, com presença de camadas de siltitos. Em relação à sua inserção topográfica está posicionado em média vertente e possui abertura voltada para leste a uma altitude de 321 m. No suporte do sítio foram reconhecidas três cenas de caça.

Figura 77- Sítio Toca do Estevo III ou da Onça.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.16.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 78) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao cervídeo constituída por um movimento encurralamento onde quatro antropomorfos cercam o zoomorfo com auxílio de armas e armadilha. A cena encontra-se próxima a outras cenas de caça que compõe a amostra do sítio.

Figura 78- Cena 1: Sítio Toca do Estevo III ou da Onça.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Encurralamento e coletivo. Cultura material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfo. **C:** Armas e armadilha.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.16.2 Caracterização da cena 2

A cena 2 (figura 79) também é caracterizada pela representação de caça coletiva ao cervídeo constituída por um movimento encurralamento onde cinco antropomorfos cercam o zoomorfo com auxílio de armas e armadilha. A cena encontra-se próxima a outras cenas de caça que compõe a amostra do sítio.

Figura 79- Cena 2: Sítio Toca do Estevo III ou da Onça.



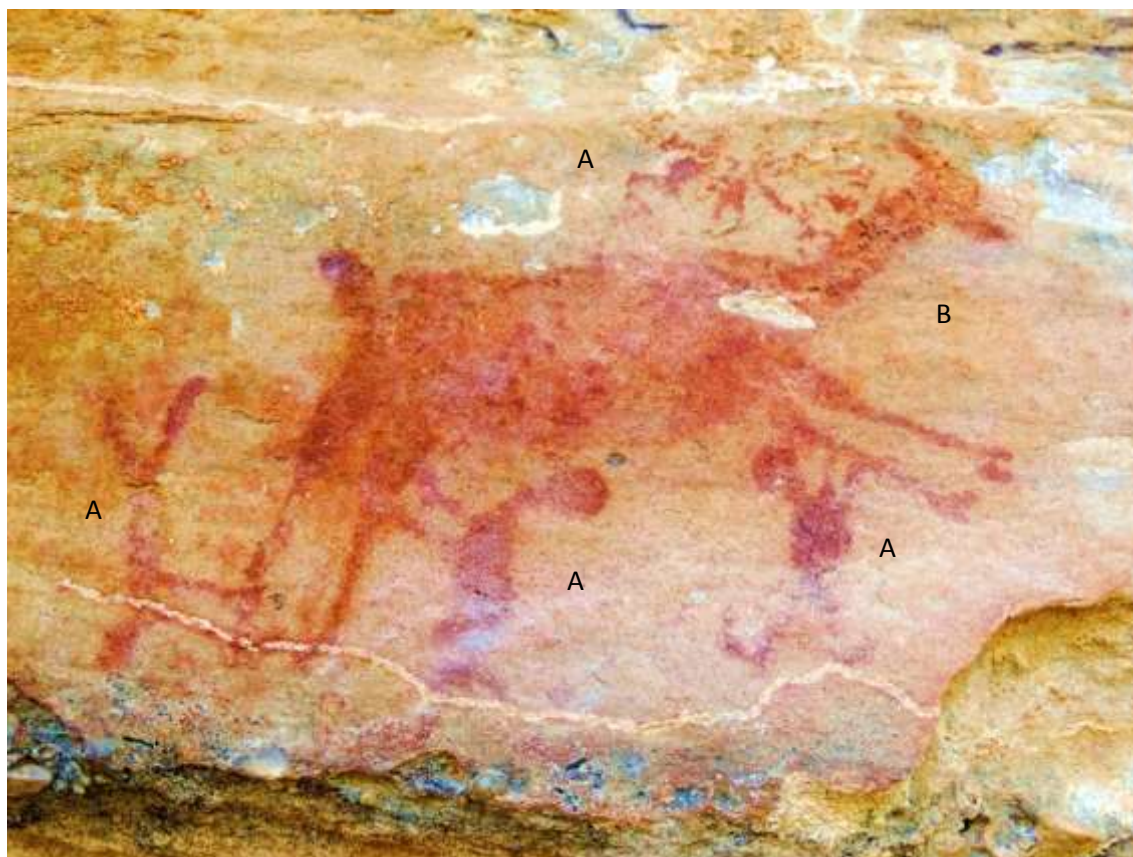
Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Encurralamento e coletivo. Cultura material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfo. **C:** Armas e armadilha.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.16.3 Caracterização da cena 3

A cena 3 (Figura 80) também é caracterizada pela representação de caça coletiva ao cervídeo constituída por quatro antropomorfos que abatem o zoomorfo sem uso de armas. A cena encontra-se próxima a outras cenas de caça que compõe a amostra do sítio.

Figura 80- Cena 3: Sítio Toca do Estevo III ou da Onça.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Abatimento e Coletivo. Cultura material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.17 TOCA DO BAIXÃO DO PERIGOSO (cód. 121)

O sítio Toca do Baixão do Perigoso (Figura 81) está localizado no município de Coronel José Dias entre as coordenadas UTM E: 0770117 e N: 9026363. É constituído por um abrigo, a rocha suporte é um arenito de granulação média, coloração escura. Em relação à sua inserção topográfica está posicionado em baixa vertente e possui abertura voltada para sudeste a uma altitude de 521m. No suporte do sítio foi reconhecida uma cena de caça.

Figura 81- Sítio Toca do Baixão do Perigoso.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.17.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 82) é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, constituída por um movimento de apressamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo. A cena encontra-se próxima a grafismos reconhecíveis.

Figura 82- Cena 1: Sítio Toca do Baixão do Perigoso.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apresamento e Individual. Cultura material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.18 TOCA DO NILSON DO BOQUEIRÃO DA PEDRA SOLTA (cód. 123)

O sítio Toca do Nilson do Boqueirão da Pedra Solta (Figura 83) está localizado no município de João Costa entre as coordenadas UTM E: 0753833 e N: 9051514. É constituído por um abrigo, a rocha suporte é um arenito de granulometria média, intercalado com lâminas de siltito, de coloração avermelhada. Em relação à sua inserção topográfica está posicionado em baixa vertente, possui abertura voltada para oeste a uma altitude de 401m. No suporte do sítio foi reconhecida uma cena de caça.

Figura 83- Sítio Toca do Nilson do Boqueirão da Pedra Solta.

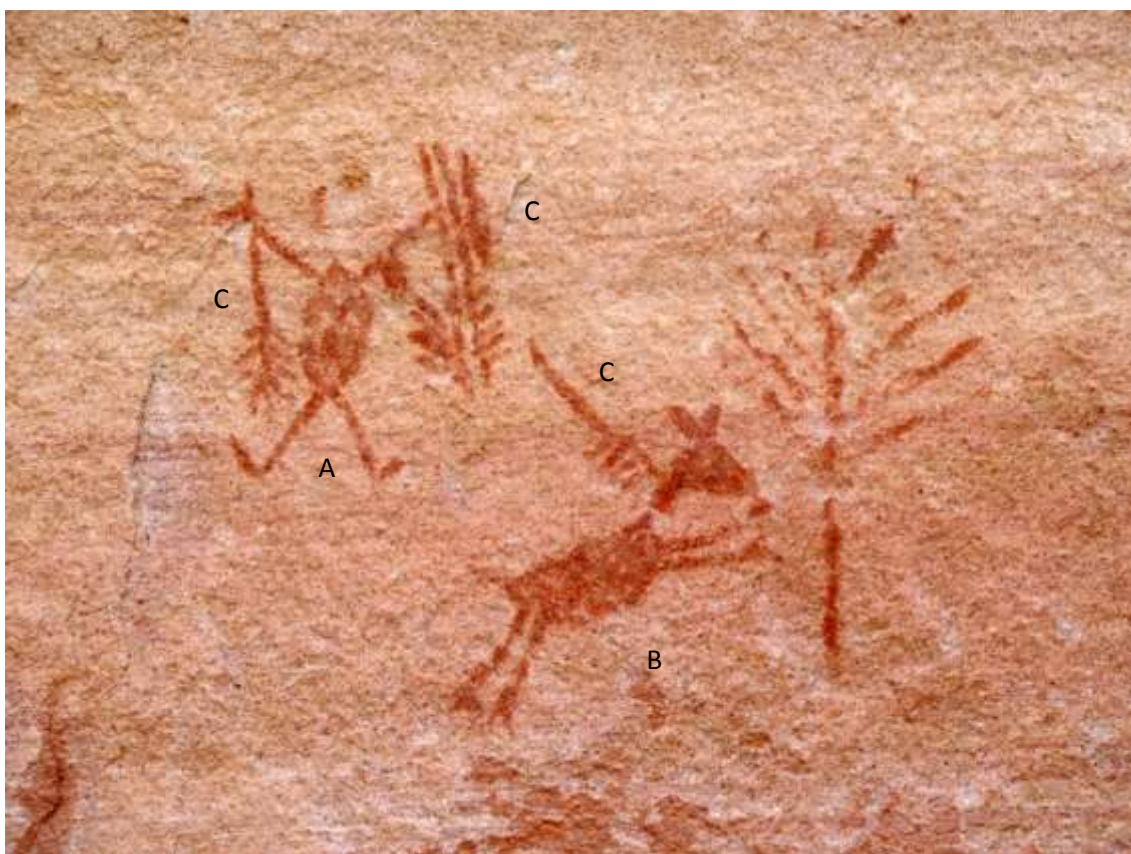


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.18.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 84) é caracterizada pela representação de caça individual ao cervídeo, constituída por um movimento de abatimento onde o antropomorfo ataca o zoomorfo com auxílio de armas. A cena encontra-se próxima a grafismos reconhecíveis.

Figura 84- Cena 1: Sítio Toca do Nilson do Boqueirão da Pedra Solta.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Abatimento e Individual. Cultura material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo. **C:** Armas.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.19 TOCA DAS FIGURAS DO ANGICAL I (cód. 130)

O Sítio Toca das Figuras Angical (Figura 85) está localizado município de Brejo do Piauí entre as coordenadas UTM E: 0753027 e N: 9062599. É constituído por um abrigo, a rocha suporte e um arenito de granulação fina, de coloração clara, intercalado com lâminas de siltito. Em relação à sua inserção topográfica está posicionado em média vertente, possui abertura voltada para leste a uma altitude de 371m. No suporte do sítio foram reconhecidas duas cenas de caça.

Figura 85- Sítio Toca das Figuras do Angical I.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.19.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 86) é caracterizada pela representação de caça individual ao cervídeo, constituída por um movimento de abatimento onde o antropomorfo ataca o zoomorfo com auxílio de arma. A cena encontra-se próxima a grafismos reconhecíveis.

Figura 86- Cena 1: Sítio Toca das Figuras do Angical I.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Abatimento e individual. Cultura material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfos. **C:** Arma.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.19.2 Caracterização da cena 2

A cena 2 (Figura 87) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao tatu, através da técnica de apresamento onde dois antropomorfos capturam os zoomorfos segurando-os pelo rabo com presença de cultura material (armadilha). A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 87- Cena 2: Sítio Toca das Figuras do Angical I.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apresamento e coletiva. Cultura material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.19.3 Caracterização da cena 3

A cena 3 (Figura 88) é caracterizada pela representação de caça individual ao cervídeo, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelas patas dianteiras sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 88- Cena 2: Sítio Toca das Figuras do Angical I.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Apresamento e individual. Cultura material: Ausente. Legenda: **A**: Antropomorfo. **B**: Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.20 TOCA DA BAIXA DAS CABACEIRAS (cód. 170)

O sítio Toca da Baixa das Cabaceiras (Figura 89) está localizado no município de Coronel José Dias entre as coordenadas UTM E: 0773323 e N: 9027781. É constituído por um abrigo formado por uma rocha arenítica de granulometria de intervalo de fino a média, coloração clara, com camadas intercaladas de siltitos. Em relação à sua inserção topográfica está posicionado em alta vertente, possui abertura voltada para sudeste a uma altitude de 533 m. No suporte do sítio foram reconhecidas duas cenas de caça.

Figura 89- Sítio Toca da Baixa das Cabaceiras.

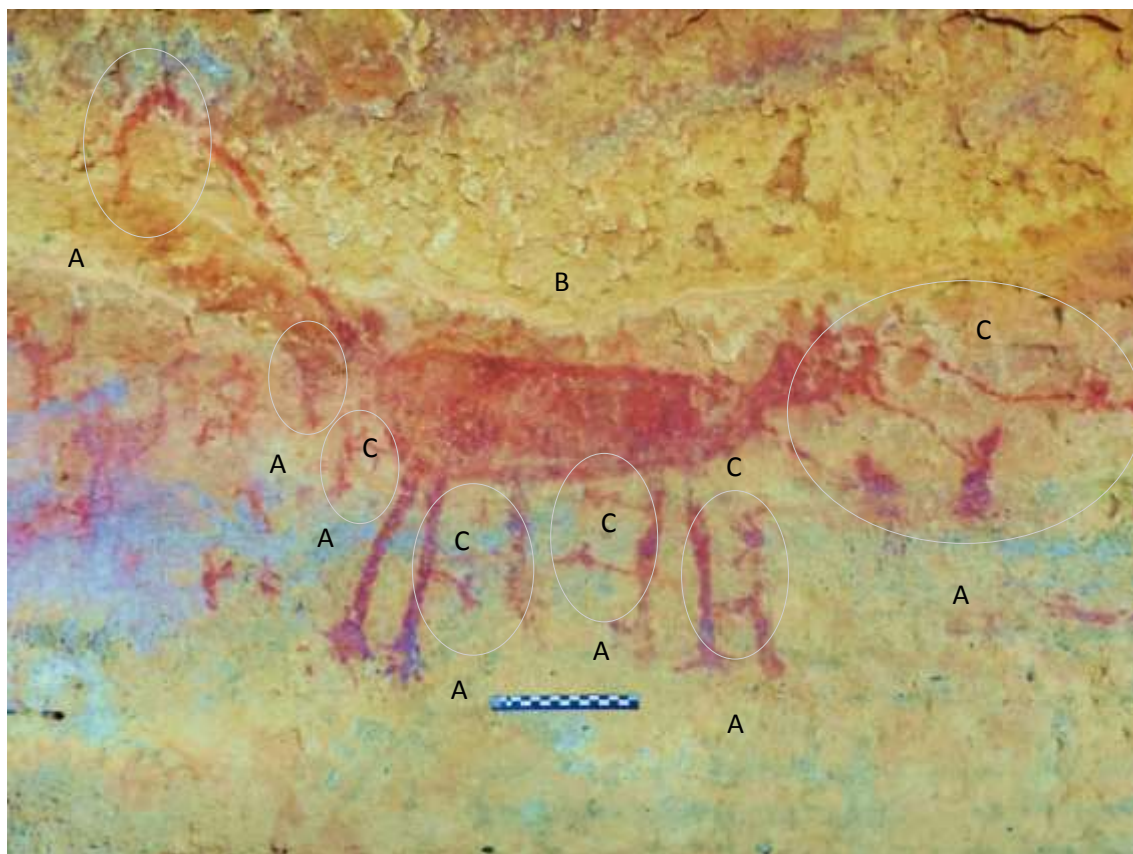


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.20.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 90) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao felino, constituída por 11 antropomorfos abatendo o felino utilizando armas e adornos. A cena encontra-se próxima a outra cena que compõe a amostra do sítio.

Figura 90- Cena 1: Sítio Toca da Baixa das Cabaceiras.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao felino. Técnica de caça: Abatimento e Coletivo. Armas: Presente. Cultura material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfo. **C:** Armas.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.20.2 Caracterização da cena 2

A cena 2 (Figura 91) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao felino, constituída por 27 antropomorfos abatendo o felino utilizando armas. A cena destaca-se por ser a caça com maior número de antropomorfos.

Figura 91- Cena 2: Sítio Toca da Baixa das Cabaceiras.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao felino. Técnica de caça: Abatimento e Coletivo. Cultura material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfo. **C:** Armas. Legenda: Cena vetorizada destacando os elementos integrantes que compõe a cenografia.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.21 TOCA DO VEREDÃO VIII (cód. 225)

O sítio Toca do Veredão VIII ou do Macabeu II (Figura 92) está localizado no município de João Costa entre as coordenadas UTM 7818450e N: 9046891. É constituído por um abrigo, onde a rocha suporte é um arenito de granulometria de intervalo fino a médio, apresentando-se em coloração avermelhada, com siltitos intercalados. Em relação à sua inserção topográfica está posicionado em média vertente e possui abertura voltada para leste a uma altitude de 325m. No suporte do sítio foram reconhecidas três cenas de caça.

Figura 92- Sítio Toca do Veredão VIII.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.21.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 93) é caracterizada pela caça ao cervídeo através da técnica de aproximação, onde a figura humana atrai o cervídeo para perto de si dando-lhe algo sem uso de arma. O fascinante dessa representação é que possivelmente o adorno foi utilizado como disfarce, pois suas características morfológicas lembram as galhadas (chifre do cervídeo).

Figura 93- Cena 1: Sítio Toca do Veredão VIII.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Aproximação e individual. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo. Balaio, Adorno.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.21.2 Caracterização da cena 2

A cena 2 (Figura 94) é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, constituída 1 antropomorfo que abate 3 zoomorfos com uso de cultura material (armas e balaio, destaca em círculo).

Figura 94- Cena 2: Sítio Toca do Veredão VIII.



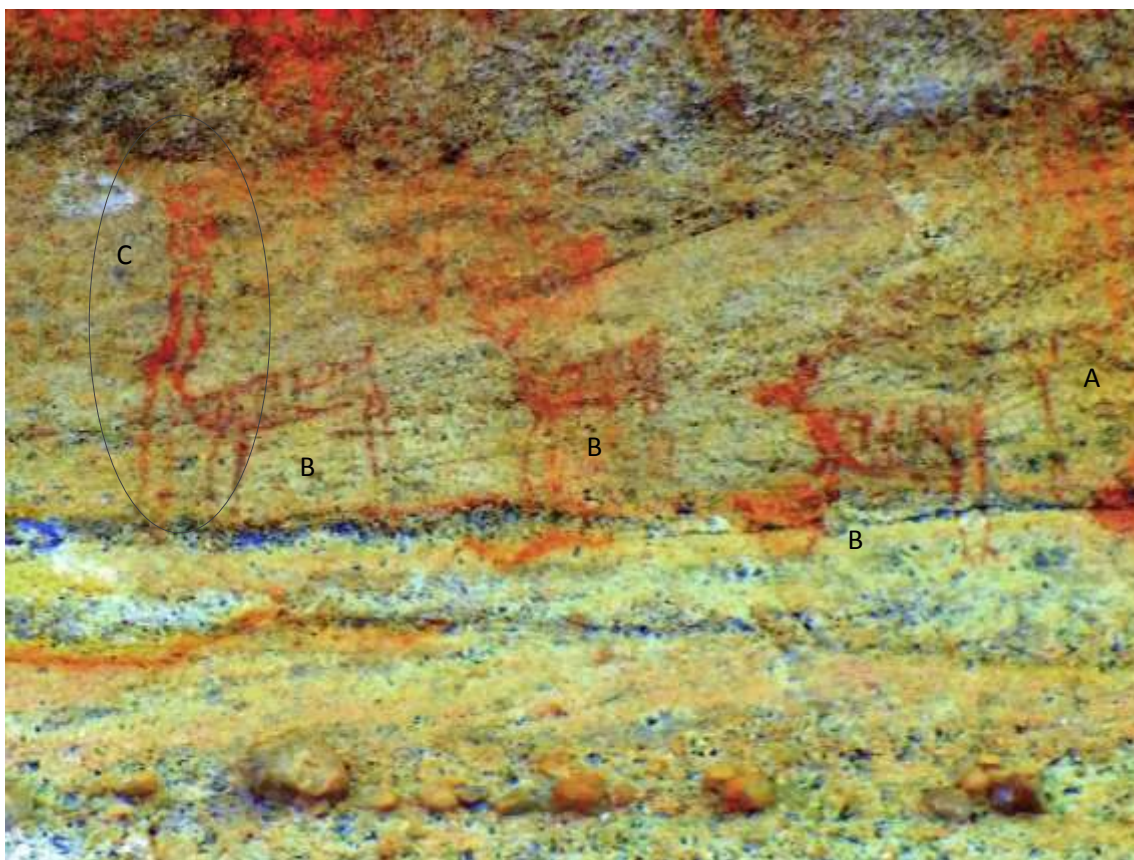
Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Abatimento e coletivo. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfos. **C:** Balaio, armas.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.21.3 Caracterização da cena 3

A cena 3 (Figura 95) é caracterizada pela representação de caça individual ao cervídeo, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura um zoomorfo segurando-o pelo rabo enquanto os outros dois seguem em direção a armadilha (destacada em círculo). A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 95- Cena 3: Sítio Toca do Veredão VIII.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Apresamento e individual. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfos. **C:** Cerâmica, Armadilha.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.22 TOCA DO VEREDÃO II (cód. 249)

O sítio Toca do Veredão II (Figura 96) está localizado no município de João Costa entre as coordenadas UTM E: 0783235 e N: 9048595. É constituído por um abrigo, onde a rocha suporte é um arenito de granulometria de intervalo fino a médio, apresentando-se em coloração avermelhada, com siltitos intercalados. Em relação à sua inserção topográfica está posicionado em média vertente e possui abertura voltada para leste a uma altitude de 313m. No suporte do sítio foram reconhecidas três cenas de caça.

Figura 96- Sítio Toca do Veredão II.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.22.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 97) é caracterizada pela representação de caça individual ao cervídeo constituída por um movimento de abatimento onde o antropomorfo usa arma contra o zoomorfo atingindo-o por trás. A cena encontra-se próxima a outras cenas que compõem a amostra do sítio.

Figura 97- Cena 1: Sítio Toca do Veredão II.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Abatimento e individual. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo. **C:** Arma.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.22.2 Caracterização da cena 2

A cena 2 (Figura 98) é caracterizada pela representação de caça individual ao cervídeo constituída por um movimento de abatimento onde o antropomorfo usa arma contra o zoomorfo atingindo-o pelo pescoço. A figura atrás do zoomorfo não foi identificada. A cena encontra-se próxima a outras cenas que compõe a amostra do sítio.

Figura 98- Cena 2: Sítio Toca do Veredão II.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Abatimento e individual. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo. **C:** Arma.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.22.3 Caracterização da cena 3

A cena 3 (Figura 99) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao cervídeo constituída por um movimento de abatimento onde três antropomorfos caçam o zoomorfo, um captura segurando-o pela cabeça, os outros dois atacam- o com uso de armas. A cena encontra-se próxima a outras cenas que compões a amostra do sítio.

Figura 99- Cena 3: Sítio Toca do Veredão II.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Abatimento e coletiva. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo. **C:** Arma.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.22.4 Caracterização da cena 4

A cena 4 (Figura 100) é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, através da técnica de apressamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 100- Cena 4: Sítio Toca do Veredão II.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apressamento individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.23 TOCA DO VEREDÃO IV OU PAU D'ARCO I (cód. 251)

O sítio Toca do Veredão IV (Figura 101) está localizado no município de João Costa entre as coordenadas UTM E: 0782589 e N: 9047796. É constituído por um abrigo, a rocha suporte é um arenito de granulometria média, apresentando-se em coloração avermelhada, com camadas de siltitos. Em relação à sua inserção topográfica está posicionado em média vertente, possui abertura voltada para sudeste a uma altitude de 310m. No suporte do sítio foi reconhecida uma cena de caça.

Figura 101- Sítio Toca do Veredão IV ou Pau D'Arco.

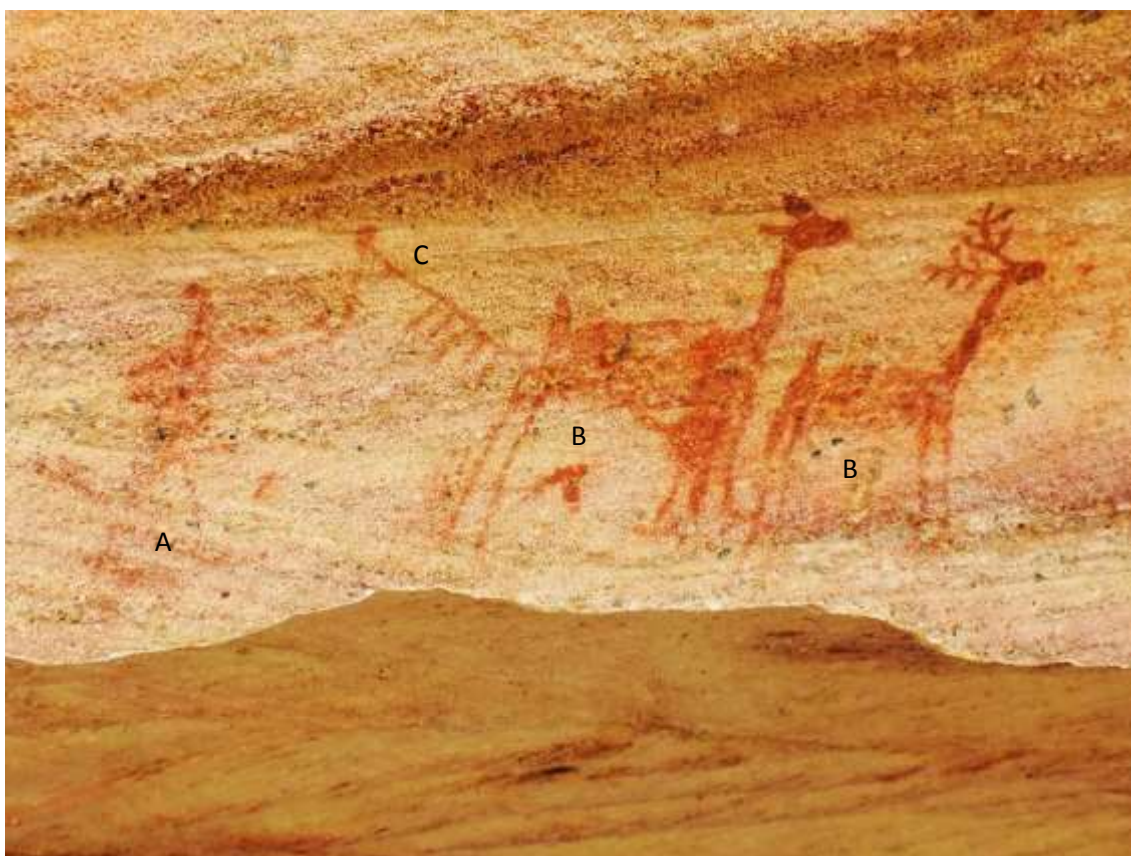


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.23.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 102) é caracterizada pela representação de caça individual ao cervídeo constituída por um movimento de abatimento onde o antropomorfo ataca o zoomorfo com por de trás com uso de arma. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 102- Cena 1: Sítio Toca do Veredão IV ou Pau D'Arco.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Abatimento e coletiva. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo. **C:** Arma.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.24 TOCA DO VEREDÃO VII (cód. 254)

O sítio Toca do Veredão VII (Figura 103) está localizado no município de João Costa entre as coordenadas UTM E: 0 782288 e N: 9047384. É constituído por um abrigo sob-rocha formado por arenito de granulação média, apresentando-se em coloração avermelhada, com camadas intercaladas de siltitos e conglomerados. Em relação à sua inserção topográfica está posicionado em média vertente, possui abertura voltada para sudeste a uma altitude de 299m. No suporte do sítio foi reconhecida duas cenas de caça.

Figura 103- Sítio Toca do Veredão VII.

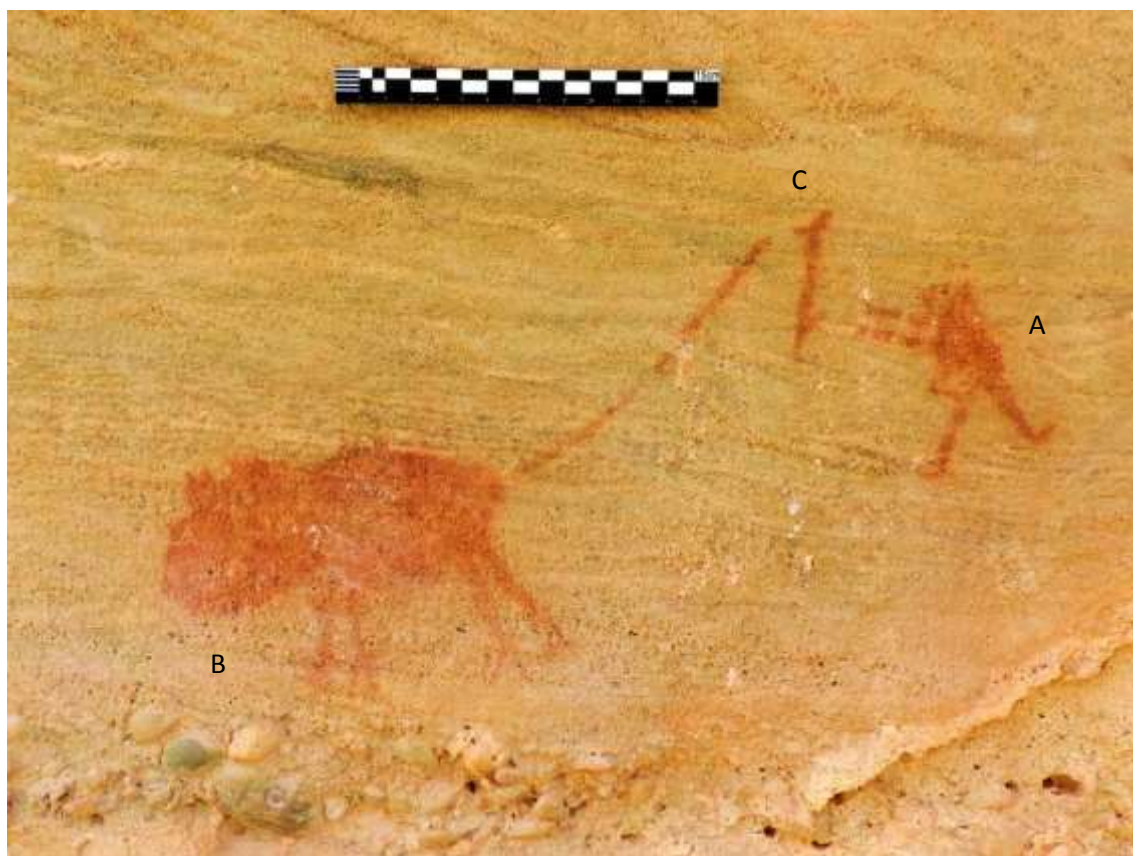


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.24.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 104) é caracterizada pela representação de caça individual a capivara constituída por um movimento de abatimento onde o antropomorfo ataca o zoomorfo com uma arma atingindo-o por trás. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 104- Cena 1: Sítio Toca do Veredão VII.



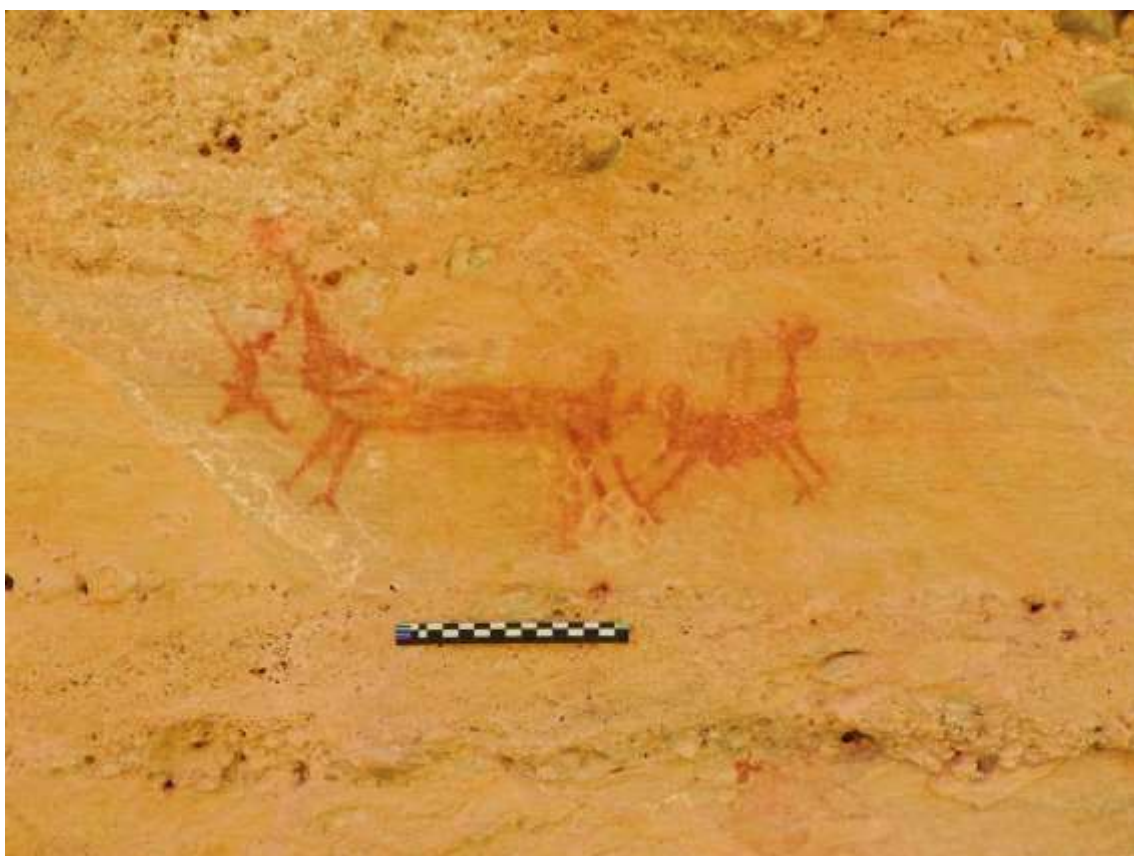
Características cenográficas: Tipo de caça: Caça a capivara. Técnica de caça: Abatimento e individual. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo. **C:** Arma.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.24.2 Caracterização da cena 2

A cena 2 (Figura 105) é caracterizada pela representação de caça individual ao cervídeo, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo apressa o zoomorfo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 105- Cena 2: Sítio Toca do Veredão VII.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Abatimento e individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo. **C:** Arma.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.25 TOCA DO VISGUEIRO III (cód. 276)

O sítio Toca do Visgueiro III (figura 106) está localizado no município de João Costa entre as coordenadas UTM E: 753779 e N: 9051799. É constituído por um abrigo, a rocha suporte é um arenito de intervalo granulométrico fino a médio, intercalado com lâminas de siltito, de coloração avermelhada. Em relação à sua inserção topográfica está posicionado em média vertente, possui abertura voltada para leste a uma altitude de 388m. No suporte do sítio foi reconhecida uma cena de caça.

Figura 106- Sítio Toca do Visgueiro III.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.25.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 107) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao cervídeo constituída por um movimento de apresamento onde os antropomorfos dominam o zoomorfo pelas patas (Figura 68). A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 107- Cena 1: Sítio Toca do Visgueiro III.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Apresamento e coletiva. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A**: Antropomorfo. **B**: Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.26 TOCA DO CANDU I (cód. 359)

O sítio Toca do Candu I (figura 108) está localizado no município de João Costa entre as coordenadas UTM E: 755226 e N: 9053553. É constituído por um abrigo, a rocha suporte é um arenito de fino a médio, intercalado com lâminas de siltito, coloração avermelhada. Em relação à sua inserção topográfica, posiciona-se na média vertente, possui abertura voltada para norte a uma altitude de 379m. No suporte do sítio reconhecida uma cena de caça.

Figura 108- Sítio Toca do Candu I.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.26.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 109) é caracterizada pela representação de caça individual ao cervídeo, constituída por um antropomorfo abatendo o zoomorfo com uso de arma. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 109- Cena 1: Sítio Toca do Candu I.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Abatimento e individual. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo. **C:** Arma.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.27 TOCA DA FUMAÇA I (cód. 411)

O sítio Toca da Fumaça I (Figura 110) está localizado entre as coordenadas UTM E: 0768799 e N: 9022403 no município de Coronel José Dias. É constituído por um abrigo, a rocha suporte é um arenito de granulometria de fina a média, coloração avermelhada, intercalado com camadas de siltitos. Em relação à sua inserção topográfica está posicionado em baixa vertente e possui abertura voltada para leste a uma altitude aproximada de 452m. No suporte do sítio foram reconhecidas duas cenas de caça.

Figura 110- Sítio Toca da Fumaça I.

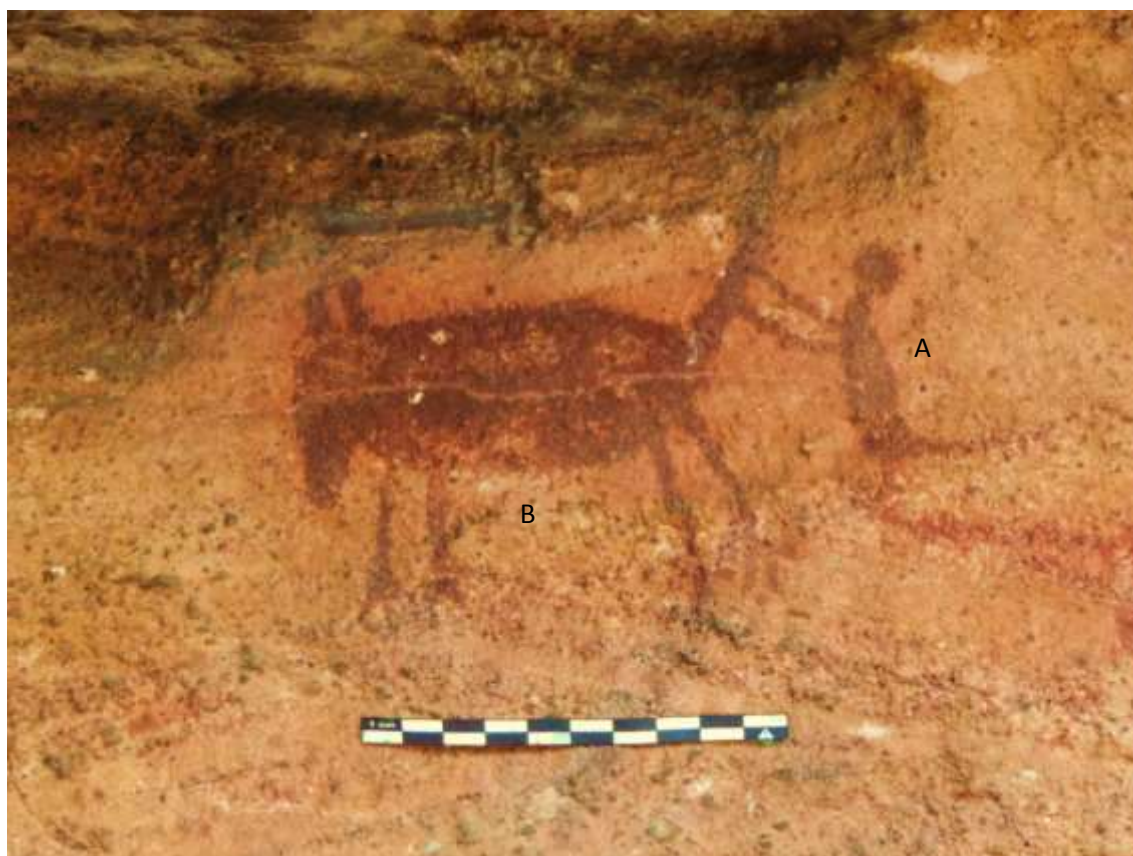


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.27.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 111) é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 111- Cena 1: Sítio Toca da Fumaça I.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apresamento e individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.27.2 Caracterização da cena 2

A cena 2 (Figura 112) também é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 112- Cena 2: Sítio Toca da Fumaça I.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apresamento e individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A**: Antropomorfo. **B**: Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.28 TOCA DE CIMA DO FUNDO DO BPF (cód. 225)

O sítio Toca de Cima do Fundo do Boqueirão da Pedra Furada (figura 113) está localizado no município de Coronel José Dias entre as coordenadas UTM E: 0768315 e N: 9024095. É constituído por um abrigo formado por arenito de intervalo granulométrico fino a grosso e coloração clara. Em relação à sua inserção topográfica está posicionado em média vertente, abertura está para o sul a uma altitude de 492 m. O sítio destaca-se na pesquisa por concentrar um total de dez cenas de caça, a maior concentração encontrada na área.

Figura 113- Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.28.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 114) é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 114- Cena 1: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apresamento e individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.28.2 Caracterização da cena 2

A cena 2 (Figura 115) também é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 115- Cena 2: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apresamento e individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.28.3 Caracterização da cena 3

A cena 3 (Figura 116) também é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 116- Cena 3: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apresamento e individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.28.4 Caracterização da cena 4

A cena 4 (Figura 117) também é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelas patas sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 117- Cena 4: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.



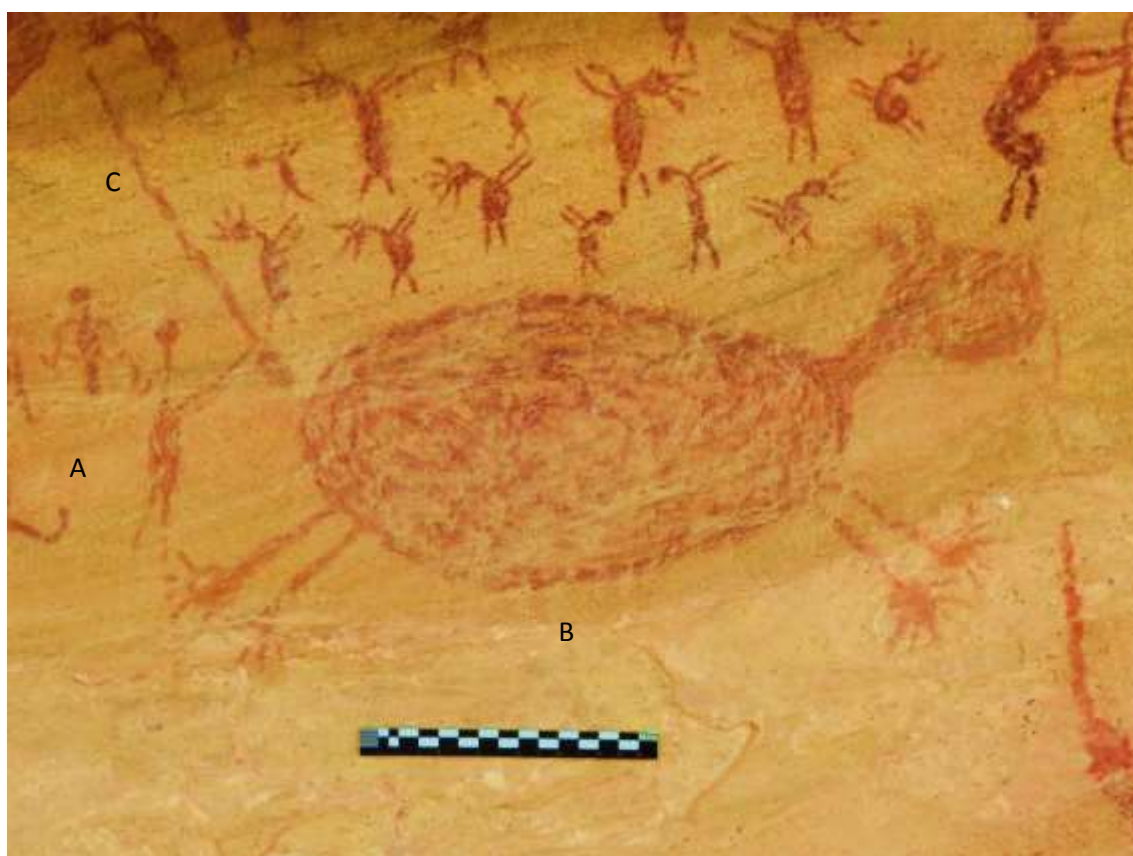
Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apresamento e individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.28.5 Caracterização da cena 5

A cena 5 (Figura 118) é caracterizada pela representação de caça individual ao cervídeo, constituída por um movimento de abatimento onde o antropomorfo ataca o zoomorfo com o uso de arma. A cena encontra-se próxima as outras cenas de caça que compõe amostra do sítio.

Figura 118- Cena 5: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Abatimento e individual. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo. **C:** Arma.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.28.6 Caracterização da cena 6

A cena 6 (Figura 119) é caracterizada pela representação de caça individual ao lagarto, constituída por um movimento de abatimento onde o antropomorfo ataca o zoomorfo com o uso de arma. A cena encontra-se próximo as outras cenas de caça que compõe amostra do sítio.

Figura 119- Cena 6: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao lagarto. Técnica de caça: Abatimento e individual. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo. **C:** Arma.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.28.7 Caracterização da cena 7

A cena 7 (Figura 120) é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura um zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material enquanto os outros dois fogem. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 120- Cena 7: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.



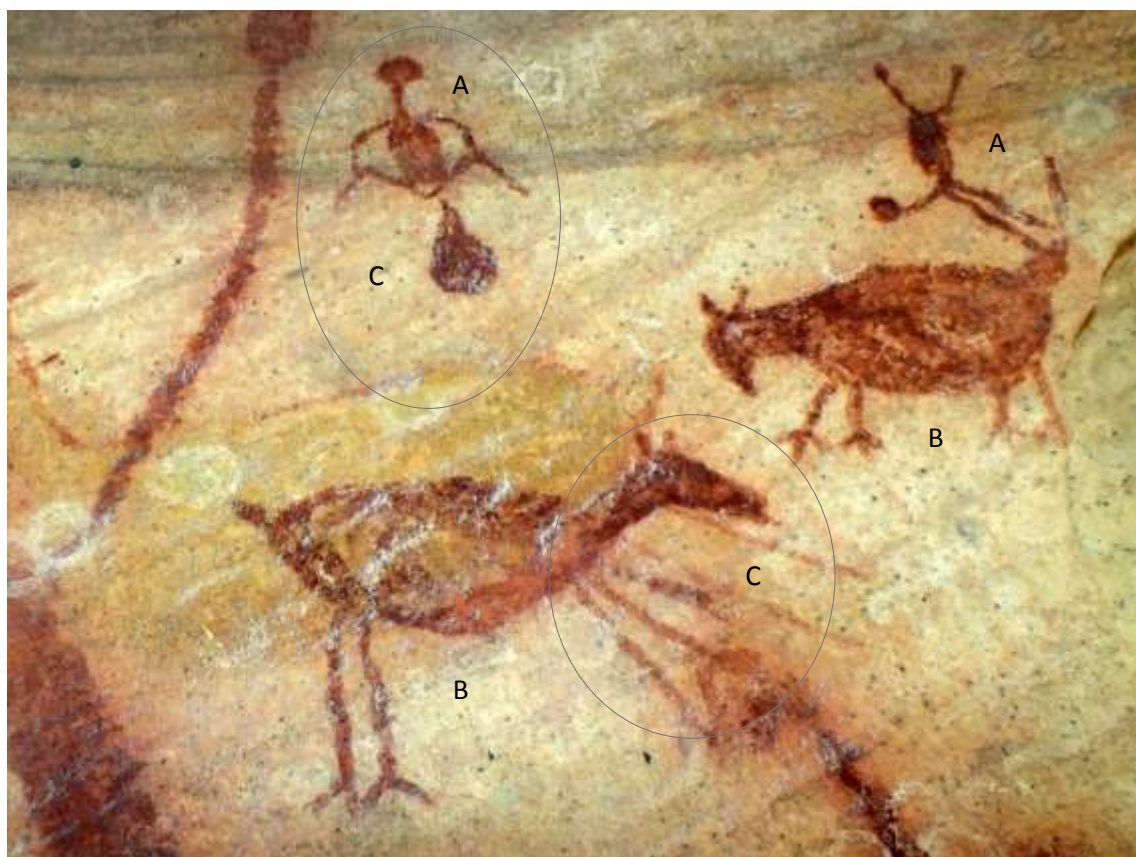
Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apresamento e individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.28.8 Caracterização da cena 8

A cena 8 (Figura 121) se destaca por seu dinamismo, constituída por representação de caça coletiva ao cervídeo. A cena, conta com armas, fogueira (destaque em círculo), animal capturado e outro abatido. O antropomorfo que se encontra sentado ao redor da fogueira e o animal caído em sua frente com armas cravadas no seu corpo sugerem que a caça foi bem-sucedida. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 121- Cena 8: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.



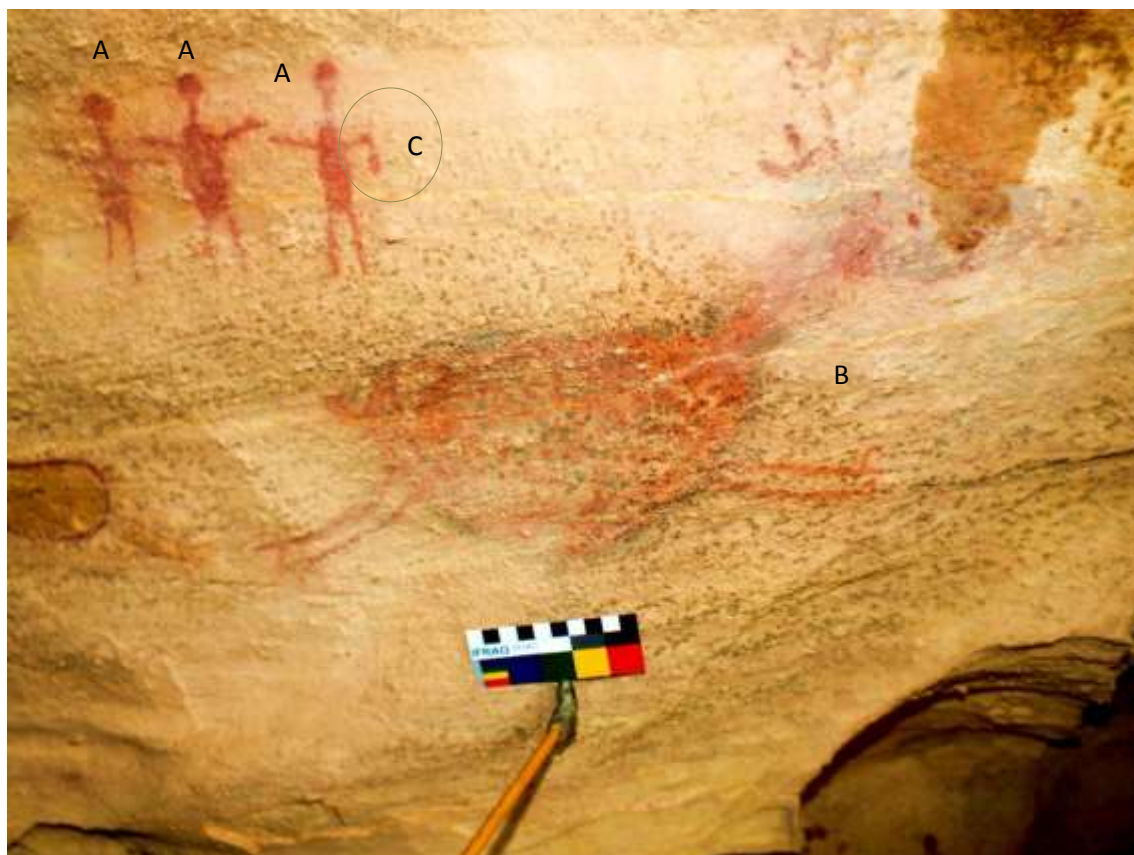
Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: abatimento coletivo. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfos. **C:** Fogueira, armas.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.28.9 Caracterização da cena 9

A cena 9 (Figura 122) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao cervídeo, observamos os antropomorfos perseguem o cervídeo com uso de arma. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 122- Cena 9: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.



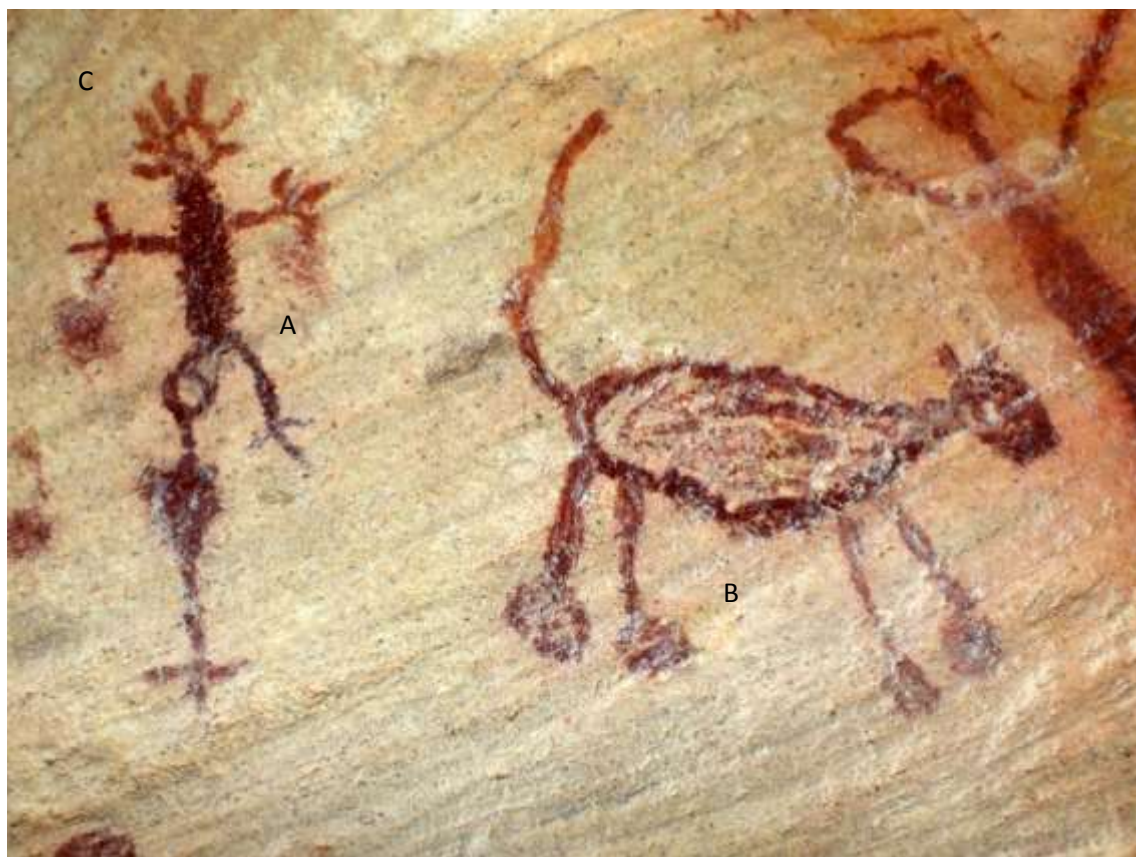
Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Perseguição coletiva. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfos. **C:** Arma.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.28.10 Caracterização da cena 10

A cena 10 (Figura 123) é caracterizada pela representação de caça individual ao felino, constituída por um antropomorfo usando adorno perseguindo o zoomorfo. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 123- Cena 10: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao felino. Técnica de caça: Perseguição individual. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo. **C:** Adorno.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.29 TOCA DO BOQUEIRÃO DO SÍTIO DA PEDRA FURADA (cód. 516)

O sítio Toca do Boqueirão da Pedra (figura 124) está localizada no município de Coronel José Dias entre as coordenadas UTM E: 0768877 e N: 9022412. É constituído por um extenso abrigo formado por arenito de intervalo granulométrico fino a médio e coloração avermelhada, sua inserção topográfica está posicionado em média vertente e sua abertura está voltada para o sul a uma altitude de 437 m. No suporte do sítio foram reconhecidas oito das cenas de caça.

Figura 124- Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.29.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 125) é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, constituída por um antropomorfo perseguindo zoomorfo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 125- Cena 1: Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Perseguição e individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.29.2 Caracterização da cena 2

A cena 2 (figura 126), é caracterizada pela representação de caça individual ao cervídeo, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material . A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 126- Cena 2: Sítio Toca do BPF.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apresamento e individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.29.3 Caracterização da cena 3

A cena 3 (Figura 127) é caracterizada pela representação de caça individual ao tatu, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 127- Cena 3: Sítio Toca do BPF.



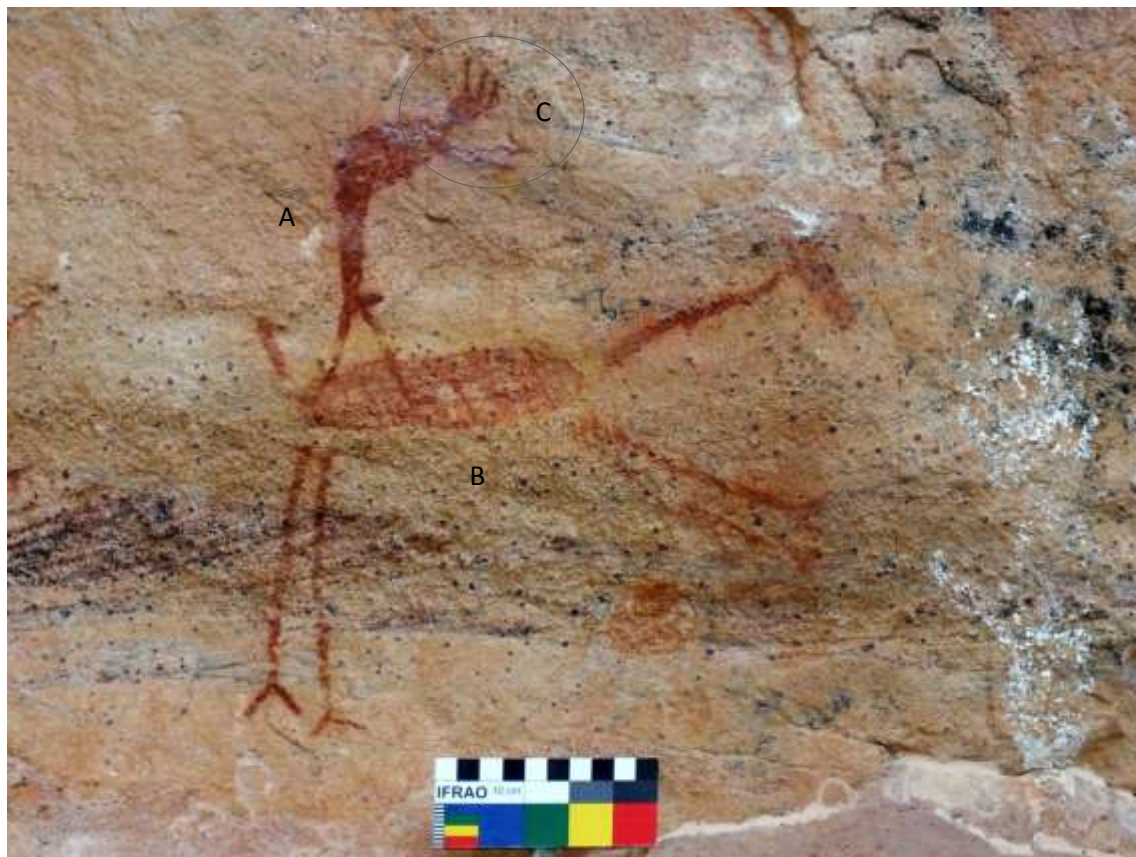
Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Apresamento e individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A**: Antropomorfo. **B**: Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.29.4 Caracterização da cena 4

A cena 4 (Figura 128) é caracterizada pela representação de caça individual ao cervídeo, constituída por um antropomorfo com adorno abatendo o zoomorfo sem uso de arma. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 128- Cena 4: Sítio Toca do BPF.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Abatimento e individual. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo. **C:** Adorno.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.29.5 Caracterização da cena 5

A cena 5 (Figura 129) é caracterizada pela representação de caça individual ao cervídeo, constituída por um antropomorfo perseguindo o zoomorfo que corre em direção a armadilha. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 129- Cena 5: Sítio Toca do BPF.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Perseguição e individual. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo. **C:** Armadilha.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.29.6 Caracterização da cena 6

A cena 6 (Figura 130) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao tatu, constituída por dois antropomorfos perseguindo o zoomorfo sem uso de arma. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 130- Cena 6: Sítio Toca do BPF.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao tatu. Técnica de caça: Perseguição e individual. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A:** Antropomorfo. **B:** Zoomorfo.

Fonte: Fundação Museu do Homem Americano- FUMDHAM (2018).

6.29.7 Caracterização da cena 7

A cena 7 (Figura 131) é caracterizada pela representação de caça individual ao cervídeo, através da técnica de apresamento onde o antropomorfo captura o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem presença de cultura material. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 131- Cena 7: Sítio Toca do BPF.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Apressamento e individual. Cultura material: Ausente. Cultura Material: Ausente. Legenda: **A**: Antropomorfo. **B**: Zoomorfo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.29.8 Caracterização da cena 8

A cena 8 (figura 132) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao cervídeo, constituída por dois antropomorfos, um deles carrega balaio nas costas e o outros com adorno encontra-se com os braços abertos aparentemente celebrando a caça bem-sucedida, animal abatido. A cena encontra-se próxima a outros grafismos reconhecíveis.

Figura 132- Cena 8: Sítio Toca do BPF.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Abatimento e coletivo. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfo. **C:** Balaio, adorno.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.30 TOCA DA PEDRA UNA I (cód. 703)

O sítio Toca da Pedra Una I (Figura 133) está localizado entre coordenadas UTM E: 0790076 e N: 9047386, no município de João Costa. É constituído por um abrigo, rocha suporte é um arenito de granulação fina a média, apresentando-se em coloração avermelhada, com siltitos intercalados. Em relação à sua inserção topográfica está posicionado em baixa vertente, possui abertura para leste a uma altitude aproximada de 373m. No suporte do sítio foi reconhecida uma cena de caça.

Figura 133- Sítio Toca da Pedra Una I.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.30.1 Caracterização da cena 1

A cena 1 (Figura 134) é caracterizada pela representação de caça coletiva ao felino, constituída por um movimento de apresamento onde dois antropomorfos dominam o zoomorfo segurando-o pelo rabo sem uso de armas.

Figura 134- Cena 1: Sítio Toca da Pedra Una I.



Características cenográficas: Tipo de caça: Caça ao cervídeo. Técnica de caça: Abatimento e coletivo. Cultura Material: Presente. Legenda: **A:** Antropomorfos. **B:** Zoomorfo. **C:** Armas.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

7 ANÁLISE DAS CENAS DE CAÇA

No conjunto de pinturas reconhecidas, identificam-se a recorrência de 90 cenas de caça distribuídas em 30 sítios na área arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara. As cenas foram caracterizadas a partir dos atributos de reconhecimento da temática de caça pré-estabelecidos nessa dissertação: A interação entre antropomorfos, zoomorfos e cultura material. Para tal, as cenas foram segregadas através de um formulário (Figura 135):

Figura 135- Formulário de análise.

FORMULÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DE CENAS DE CAÇA													
ÁREA DE PESQUISA: PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA													
CRIAÇÃO: VANESSA DA SILVA BELARMINO ANO: 2022													
CÓDIGO DE CADASTRO	SÍTIO	COORDENADAS UTM	A. DA CEN.	TIPO DE CAÇA	TÉCNICA DE CAÇA		CULTURA MATERIAL						
					MODO	TÉCNICA	IDENTIFICAÇÃO	ARMA	ADORNOS	ARMADILHAS	CAPANGA	BALÃO	FOFOCERA
001	Toca do Parangaba	E: 0776229 e N: 9028032	Cena 1	Caça ao tatu	Individual	Aproximando	Assento						
001	Toca do Parangaba	E: 0776229 e N: 9028032	Cena 2	Caça ao felino	Coletivo	Aproximando	Assento	1					
001	Toca do Parangaba	E: 0776229 e N: 9028032	Cena 3	Caça ao tatu	Coletivo	Aproximando	Assento						
001	Toca do Parangaba	E: 0776229 e N: 9028032	Cena 4	Caça ao cervídeo	Individual	Aproximando	Assento						
001	Toca do Parangaba	E: 0776229 e N: 9028032	Cena 5	Caça ao tatu	Individual	Aproximando	Assento						
001	Toca do Parangaba	E: 0776229 e N: 9028032	Cena 6	Caça ao tatu	Individual	Aproximando	Assento						
001	Toca do Parangaba	E: 0776229 e N: 9028032	Cena 7	Caça a ema	Coletivo	Envolvimento	Assento		1		1		
001	Toca do Parangaba	E: 0776229 e N: 9028032	Cena 8	Caça ao tatu	Coletivo	Envolvimento	Assento	2		1			
002	Toca da Estrada do Bando da Vaca	E: 0776095 e N: 9028871	Cena 1	Caça ao tatu	Individual	Aproximando	Assento						
002	Toca da Estrada do Bando da Vaca	E: 0776095 e N: 9028871	Cena 2	Caça ao tatu	Individual	Aproximando	Assento						
002	Toca da Estrada do Bando da Vaca	E: 0776095 e N: 9028871	Cena 3	Caça ao tatu	Coletivo	Aproximando	Assento	1					
002	Toca da Estrada do Bando da Vaca	E: 0776095 e N: 9028871	Cena 4	Caça ao tatu	Individual	Aproximando	Assento						
002	Toca da Estrada do Bando da Vaca	E: 0776095 e N: 9028871	Cena 5	Caça ao tatu	Coletivo	Aproximando	Assento						
002	Toca da Estrada do Bando da Vaca	E: 0776095 e N: 9028871	Cena 6	Caça ao felino	Coletivo	Aproximando	Assento	1					
002	Toca da Estrada do Bando da Vaca	E: 0776095 e N: 9028871	Cena 7	Caça ao tatu	Individual	Aproximando	Assento						
006	Toca do Baco	E: 0772489 e N: 9028334	Cena 1	Caça ao cervídeo	Individual	Aproximando	Assento						
006	Toca do Baco	E: 0772489 e N: 9028334	Cena 2	Caça ao cervídeo	Individual	Aproximando	Assento	1					
006	Toca do Baco	E: 0772489 e N: 9028334	Cena 3	Caça ao felino	Coletivo	Aproximando	Assento			1			
006	Toca do Baco	E: 0772489 e N: 9028334	Cena 4	Caça ao cervídeo	Coletivo	Aproximando	Assento				1		
006	Toca do Baco	E: 0772489 e N: 9028334	Cena 5	Caça ao tatu	Individual	Aproximando	Assento						
006	Toca do Baco	E: 0772489 e N: 9028334	Cena 6	Caça ao cervídeo	Coletivo	Envolvimento	Assento	1					
006	Toca do Baco	E: 0772489 e N: 9028334	Cena 7	Caça ao tatu	Coletivo	Envolvimento	Assento						

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

O formulário foi elaborado com objetivo de obtenção dos dados quantitativos estabelecidos nesta pesquisa, fornecendo os dados quantitativos das recorrências.

7.1 TIPOS DE CAÇA

A categoria analítica tipos de caça correspondem à identificação mais próxima dos grupos de animais representados nas cenas. Durante a segregação, foram reconhecidos oito diferentes tipos de caça: Caça ao tatu; Caça ao cervídeo; Caça ao felino; Caça a capivara; Caça ao macaco; Caça ao lagarto; Caça a ema. Abaixo o quadro quantitativo dessa categoria (Quadro 4):

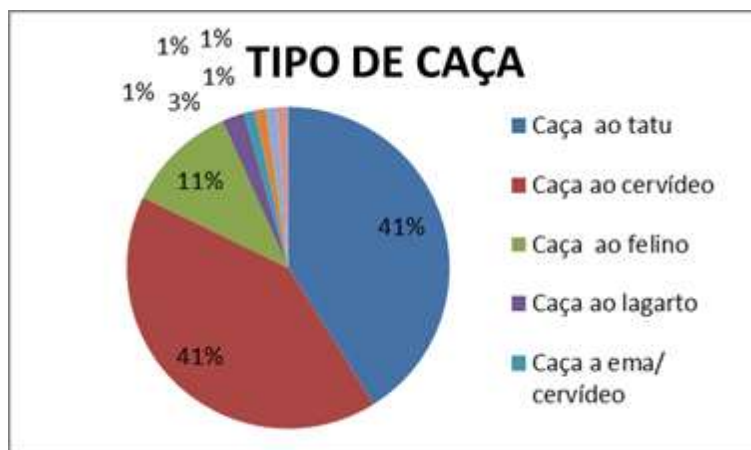
Quadro 4- Tipos de caça reconhecidos.

TIPOS DE CAÇA	QUANTIDADE
Caça ao tatu	37
Caça ao cervídeo	37
Caça ao felino	10
Caça ao lagarto	2
Caça a ema	1
Caça a capivara	1
Caça ao macaco	1
Caça ao peixe	1

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Entre os tipos de caça identificados, o gráfico abaixo aponta dois grupos de animais caçados com maior e mesma porcentagem de recorrência: Tatu 41% e Cervídeo 41% (Gráfico 1). A identificação do animal nos permite analisar se há uma padronização na técnica de caça para determinado grupo.

Gráfico 1- Recorrência dos tipos de caça



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

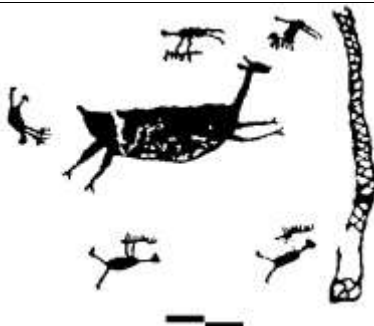
A caça a capivara, ema, macaco e peixe 1% não possuem uma amostra suficiente para analisar a preferência ou perfil de técnicas de caça recorrentes entre elas. Entre os animais identificados nas cenas de caça da Serra da Capivara, na paisagem atual infelizmente não se encontram mais

capivara e emas. A onça pintada com recorrência de 11% entra as cenas, corre risco de extinção.

7.2 TÉCNICAS DE CAÇA

A categoria analítica **técnica de caça** refere-se ao modo como a caça é realizada na representação (individual ou coletiva) e a técnica executada (apresamento, abatimento, encurralamento, perseguição ou aproximação) das figuras animais pelas figuras humanas. No quadro abaixo, apresentamos as técnicas de caça identificadas (Quadro 5):

Quadro 5- Tipos de técnicas de caça reconhecidos.

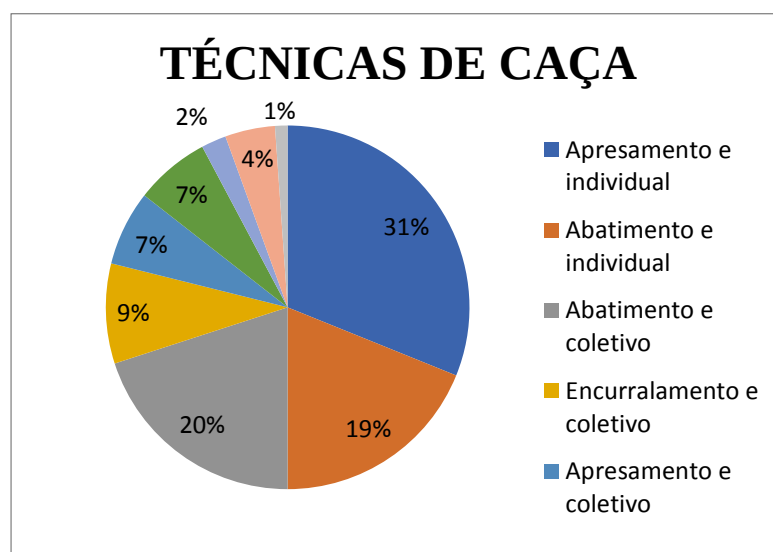
TÉCNICAS DE CAÇA	
Apresamento Consiste na técnica de capturar; aprisionar, tornar preso ou cativo o animal.	
Abatimento Consiste na técnica de abater, de derrubar, deitar abaixo.	
Encurralamento Consiste na técnica de encerrar, acuar ou cercar a caça num círculo de caçadores que se vai apertando cada vez mais.	
Perseguição Consiste na técnica de perseguir, correr ou ir atrás de um animal.	

Aproximação Consiste na técnica de aproximar o animal sem uso de armas, utilizando às vezes de alguma armadilha.	
--	--

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Nessa categoria analítica, os resultados apresentados abaixo apontam que o modo mais recorrente foi individual pela técnica de apressamento/captura com 31% em relação as outras técnicas (Gráfico 2):

Gráfico 2- Recorrência das técnicas de caça.

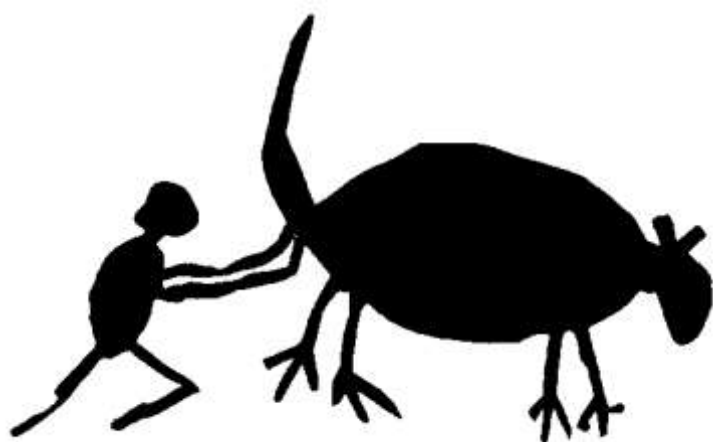


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A partir do resultado da técnica de caça mais recorrente entre as cenas, buscou-se identificar o grupo de animal mais caçado por essa técnica. O gráfico seguinte (Gráfico 3) apresenta que o animal mais caçado por apressamento/captura foi o tatu com 71% de recorrência.

Os dados quantitativos nos fornecem de maneira expressiva que os tatus foram caçados de modo individual pela técnica de apressamento/ captura (Figura 136). Provavelmente essa técnica foi influenciada pelo porte do animal. Observamos que, animais de porte maior foram caçados de modo coletivo.

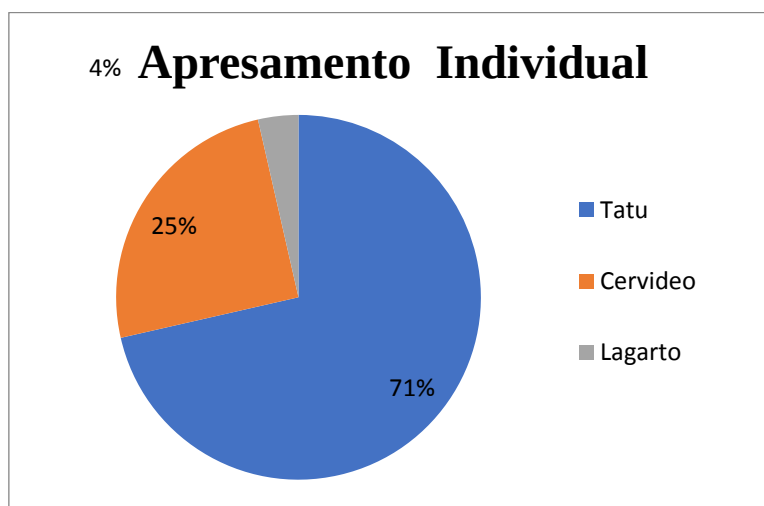
Figura 136- Cena 3 vetorizada: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Por outro lado, animas de porte maior como, por exemplo, cervídeos e felinos foram caçados de modo coletivo, através de encurralamento, abatimento com uso de armas e armadilhas em sua maioria.

Gráfico 3- Técnica de apresamento individual.



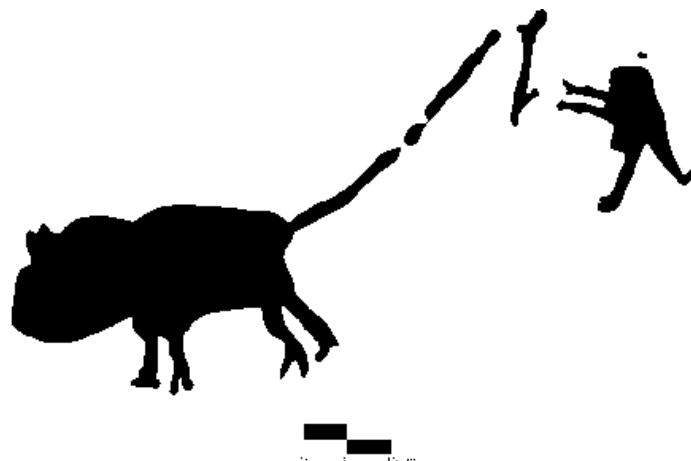
Fonte: Elaborado pela autora (2018).

7.3 CULTURA MATERIAL

Somos uma forma de existência dotada de capacidades criativas, a cultura material por sua vez nasce na mente e é materializada no mundo físico.

Essa criação é influenciada pelas nossas necessidades, desenvolvida a partir dos elementos disponíveis no meio em que habitamos e transmitida para a próxima geração que por sua vez aperfeiçoará, utilizará ou a descartará (Figura 137).

Figura 137- Cena 1 vetorizada: Sítio Toca do Veredão VII



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A categoria analítica **cultura material** refere-se aos artefatos utilizados como instrumento durante a caça. Identificamos entre as 90 cenas de caça que compõe essa pesquisa, 45 cenas com cultura material presente, caracterizadas em cinco tipos diferentes, apresentadas e distribuídas no quadro abaixo (Quadro 6):

Quadro 6- Tipos de cultura material reconhecidas.

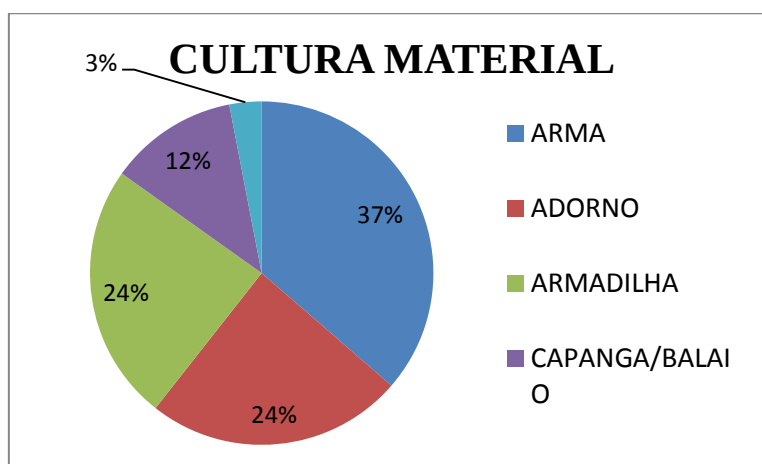
CULTURA MATERIAL	TOTAL DE CENAS
ARMA	12
ADORNO	8
ARMADILHA	8
CAPANGA/BALAI	4
NÃO IDENTIFICADO	1

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

As **armas** 37% correspondem a maior recorrência da cultura material identificada (gráfico 4) predominantemente presente nas cenas de caça de

animais com grande porte. Os **adornos** e as **armadilhas** correspondem a 24% das recorrências. Os capangas/balaies identificados como uma espécie de acessório para caça corresponde a 12% das recorrências e a cultura material **não identificada** representam 3%.

Gráfico 4- Recorrência de cultura material.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

As **armas** identificadas como a maior recorrência da cultura material estão presentes predominantemente nas cenas de caças de felino. Provavelmente, essa recorrência se deu pelo fato do felino por ser um dos animais mais complexo de se caçar.

Os felinos possuem espinha flexível possibilitando que subam em árvores, o seu olfato e audição são aguçados e apresentam uma capacidade noturna ampliada, tornando um grupo de animais difíceis de capturar. A caça ao felino se destaca entre as demais cenas, por apresentar o maior número de figuras humanas com armas (27) presente em uma caça (Figura 138).

Figura 138- Cena 2 vetorizada: Sítio Toca da Baixa das Cabaceiras.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Os **adornos** 24% foram representados com recorrência entre as cenas de caça ao cervídeo e caça ao felino. Um detalhe considerável é que as figuras humanas que usam adornos, não fazem uso de armas durante a caça.

A classificação da utilidade dos **adornos** no ato da caça, possivelmente representam uma distinção da hierarquia social, ou pelo modo como estão presente na cenografia, poderiam ter sido utilizados como meio de disfarce para determinadas caças.

A cena vetorizada abaixo (Figura 139) corresponde à caça de cervídeo através da técnica de aproximação, onde a figura humana atrai o cervídeo para perto de si dando-lhe algo sem uso de arma. O fascinante dessa representação é que possivelmente o adorno foi utilizado como disfarce, pois suas características morfológicas lembram as galhadas (chifre do cervídeo).

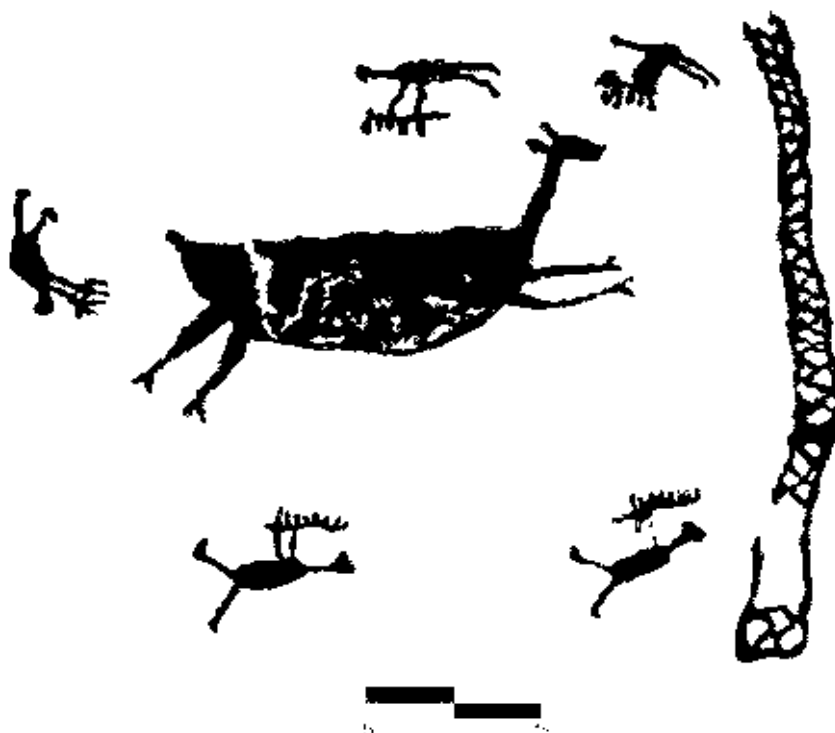
Figura 139- Cena 1 vetorizada: Sítio Toca do Veredão VIII.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

As **armadilhas** 24% foram recorrentes em cenas de caça ao cervídeo. Possivelmente o uso das armadilhas na caça ao cervídeo se ocorreu, por ser um grupo de animais ágeis. A cena vetorizada abaixo (Figura 140) corresponde à caça de cervídeo onde cinco antropomorfos encurralam o animal com uso de armas e armadilha.

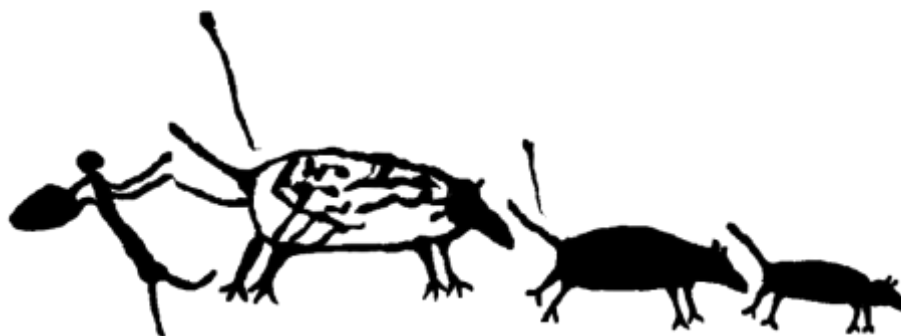
Figura 140- Cena 2 vetorizada: Sítio Toca do Estevo III.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

As **capanga/balaio** (4 cenas) representam 12% entre a cultura material. Foram identificadas nas cenas de caça ao tatu (figura 141), ao cervídeo e caça a ema. A classificação da sua utilidade na caça foi deduzida de forma hipotética. Pelo modo como interagem nas cenas, possivelmente foi utilizado como acessório de caça.

Figura 141- Cena 2 vetorizada: Sítio Toca do Veredão VIII.

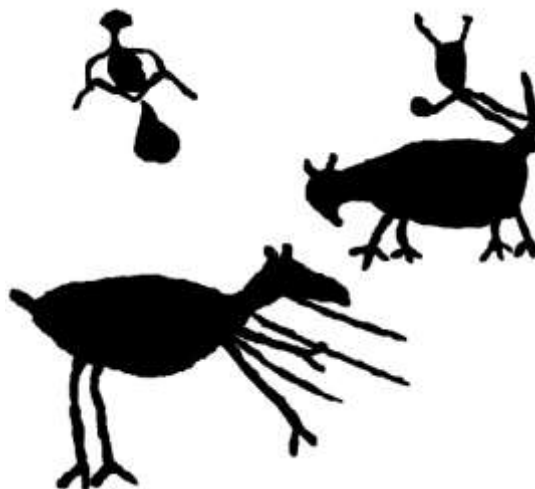


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

As cenas com cultura materiais não identificadas representam 3% das recorrências entre as cenas de caça. Os elementos reconhecíveis na cenográfica abaixo (figura 142) representam dois animais (zoomorfos) possivelmente abatidos por presenças de armas no pescoço e duas figuras humanas (antropomorfos) em movimento.

A figura humana do lado direito da cena captura o animal pela cauda e a outra aparentemente sentada em volta de algo que não identificamos, hipoteticamente pelo contexto cenográfico possivelmente seja uma fogueira. No entanto, a interpretação dos grafismos rupestres permeia o campo da subjetividade. Podemos identificar os elementos reconhecíveis de uma temática através do signo, porém não temos acesso ao significado.

Figura 142- Cena 8 vetorizada: Sítio Toca de Cima do Fundo do BPF.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

No momento em que os hominídeos dominaram o fogo, as noites perigosas se tornaram tranquilas, não havia mais necessidade de se esconderem ou lutarem contra animais selvagens. As fogueiras possivelmente foram utilizadas como instrumento para aquecer, afastar os predadores e para cozimento de alimentos, proporcionando de certa maneira, mais tempo para se pensar, possibilitando o aceleração do processo de desenvolvimento da cultura humana.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa identificou os elementos reconhecíveis nas pinturas rupestres da temática de caça, caracterizando 90 cenas distribuídas em 30 sítios arqueológicos⁹ no Parque Nacional Serra da Capivara-PI, uma das áreas arqueológicas mais relevantes cientificamente para as hipóteses da ocupação humana no continente americano, constituído por uma das maiores concentrações de pinturas rupestres já encontrados na história da humanidade.

A amostra desta pesquisa destaca-se por apresentar o triplo de cenas de caça, em relação a outras bibliografias sobre que abordam essa temática Justamand, 2007; Castro, 2009; Borges, 2017; Belarmino, 2019. Ampliando hipóteses, resultados e discussões sobre a identidade gráfica dos grupos humanos caçadores que habitaram essa região.

A temática como elemento, recuperamos em congruências e tem um peso muito importante por constituir marcadores. Eles nos permitem informar interesses dos grupos humanos pré-coloniais possibilitando a reconstrução de seu mundo simbólico.

Ao identificar os elementos reconhecíveis que possibilitaram a caracterização da temática de caça, a saber: antropomorfos, zoomorfos e cultura material. Verificarmos que, nem sempre eles são representados simultaneamente na mesma cena, distinguimos uma variedade de cenografias para essa temática: Cenas de caçadores confeccionando armadilha de caça (antropomorfo e cultura material)¹⁰; Cenas de caça sem cultura material (antropomorfos e zoomorfos)¹¹; Cenas de caça com cultura material (antropomorfos, zoomorfos, cultura material)¹².

Com a identificação das cenas de caça e sua distribuição na área arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara- PI, tal pesquisa, pode ser utilizada como ferramenta metodológica para a implantação de um arqueoturismo temático na região, ampliando sua contribuição acadêmica e social.

⁹ Para consultar as 90 cenas de caça identificadas, consultar BELARMINO 2023.

¹⁰ Figura 36: Cena 02. Sítio Toca do Pajaú.

¹¹ Figura 29: Cena 05. Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca.

¹² Figura 62: Cena 1 Sítio Toca do João Arsená.

A caracterização das cenas de caça possibilitou alcançar os objetivos específicos. Identificamos que os tipos de caça foram: caça ao tatu, ao cervídeo, ao felino, ao lagarto, a ema, a capivara, ao macaco e caça ao peixe. Verificamos que a maior recorrência de animais caçados, foram o tatu e cervídeo, ambos com 41% cada em relação a demais cenas.

Identificamos que as caças foram realizadas de modo individual e coletivo através das técnicas por apressamento, abatimento, encurralamento, perseguição e aproximação. Verificamos que a recorrência maior foi caça de tatu individualmente pela técnica de apresamento/captura com 71% totalizando 20 cenas.

Identificamos a cultura material presente nas cenas: armas, adornos, armadilhas, capangas e fogueira. Verificamos que as armas com 37% foram as mais recorrentes. Observamos que, sua utilização foi predominantemente na caça aos felinos (12 cenas).

Analisamos recorrentemente que os animais de pequeno porte foram caçados individualmente através da técnica de apresamento/captura sem uso de cultura material. Enquanto, os animais de porte maior foram caçados coletivamente pela técnica de encurralamento com uso de cultura material (armas, armadilhas, adornos). Este resultado nos permite levantar a hipótese que o porte dos animais e sua velocidade, possivelmente influenciaram no desenvolvimento dos modos e das técnicas de caça.

Foi constatada a recorrência dominante da representação da caça de tatu e cervídeo. Possivelmente a recorrência pode ter sido influenciada à disponibilidade de grupos de animais endêmicos na área, preferências alimentares, a medida da prolongada relação dos autores com a paisagem local, singularizando atributos gráficos a sua identidade.

Uma coisa é o ato de representar uma cena caça, outra coisa distinta é o ato de caçar. Como forma de continuidade desta pesquisa, sugerimos verificar se nos sítios onde prevalecem às pinturas de caça de tatu, existem os mesmos elementos faunísticos no contexto das escavações realizadas.

Milhares de anos foram necessários para o processo evolutivo da espécie humana. Atualmente, o homo sapiens- sapiens ou “homem pós-moderno” distancia a cada dia mais da natureza, vivendo em “selvas de

pedras” como caçador e caça e em uma lógica predatória de quem for mais esperto e mais rápido, sobreviverá.

Caminhando a passos rápidos para destruição, o homem tornou-se predatório da natureza e de todas as formas de existências nelas contidas (água, solo, vegetais, animais) utilizando todos os elementos que temos a nossa disposição, não mais para suprir a necessidade de subsistências. Mas, para satisfazer prazeres, os rios estão sendo poluídos, as florestas desmatadas e animais entrando em extinção.

Na luta pela subsistência, os grupos humanos antepassados utilizaram o suporte dos abrigos rochosos da Serra da Capivara, para transmitir em suas representações gráficas, as técnicas de caças bem-sucedidas, capturando, encurralando, perseguindo e abatendo os animais. Mas, também expressaram suas derrotas em caças mal sucedidas (figura 14) onde o instinto do animal em sobreviver foi representado em combates atacando os humanos, deixando a lição de que os humanos não devem considerar-se superiores a nenhuma forma de existência. Pois, na luta pela sobrevivência, tanto os humanos quanto os outros animais querem viver.

“Um dia é do caça, e outro é do caçador”.



REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A.G; PESSIS, A.M *et al.* **Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí Brasil.** Fundação do Homem Americano. São Paulo: Typelaser Desenvolvimento Editorial Ltda, 1998
- AZEVEDO NETTO, C. X. O conceito de mito aplicado à arte rupestre. **Revista de Arqueologia**, Pelotas, v. 11, n. 01, p. 27-41, 1998.
- BAHN, P. G. **Journey Through the ice age.** Los Angeles: University of California Press, 1988.
- BARGO, M. S. *et al.* El registro de mamíferos del Pleistoceno tardío – Holoceno temprano del centro oeste de Argentina. *In*: Zárate, M.; GIL, A.; NEME, G. **Condiciones paleoambientes y ocupaciones humanas durante la transición Pleistoceno-Holoceno y Holoceno de Mendoza.** Buenos Aires: Sociedad Argentina de Antropología, 2010.
- BEDNARIK, R. G. Middle Pleistocene beads and symbolism. **Anthropos**, [s.l.], v. 100, n. 2, p. 537-552, 2005.
- BELARMINO, V. S. **Caçadores da Pré- História: recorrências temáticas nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara-PI.** São Paulo: Alexa Cultural, 2019.
- BINFORD, L. **Em Busca do Passado: a descodificação do registro arqueológico.** Portugal: Publicações Europa-América, 1983.
- BORGES, L. de M. **Sincronia e Diacronia nas cenas de caça do Parque Nacional Serra da Capivara – PI.** 2017. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Caderno da Região Hidrográfica do Parnaíba.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006.
- BREUIL, H.; WINDELS, F. **Quatre cents siècles d'art pariétal: les cavernes ornées de l'âge du Renne.** Montignac: Centre d'Études et de Documentation Préhistoriques, 1952.
- BUCO, C. A. **Arqueologia do movimento: relações entre arte rupestre, arqueologia e meio ambiente, da pré-história aos dias atuais, no Vale da Serra Branca: Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil.** 2012. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD/Portugal, Vila Real, 2012.
- CASTRO, L. M. **Caracterização das cenas de caça da Subtradição Várzea Grande na área arqueológica da Serra da Capivara – PI.** 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arqueologia e Preservação Patrimonial) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato, 2009.
- CASTRO, L. M. de. **Representações sexuais na pré-história, Parque Nacional Serra da Capivara: padrões cenográficos.** 2010. Trabalho de

Conclusão de Curso (Bacharelado em Arqueologia e Preservação Patrimonial) – Universidade Federal Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato, 2010.

CISNEIROS, D. S. **Similaridades e diferenças nas pinturas rupestres pré-históricas de contorno aberto no Parque Nacional Serra da Capivara – PI.** Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

CLOTTE, J.; LEWIS-WILLIAMS, D. **Les Chamanes de la Préhistoire:** texte intégral, polemiques et réponses. Paris: La Maison des Roches, 2001.

EMPERAIRE, L. **La caatinga du sud-est du Piauí (Brésil):** Étude ethnobotanique. 1980. Tese (Doutorado em Botânica Tropical) - Université Pierre et Marie Curie-Paris VI, Paris, França, 1980.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI:** o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GASPAR, M. **A arte rupestre no Brasil.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GÓNGORA Y MARTÍNEZ, M. **Antigüedades prehistóricas de Andalucía:** monumentos, inscripciones, armas, utensilios y otros importantes objetos pertenecientes a lostiempos más remotos de supoblación. Madrid: Nabu Press, 1868.

GUÉRIN, C. Fauna fóssil. In: _____. **Plano de Manejo do Parque nacional Serra da Capivara.** Brasília: FUMDHAM, 1991, p. 228-236.

GUIDON, N. **L'arte rupestre du Piauí dans le contexte sudaméricain:** une première proposition concernant méthodes et terminologie. 1984. Tese (Doctorat d'Etat-es-Lettres) - Université de Paris I, Panthéon-Sorbonne, Paris, 1984. 1132 p.

GUIDON, N. Notas sobre dois sítios da área Arqueológica de São Raimundo Nonato (Piauí). **Revista Clio – Série Arqueológica,** Recife, n. 4, p. 41-46, 1991. Edição especial Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste (1989).

GUIDON, N. Parque nacional Serra da Capivara: modelo de preservação do patrimônio arqueológico ameaçado. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,** Brasília, n. 33, p.75-93, 2007.

GUIDON, N. Tradições Rupestres na Área Arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil. **Revista CLIO – Série Arqueológica,** Recife, n. 5, p. 5-10, 1989.

HODDER, I. **Interpretación en Arqueología:** Corrientes actuales. Barcelona: Editora Crítica, 1994.

INGOLD, T. **Key Debates in Anthropology.** [Abingdon]: Routledge, 1996.

JUSTAMAND, M. **O Brasil desconhecido:** as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009.

KESTERING, C. **Identidade dos grupos pré-históricos de Sobradinho-BA.** 2007. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

KIPNIS, Renato. Como o homem caçava e se alimentava na Pré-História? **Revista Super Interessante**, São Paulo, 18 abr. 2011.

KI-ZERBO, J. **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010. 992 p.

LAGESE. **Mapa Geológico do Parque Nacional Serra da Capivara**. Recife, UFPE, 1 mapa colorido, 47,5x 55,5 cm, Escala 1.500.000.

LAMING-EMPERAIRE, Annette. **Art rupestre et organisation social**. In: SIMPOSIUM INTERNACIONAL DE ARTE RUPESTRE, 1972, Santander. Separata de Actas. Santander, 1972.

LAMMING-EMPERAIRE, A. **La signification de l'art rupestre paléolithique: méthodes et applications**. Michigan: A & J. Picard, 1962.

LEAKEY, R. **A evolução da humanidade**. Brasília: UnB, 1981.

LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. **Ecologia e Conservação da Caatinga**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2003.

LEROI-GOURHAN, A. **O gesto e a palavra: memória e ritmos**. Lisboa: Edições 70, 1985. v. 2.

LEWIN, R. **Evolução Humana**. São Paulo: Atheneu Editora, 1999.

LEWIS-WILLIAMS, D. J.; CLOTTES, J. The Mind in the Cave — the Cave in the Mind: Altered Consciousness in the Upper Paleolithic. **Anthropology of Consciousness**, v. 9, n. 1, p. 13-21, 1998.

MARTIN, G. **Pré- história do Nordeste do Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

MARTIN, G. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 4. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2005

MARTIN, G. **Pré-história do nordeste do Brasil**. Recife: Editora UFPE, 2008.

MITHEN, S. **A Pré-história da Mente: busca das origens da arte, da religião e da ciência**. São Paulo: UNESP, 2033. 426p.

MONZON, S. Análise dos traços de identificação – estudo de um caso: a Toca da Entrada do Baixão da Vaca. **Revista Clio – Série Arqueológica**, Recife, n. 1, p. 63-79, 1984.

MORIN, E. **O paradigma perdido: a natureza humana**. Lisboa: Publicações Europa- América, 1999.

NÖTH, W. **Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce**. São Paulo: Annablume, 1995.

OLIVEIRA, L. D. Arte rupestre no Rio Grande do sul: semiótica e estereoscopia. **FUMDHAMENTOS**, São Raimundo Nonato, v, 7, p. 469-490, 2006.

PANTER-BRICK, C.; LAYTON, R. H. **Hunter-gatherers: an interdisciplinary perspective**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PARENTI, F.; FONTUGNE, M.; Guérin C. Pedra Furada, Brasil e a sua "presumida" evidência: limitações e potencial dos dados disponíveis. **FUMDHAMENTOS**, São Raimundo Nonato, v. 1, p. 395-408, 1996.

PASCUA TURRIÓN, Joseph F. El arte paleolítico: historia de la investigación, escuelas interpretativas y problemática sobre su significado. **Arqueoweb: Revista sobre Arqueología en Internet**, Murcia, v. 7, n. 2, 2005.

PELLERIN, J. Les bases physiques. In: GUIDON, N. (org.). **L'aire archéologique du sud-est du Piauí**. Paris: Recherche sur les Civilisations, 1984. p.11-22.

PESSIS, A. M. Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-históricos do Nordeste do Brasil. **Revista Clio – Série Arqueológica**, Recife, n. 8, p. 35-68, 1992.

PESSIS, A. M. **Imagens da Pré- História**: Parque Nacional Serra da Capivara. São Paulo: FUMDHAM, 2003.

PESSIS, A. M. **Les premiers registres de la mise en scène**. 1987. Tese (Doutorado) – Université de Paris, Nanterre, Paris, 1987.

PESSIS, A. M. Registros rupestres, perfil gráfico e grupo social. **Revista Clio– Arqueológica**, Recife, v. 1, n. 9, p. 7-14, 1993.

PEYRONY, D. **Préhistoire III**: La Ferrassie (Moustérien, Perogordien, Aurignacien...). [S.l.: s.n.], 1934. p. 1-92.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília, Ed. UnB, p. 511- 515. (1992).

PROUS, A. Le plus ancien art rupestre du Brésil central: état de la question. In: CLOTES, Jean (Org). **L'art pléistocène dans le monde**: pleistocene art of the world. Tarascon-sur-Ariège, [s.n.], 2012.

QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M. L. de O.; OLIVEIRA, M. G, M. de. **Um toque de clássicos**: Marx, Durkheim e Weber. 2. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

SANTOS, J. C. dos. **O quaternário do Parque Nacional Serra da Capivara e entorno, Piauí, Brasil**: morfoestratigrafia, sedimentologia, geocronologia e paleoambientes. 2007. Tese (Doutorado em Geociências) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

SERRES, M. **Hominescências**: o começo de uma outra humanidade. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2003.

TURRIÓN, J. F. P. El arte paleolítico: historia de la investigación, escuelas interpretativas, y problemática sobre su significado. **Arqueoweb: Revista sobre Arqueología en Internet**, Murcia, v. 7, n. 2, 2005.

UCKO, P.; ROSENFELD, A. **A arte paleolítica**. Madrid: Guadarrama, 1967.

VIANA, V.; BUCO, C.; SANTOS, T. dos; SOUSA, L. D. Arte rupestre. *In*: GRIECO, B.; TEIXEIRA, L.; THOMPSON, A. (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro; Brasília: IPHAN, 2016.

VILLAVERDE, V.; MARTÍNEZ VALLE, R. (Orgs.). **La cova dels cavales em el barranc de la valltorta**. Tírig: Museu de la Valltorta, 2002.

WILSON, Edward Osbourne. **A conquista social da Terra**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 392p, 2013.